

O SALÃO CENTRAL EBORENSE

a vivência quotidiana do Centro Histórico de Évora como
foco para a sua revitalização

Inês Isabel Garcia Amaro
(Licenciada)

Orientação Científica:

Orientador: Professor José Afonso

Coorientador: Professor Paulo Pereira

Júri:

Presidente: Professora Isabel Rosa

Arguente: Professor Francisco Agostinho

RESUMO

A forma actual como encaramos o património dos nossos centros históricos toma forma de uma dicotomia entre o esquecimento e o aproveitamento económico através do turismo. É fundamental no contexto do Centro Histórico de Évora perceber de que forma estas duas vertentes se manifestam para poder ter uma visão mais abrangente do seu funcionamento e das necessidades da população. Desta forma permitindo intervir em lugares que possam contribuir para a melhoria do quotidiano da cidade, criando uma solução mais equilibrada entre habitantes e turistas.

O Salão Central Eborense é um desses lugares, icónico durante todo o século XX, hoje esquecido. Pretendemos perceber como ele se integra na malha urbana do Centro Histórico e particularmente a sua articulação, ou desarticulação, com a envolvente próxima, em termos morfológicos, funcionais e, mais importante, ao nível da memória colectiva.

De onde decorre, a necessidade de uma proposta de revitalização e refuncionalização deste edifício, percebendo o equilíbrio das pré-existências e das transformações que o habilitem a regressar à "ordem urbana", sem ceder à "turistização traumática", mas antes agregando a si a noção de memória activa.

PALAVRAS CHAVE

Património Mundial | Centro Histórico | Turismo | Mapa Mental | Cinema

The current way in which we see the patrimony of our historical centres takes the shape of a dichotomy between forgetting and economical exploitation through tourism. It is fundamental in the context of the Historical Centre of Évora to understand how these two sides manifest, in order to have a broader view of how the Historical Centre functions and what the necessities of the population are. This way allowing the intervention in places that might contribute to a betterment of everyday life in the city, creating a more balanced solution between inhabitants and tourists.

The Salão Central Eborense is one of those places, iconic throughout all 20th century, today forgotten. We intend to understand how it integrates itself in the urban mesh of the Historical Centre and, particularly, its articulation, or disarticulation, with the close surroundings in terms of morphology, function and, most importantly, collective memory.

From which it derives the necessity of a proposal of revitalizing and refunctioning of this building, understanding the equilibrium of the existing buildings and the transformations that may allow it to return to the “urban order”, without giving in to the “traumatic touristization”, but gathering in itself the notion of active memory.

Antes de passar ao documento propriamente dito, há algumas pessoas que foram fundamentais neste processo e às quais quero agradecer.

À minha família, especialmente à mãe Inácia, por todo o apoio e compreensão.

Ao Dragan, direi apenas na sua língua materna, ja želim...

Amigos da faculdade, que passaram pelas mesmas lutas que eu, em especial ao Francisco pelo companheirismo.

Amigos da minha terra natal que retrato aqui e que, apesar de espalhados um pouco pelo país e pelo mundo, continuam a ter um papel importante na minha vida.

Aos orientadores, professor José Afonso e professor Paulo Pereira, por todo o apoio e inspiração.

Introdução	1
1 Património e turismo	3
Aproveitamento <i>versus</i> Esquecimento	6
2 Centro Histórico de Évora	7
2.1 Planos e ideais de recuperação	9
2.2 Residentes <i>versus</i> turistas	13
2.3 Os Eborenses	19
O Centro Histórico de Évora	20
Mapa mental	21
Rua de Valdevinos e Pátio do Salema	23
Salão Central Eborense	24
Algumas conclusões	25
3 Do Pátio do Salema ao Largo de São Vicente	27
4 Dos primeiros animatógrafos ao Salão Central Eborense	39
4.1 Os primeiros animatógrafos	40
4.2 As primeiras décadas do Salão Central Eborense	41
4.3 O projecto de Keil do Amaral	46
4.4 Encerramento e tentativas de recuperação	54
5 Centro Cultural de Évora	69
Projecto Urbano	72
O novo Salão Central Eborense	79
Peças desenhadas	83
6 Considerações Finais	137
Bibliografia	141
Anexos	147

Capa – fotografia da autora, 2016

1 – Planta da cidade de Évora, levantamento cedido pela C.M.E.

2 - Evolução de estabelecimentos no C.H.E. retirada de: SIMPLÍCIO, Maria - "A Cidade de Évora e a relevância do Centro Histórico". "A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras".

3 – Fotografia Praça do Giraldo, pela autora, 2016

4, 5 e 6 – Fotografias da Praça do Giraldo, pela autora, 2016

7– Vista da cidade de Évora, fonte Google Earth

8 - Reconstituição da Praça Grande no início do século XVI, do livro *"500 anos Foral de Évora: A cidade de Évora na época medieval"*

9 – Planta de conjunto, pela autora, 2016

10 – Fotografia final da arcada de ligação entre a Praça do Giraldo e o Largo de São Vicente, pela autora, 2016

11 – Fotografia do início do Largo de São Vicente, pela autora, 2016

12 – Fotografia vista principal Igreja de São Vicente e esplanadas do Largo de São Vicente, pela autora, 2016

13 – Fotografia Escadinhas de São Vicente, pela autora, 2016

14 – Fotografia Escadinhas de São Vicente, pela autora, 2016

15 – Fotografia vista do topo das Escadinhas de São Vicente, pela autora, 2016

16 – Fotografia Salão Central Eborense, pela autora, 2016

17 – Fotografia pormenor torre da Rua da Alcárcova de Baixo, pela autora, 2016

18 – Fotografia entrada no Pátio do Salema, pela autora, 2016

19 – Fotografia arcada do Pátio do Salema, pela autora, 2016

20 – Fotografia vista da Casa Nobre do Pátio do Salema – actual S.O.I.R. J.A.A., pela autora, 2016

21 – Fotografia vista Alçado Norte do Salão Central Eborense, pela autora, 2016

22 – Fotografia vista da Catedral da varanda de remate da arcada, pela autora, 2016

23 – Fotografia vista da Casa Nobre do Pátio do Salema, blog Viver Évora, cerca de 1915

<http://viverevora.blogspot.pt/2010/11/evora-perdida-no-tempo-patio-do-salema.html>

24 – Fotografia Baile na S.O.I.R. J.A.A. no Pátio do Salema, blog Viver Évora, 1947

<http://viverevora.blogspot.pt/2011/06/evora-perdida-no-tempo-baile-na.html>

25 – Fotografia vista da arcada no Pátio do Salema, por Helena Amaro, 1994

26 – Fotografia fachada S.O.I.R. J.A.A., por Helena Amaro, 1994

27 – Fotografia das comemorações 25 de Abril no Pátio do Salema – vista da arcada do Pátio do Salema, pela autora, 2016

28 – Fotografia comemorações 25 de Abril no Pátio do Salema fachada S.O.I.R. J.A.A a, pela autora, 2016

29 – Fotografia Cinema Éden Esplanada, no vazio onde era antes o Convento de Santa Catarina, blog Viver Évora

<http://viverevora.blogspot.pt/2012/02/evora-perdida-no-tempo-sala-do-eden.html>

30 – Fotografia interior do Salão Central Eborense em 1934, cedida pelo Arquivo Fotográfico de Évora

31 – Planta Piso 0 Salão Central Eborense – projecto de 1922, Arquivo Departamento de Urbanismo C.M.E.

32 – Planta Piso 1 Salão central Eborense – projecto 1922, Arquivo Departamento de Urbanismo C.M.E.

33 - Alçado Sul Salão Central Eborense – projecto 1922, Arquivo Departamento de Urbanismo C.M.E.

34 – Planta Piso 0 Salão Central Eborense – projecto de 1945, Arquivo Departamento de Urbanismo C.M.E.

35 - Planta Piso 1 Salão central Eborense – projecto 1945, Arquivo Departamento de Urbanismo C.M.E.

36 - Alçado Sul Salão Central Eborense – projecto 1945, Arquivo Departamento de Urbanismo C.M.E.

37 – Fotografia pormenor esfera armilar, pela autora, 2015

38 – Fotografia pormenor símbolo de Évora estilizado, pela autora, 2015

39 - Fotografia pormenor de remate do gaveto, pela autora, 2015

40 - Fotografia Interior Salão Central Eborense – 1945, blog Viver Évora

http://4.bp.blogspot.com/-mOikXBKe_QY/T_CUt4RjmPI/AAAAAAAAAPYc/OITTPCUsekg/s1600/Sal%C3%A3o+Central+Eborense.5%5B1%5D.jpg

41 - Fotografia Alçado Norte Salão Central Eborense – 1945, blog Viver Évora

http://viverevora.blogspot.pt/2012/07/evora-perdida-no-tempo-salao-central_03.html

42 – Fotografia interior Salão Central Eborense – 1945, blog Viver Évora

<http://viverevora.blogspot.pt/2012/07/evora-perdida-no-tempo-interior-do.html>

43 – Fotografia Alçado Sul Salão Central Eborense – 1945, blog Viver Évora

<http://viverevora.blogspot.pt/2011/11/evora-perdida-no-tempo-fachada.html>

44 – Conjunto de pinturas decorativas alusivas ao Alentejo, blog Viver Évora e autora

<http://viverevora.blogspot.pt/2012/07/evora-perdida-no-tempo-pormenor-do.html>

45 – Cartaz filme “Um homem às direitas”, site CINEPT cinema português

<http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/3123/Um+Homem+%C3%A0s+Direitas>

46 – 54 – Fotografias do interior do Salão Central Eborense, pela autora, 2016

55 – 60 – Fotografias do exterior do Salão Central Eborense, pela autora, 2016

61 – Planta de conjunto, pela autora, 2016

62 - Fotografia pormenor escadinhas de São Vicente, pela autora, 2016

63 - Fotografia Escadinhas de São Vicente, pela autora, 2016

64 - Fotografia Rua 5 de Outubro, pela autora, 2016

65 - Fotografia Rua da Alcárcova de Cima, pela autora, 2016

65 - Fotografia pormenor da transição entre a Rua de Valdevinos e a Rua 5 de Outubro, pela autora, 2016

66 – Desenhos para estudo da forma das novas escadas para o Salão Central Eborense, pela autora, 2016

67 - Axonometria do novo projecto do Salão Central Eborense, com distinção de funções, pela autora, 2016

LISTA DE ABREVIATURAS/ACRÓNIMOS

SCE – Salão Central Eborense

CME – Câmara Municipal de Évora

CHE – Centro Histórico de Évora

DPT – Divisão de Promoção Turística

S.O.I.R. J.A.A. – Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António de Aguiar

As soluções arquitectónicas e urbanísticas estão sempre ligadas a um determinado número de escolhas, decisões, pensamentos, ideais em relação à noção de cidade e à forma como esta funciona. É fundamental nesta tomada de decisões ter uma visão global daquilo que é a cidade, não pensar a cidade apenas como um conjunto articulado de ruas hierarquizadas, praças, edifícios, etc. A cidade é o local onde os indivíduos interagem, onde a vida se desenrola. E tal como esta interacção modela e influencia o espaço onde toma lugar, também o lugar tem o poder de influenciar e interagir com os indivíduos.

É nesta visão global de cidade que pretendemos analisar o caso particular do Centro Histórico de Évora. A análise da sua história, topografia, morfologia, componentes estruturantes, mas principalmente o seu dinamismo e a sua vida quotidiana actual. Isto é, a interacção da população local no Centro Histórico e o seu sentido de pertença num local onde a principal fonte de rendimento é o turismo. Como cidade classificada pela UNESCO de Património da Humanidade, o turismo desempenha um papel fundamental na vida da cidade e influencia, não só a forma como as entidades competentes, como Câmara Municipal, tomam as suas decisões, mas também a forma como os eborenses vêm a sua própria cidade e vivem nela. É neste sentido que se torna fundamental compreender os efeitos da valorização excessiva do turismo e perceber de que forma isso afecta a vida na cidade.

Assim se inicia a abordagem ao tema com a análise dos princípios de salvaguarda do património através dos tempos. Para depois, com o olhar nas análises feitas por diversos autores, debater questões como a "museificação" da cidade, de que fala Françoise Choay, levada a cabo através de uma valorização excessiva dos "testemunhos do passado portadores de uma identidade ameaçada" a qual deixa marcas na vida do lugar.

Consideramos também imprescindível neste trabalho a análise das acções de recuperação e valorização do património e perceber como passam a responder à premissa da "tipificação" da cidade segundo um estereótipo que se acredita ser o mais correcto. Ao mesmo tempo é necessário perceber como intervir na cidade de forma a contrariar a tendência de abandono destes centros, contribuindo para a sensação de "parque temático".

Partindo, então, do contexto do Centro Histórico de Évora, vamos tentar perceber de que forma os eborenses vêm a sua cidade e se deslocam nela, utilizando as ferramentas desenvolvidas por Kevin Lynch, nomeadamente o conceito de mapa mental. Desta forma respondendo a algumas questões como: de que forma o CH ainda desempenha um papel importante no quotidiano dos habitantes de Évora? Quais os locais que mais influenciam as deslocações da população dentro do CH? Entre outras. Respondendo a estas questões propomos em seguida voltar o nosso olhar para

lugares que, não constituindo focos de dinamização e atracção turística se afirmam na memória colectiva e na identidade da população local. É o caso do cine-teatro Salão Central Eborense. Este edifício, que perfaz este ano 100 anos da primeira abertura enquanto cinema, desde o início se afirmou como lugar icónico na vida cultural da cidade, fazendo as delícias de várias gerações até ao seu encerramento definitivo em 1988.

Após várias transformações nas primeiras décadas da sua existência enquanto cinema, o edifício que hoje conhecemos data de 1945 e é da autoria de Francisco Keil do Amaral, numa época em que as suas opções estéticas se integravam perfeitamente naquilo que ficou conhecido como o estilo “português suave”. Com integração de elementos arquitectónicos e decorativos de cariz tradicional, nacional e regionalista, este edifício desde logo se integrou perfeitamente na sua envolvente.

É, portanto, neste lugar do Centro Histórico de Évora que vamos concentrar a nossa atenção, na execução de um projecto de arquitectura que proponha a recuperação e refuncionalização deste espaço, tornando-o activo no contexto cultural eborense e recuperando também espaços da sua envolvente que, tal como o Salão, se encontram esquecidos e apenas à espera de uma oportunidade de mostrar o seu potencial.

1 PATRIMÓNIO E TURISMO

Para melhor compreender a forma como são encarados hoje os centros históricos europeus e com vista a uma análise alargada do caso particular do Centro Histórico de Évora, consideramos importante começar por perceber de que forma é feita a salvaguarda do património destes centros históricos. Mas para isso é necessário perceber de que forma é que as classificações destes lugares, nomeadamente pela UNESCO, contribuem para uma maior protecção e relação entre habitante e monumento.

Após uma análise dos tipos de protecção do património através dos séculos (em anexo), que nos levou desde o *Quattrocento* e a preservação de “antiguidades” clássicas até às primeiras intervenções a nível do estado logo após a Revolução Francesa, chegamos então ao século XX. Aqui assistimos a uma progressão rápida nos mecanismos de defesa do património, primeiro através de associações e instituições e depois gradualmente a nível de instituições internacionais como a UNESCO.

“O maior salvamento arqueológico de todos os tempos pôde realizar-se e nasceu então um novo conceito, o de «património comum da humanidade» (...).¹

Assim descrito por Lacroix, a reacção mundial sem precedentes para a protecção do monumento de Abu Simbel no Egipto, desencadeou o trabalho incansável que conhecemos hoje da UNESCO. No entanto, bem longe desta primeira vitória, o trabalho de classificação de lugares e monumentos aparece como uma faca de dois gumes: por um lado, estes lugares são considerados como locais de fruição, de prazer e de conhecimento, por outro lado são produtos com um determinado “branding” destinados a serem vendidos naquilo que se assemelha bastante a uma indústria, aqui de produção de cultura. Inserida num modelo económico baseado no conceito de crescimento infinito, também a indústria cultural tem por objectivo a exploração dos monumentos e lugares históricos para a atracção de cada vez mais visitantes. Mais visitantes, mais dinheiro, mais dinheiro mais “desenvolvimento”.

É por isso não difícil de imaginar que, principalmente durante o século XX, se tenha tentado “tipificar” ao máximo os lugares e monumentos que mais importância têm na identidade colectiva de uma comunidade. E exemplos destes há em todo o mundo : *“Reconstituições «históricas» ou fantasistas, destruições arbitrárias, restauros não assumido tornaram-se modos de valorização correntes. Não multiplicarei os exemplos. No Canadá, o centro do velho Quebec, que figura na lista do património mundial, foi objecto de um vasto projecto de finalidade nacionalista e turística, lançado em 1960, que conduziu à destruição de um conjunto de imóveis antigos para os reconstruir, sem base científica, ao estilo da arquitectura francesa do século XVIII. Na Alemanha, a prática legítima de reconstrução idêntica das cidade destruídas durante a guerra, aliada ao gosto tradicional das reconstituições históricas, conduziu, por contágio, à demolição parcial de alguns centros antigos (Weiden na Baviera, Linz nas*

¹ LACROIX, Michel “O Princípio de Noé”, p.30

margens do Reno), em benefício de reconstituições «ideais», que Viollet-le-Duc não teria imaginado.¹

Também em Portugal assistimos ao mesmo tipo de acções de “reconstrução” de alguns monumentos para os tornar mais semelhantes ao ideal que o homem actual projecta para determinada época da sua história. É o caso da Sé de Lisboa, onde, para além de serem retirados alguns elementos de decoração barrocos incluídos após a destruição parcial de algumas partes do edifício durante o terramoto, foram acrescentados e reconstruídos outros (como as ameias, elementos apenas introduzidos nos anos 30 do século passado). E não só, a cargo da DGEMN muitos foram os edifícios por todo o país que sofreram este tipo de transformações, limpezas e acrescentos.

Uma crescente preocupação com a herança dos nossos antepassados e a sua perpetuação para as gerações futuras pode justificar as acções de salvaguarda. No entanto, por esta altura, as intervenções ainda eram feitas com pouca sensibilidade, bem como pouco conhecimento sobre a história e elementos formais, estéticos e simbólicos dos edifícios intervencionados. Actualmente intervenções como estas são uma raridade. No entanto, outras igualmente dolosas tomam o seu lugar. Não porque destroem e reconstróem os monumentos a seu próprio gosto, mas porque de forma subversiva e sob a bandeira do “património mundial” transformam os lugares de fruição e conhecimento em produtos de marketing. Aqui assistimos igualmente a uma desconstrução da imagem do monumento ou do lugar. Desta vez não pelo reagrupar físico do monumento, mas pela alteração da forma como os indivíduos o percebem. A imagem do monumento é manipulada e explorada através dos mais variados meios de comunicação visual, com *slogans* e frases atractivas, para atrair visitantes e tornar o património cultural “mais próximo” da população. No entanto, a simplificação da transmissão dos valores representados pelos monumentos históricos e a venda dos mesmos como produtos do mercado turístico, provoca um crescente distanciamento das pessoas em relação àquilo que deveria fazer parte das suas vidas de forma natural. A população pode olhá-lo, usufruir dos seus atributos estéticos e espaciais, mas ele não vai fazer parte da sua vida quotidiana. Não vai poder estabelecer com ele o tipo de relação natural que estabelece com outros lugares não comercializados, ou que ainda mantêm funções úteis à vida actual e cuja comercialização enquanto produtos turísticos se torna mais difícil. Claro está, que certos monumentos históricos não conseguem comportar as necessidades da vida contemporânea nem manter um papel activo na vida quotidiana, no entanto, o seu *branding* torna difícil a sua integração na vida quotidiana dos habitantes, seja de que maneira for.

¹ CHOAY, Françoise, “Alegoria do Património”, p. 229

É necessário que não nos tornemos consumidores *“estéreis dos valores do passado”*, como referiu Lévi-Strauss, uma vez que *“nos sentimos cada vez menos certos de sermos capazes de produzir outros tão evidentes”*.¹

APROVEITAMENTO *versus* ESQUECIMENTO

A visão actual dos centros históricos pode tomar contornos de “fetichismo do património”² nostálgico e passadista, que não permite a evolução da cidade ao encontro das necessidades da sua população, podendo também tomar contornos de uma “amnésia” que vê o património apenas numa vertente de protecção museológica. Se por um lado a protecção museológica permite conservar intacto aquilo que se quer proteger, esta “amnésia” que Françoise Choay nos descreve produz intervenções arquitectónicas que mais uniformizam e higienizam os lugares históricos. Voltando agora a atenção para o caso de estudo deste trabalho, podemos assistir a ambas estas atitudes no Centro Histórico de Évora, nomeadamente na acrópole – núcleo contido dentro da muralha romana e que conta com inúmeros vestígios de várias épocas, incluindo o Templo Romano e a Sé. Aqui assistimos à preservação ao máximo das características da cidade romana e medieval, ao mesmo tempo que vemos nascer intervenções arquitectónicas como a que foi levada a cabo no antigo Palácio da Inquisição. Este edifício encontra-se integrado no conjunto que conforma a praça onde está o Templo Romano - conjunto formado pela biblioteca e museu municipais - e foi alvo de uma intervenção de “limpeza” visual e de introdução de novos elementos que o destacou dos restantes edifícios, destruindo a coesão desta praça incónica.

No entanto, a transformação deste lugar em espaço de exposições de artistas contemporâneos, locais e internacionais, permite a sua integração na vida cultural da cidade e dá-lhe um papel activo no quotidiano eborense. É por isto que a dicotomia do esquecimento versus valorização turística não deve ser condição principal das acções sobre o património. É indispensável o questionamento e, sobretudo, a consulta da população que habita estes lugares antes de qualquer intervenção. Estas questões estão longe de consenso e só o debate aberto pode levar a uma solução equilibrada. A realidade da vida urbana e da sua relação com o património deve ser enquadrada em valores humanistas, de que nos fala com ênfase Michel Lacroix. Deve atender-se à solidariedade intergeracional motivando o questionamento da acção, ou acções, que devem assumir dimensões realistas e até modestas, isto é, conservando, mas não num sentido conservador, antes interpretando a história, na construção de uma filosofia da “felicidade”.

¹ in *Revue internationale des sciences sociales*, Unesco, vol XXIII, 1971, republicado com *«Race et histoire»* por Albin Michel, Unesco, 2001; retirado de Património e Mundialização p.28

² CHOAY, Françoise, *“Alegoria do Património”*

2 CENTRO HISTÓRICO DE ÉVORA



IMAGEM 1 : Planta cidade de Évora com delimitação do recinto da Cerca Nova.

2.1 Planos e ideais de recuperação

No caso da cidade de Évora é importante notar que o grande salto para o turismo começou com os estudos e os planos de recuperação do Centro Histórico produzidos nos anos 70 e 80, levando em 1986 à classificação do recinto intramuros como Património da Humanidade.

Designação	Ano	Objectivos e referências complementares
Plano de Recuperação do Centro Histórico	1981	Recuperar o tecido urbano, melhorar as condições de habitabilidade dos alojamentos e preservar o património histórico-cultural. Foi determinante para a classificação pela UNESCO como Património da Humanidade.
Plano Director Municipal de Évora	1985	Estabelecer orientações de ordenamento e desenvolvimento do território para todo o concelho. Pioneiro a nível nacional.
Protocolo entre a CME e a Caixa Geral de Depósitos	1985	Concessão de empréstimos para obras de beneficiação ou aquisição de habitações no Centro Histórico, com juros bonificados. Vigorou até 1992 e contemplou 75 fogos
Plano Geral de Urbanização	1985	Componente do PDM que visa estabelecer as regras a que devem obedecer a ocupação, uso e transformação do solo na área urbana

Quadro 1: "Évora. Planos e programas definidos para a cidade e o concelho."¹

O PDM aprovado em 1985 constitui um plano de salvaguarda que prevê uma maior regulamentação e protecção da malha urbana existente, principalmente no que concerne o Centro Histórico. Este plano não prevê apenas a protecção de monumentos históricos, mas também a constituição de um programa de acção da Câmara Municipal para a aquisição de edifícios do centro histórico com o propósito da sua recuperação e reutilização. A recuperação tinha como objectivo melhorar as condições de habitabilidade, ou melhor, estava principalmente vocacionada para pessoas que demonstrassem vontade em habitar dentro do perímetro das muralhas ou que, no caso de já lá residirem, permanecessem nas suas casas. As novas acções de recuperação e protecção decorrem do estudo realizado nos anos 70, o qual demonstrou que a maior parte dos fogos do centro histórico se encontravam habitados num regime de arrendamento com rendas muito baixas. Daqui resulta a incapacidade quer dos inquilinos (por dificuldades económicas) quer dos senhorios (por receberem rendas tão baixas) de proceder a obras de recuperação dos imóveis. Neste contexto, coube à

¹Quadro retirado de: SIMPLÍCIO, Maria - "A Cidade de Évora e a relevância do Centro Histórico". "A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras". Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CEGOT, 2013. ISBN 978-989-8648-01-3. p.211 - 225

Câmara Municipal intervir e garantir que eram melhoradas as condições de salubridade dentro do CH, para que os residentes desta parte da cidade pudessem continuar a aí residir e também para atrair novos habitantes (principalmente casais jovens e estudantes). No que toca a edifícios de carácter não habitacional, foi dada primazia ao comércio tradicional, criando regras para a sua localização em detrimento de outro tipo de estabelecimentos, designadamente bancários, na principal praça do CH.

De forma a reforçar o papel central do edificado intramuros para os eborenses – que ainda hoje se referem ao CH como “a cidade” –, foi tirado partido de algumas demolições de edifícios religiosos degradados – como por exemplo o Convento do Salvador que deu lugar ao edifício central dos CTT – de forma a colmatar algumas necessidades a nível de serviços.

Na sequência das intervenções e da grande actividade da CME para melhorar as condições do CH e com a base do inventário anteriormente feito por Túlio Espanca, foi então apresentada a candidatura à UNESCO. A resposta da UNESCO foi positiva e em 1986 foi oficializada a classificação do Centro Histórico de Évora como Património da Humanidade: *“Mais concretamente a decisão assentou no facto de Évora ser o melhor exemplo de cidade da idade do ouro portuguesa, após a destruição de Lisboa pelo terramoto de 1755 e ainda porque só a paisagem de Évora permite compreender actualmente a influência exercida pela arquitectura no Brasil como, por exemplo, em cidades como S. Salvador da Baía. Realçava-se ademais que no interior das suas muralhas se achava contido um conjunto arquitectónico de grande homogeneidade, não obstante a grande disparidade de estilos característicos dos povos que a haviam habitado e dela faziam um caso singular num espaço urbano tão vasto.”* (Caderno Municipal nº 4, 2012)

Após a classificação de Património Mundial, cresceu a responsabilidade do poder local para a preservação das condições de habitabilidade e de protecção de imóveis e monumentos do Centro Histórico. Destas acções são de notar as remodelações da Praça Joaquim António de Aguiar (localizada defronte do Teatro Garcia de Resende, tornando-a um lugar importante a nível cultural), a reestruturação da Praça do Giraldo criando uma zona exclusiva para peões no tabuleiro da praça, enfatizando o carácter de “sala de visitas” da cidade.

Em última análise, apesar da importância que já se atribuía ao sector turístico como fonte de receitas para a cidade, o foco das intervenções durante os anos 80 foi a melhoria das condições quotidianas de vivência do CH.

Designação	Ano	Objectivos e referências complementares
Revisão do Plano Geral de Urbanização	1991	Proceder à revisão do PGU de forma a adequá-lo às novas realidades sociais e urbanísticas e às perspectivas futuras
Plano Estratégico de Évora	1995	Transformar Évora numa cidade socialmente justa, organicamente integrada na sua região e com projecção internacional.
ÉVORACOM	1997	Promover a modernização urbanística e comercial do Centro Histórico.
Revisão do Plano de Urbanização de Évora	2000	Efectuar nova revisão do Plano Urbano (PUE), que implicou alterações ao PDM, designadamente para acertos do perímetro urbano
Programa POLIS	2001	Promover obras de requalificação paisagística dos espaços exteriores às muralhas entre as Portas do Raimundo e as Portas de Avis.

Quadro 2: "Évora. Planos e programas definidos para a cidade e o concelho."(continuação)¹

A partir dos anos 90 o foco das intervenções em Évora muda. Apesar de continuar a ser visível a preocupação com as condições de habitabilidade no Centro Histórico, a expansão da cidade no que toca à cidade fora das muralhas passa também a ser uma forte preocupação.

Do quadro 2 é importante destacar o melhoramento feito no perímetro envolvente à cerca nova. Durante o século XX vários foram os momentos de "limpeza" da muralha, deixando-a livre de construções no seu exterior, permitindo um contacto mais directo com este elemento, tornando-o icónico. No entanto, estas obras de desobstrução visual da muralha não foram acompanhadas de um arranjo paisagístico que permitisse a sua utilização e fruição. Pelo que o programa posto em prática em 2001 permitiu a criação de percursos pedonais agradáveis e espaços verdes que enquadraram e interligaram a muralha com o resto da cidade.

¹Quadro retirado de: SIMPLÍCIO, Maria - "A Cidade de Évora e a relevância do Centro Histórico". "A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras". Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CEGOT, 2013. ISBN 978-989-8648-01-3. p.211 - 225

Designação	Ano	Objectivos e referências complementares
Estudo de Enquadramento Estratégico para a área do Centro Histórico de Évora	2008	Permitir a formulação de uma consistente operação de reabilitação e revitalização urbana do Centro Histórico de Évora, sob o lema "Évora: recuperar o processo histórico."
Revisão do Plano Director Municipal	2008	Actualizar e aprofundar o PDM como instrumento regulamentar municipal para o ordenamento do território, o desenvolvimento local e a dinâmica dos espaços.
Plano de Desenvolvimento Estratégico de Évora	2009	Formular um instrumento orientador da estratégia de desenvolvimento do concelho de Évora, tendo como horizonte temporal de referência o ano de 2020.
Revisão do Plano de Urbanização de Évora	2011	Proceder a nova revisão do PUE, através da introdução de alterações e ajustamentos, face ao actual contexto, e às perspectivas e propostas de desenvolvimento da cidade.
Agenda 21 Local	2011	Promover, com o envolvimento dos diversos agentes, a concertação e a formação de parcerias para a construção de uma estratégia de desenvolvimento local sustentável.
Programa Acrópole XXI	2011	Revitalizar o núcleo urbano da cerca velha do Centro Histórico de Évora através da promoção de acções de regeneração urbana.

Quadro 3: "Évora. Planos e programas definidos para a cidade e o concelho."(continuação)¹

Voltando a atenção para os planos descritos no quadro 3 é de destacar o estudo, e consequentes propostas de intervenção, sob o lema "Évora: recuperar o processo histórico". Neste plano são propostas várias intervenções que cobrem todo o Centro Histórico. Estas propostas assentam numa definição conceptual da cidade, mais ou menos aproximada da realidade urbana. Ou seja, foi em primeiro lugar definido um conceito, uma marca, para aplicar ao Centro Histórico – por exemplo "Évora Cidade Romana" - e a partir daí foram definidas as estratégias para a sua recuperação. No entanto, esta estratégia, constata-se hoje, pode levar à perda de alguma sensibilidade no entendimento não só da estrutura de edificado, mas também do carácter do lugar. As intervenções propostas acabam por ser demasiado profundas e irreversíveis – como por exemplo a construção de parques subterrâneos em diversos pontos do CH, inclusive nas imediações do Templo Romano, proposta que incentiva o tráfego

¹Quadro retirado de: SIMPLÍCIO, Maria - "A Cidade de Évora e a relevância do Centro Histórico". "A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras"

automóvel num lugar predominantemente pedonal. Apesar de ser dada importância ao melhoramento de algumas zonas habitacionais, principalmente na zona norte da cidade intramuros, não são visíveis propostas activas de incentivo à fixação de novos residentes ou à permanência dos actuais. Pelo contrário, a recentemente alterada lei das rendas permitiu a saída em massa de habitantes e comerciantes do CH, deixando ruas inteiras completamente vazias e à mercê de degradação e vandalismo: é o caso da rua 31 de Janeiro que, não sendo uma rua principal, constitui uma via secundária paralela à rua Cândido dos Reis. Também no que toca à importância dada ao património e aos estudos arqueológicos no CH, esta é sugerida apenas numa vertente utilitária e de vantagem económica (turismo). De notar também que as intervenções profundas sugeridas no plano criariam situações de excepção que contrariam a unidade do edificado no CH, esta aliás uma das razões para a classificação deste como Património Mundial.

Em suma, há uma clara evolução nas características dos estudos e planos feitos ao longo do tempo e demonstrados nos quadros 1, 2 e 3. É visível uma mudança nos principais objectivos e ideais que acompanham os projectos. Enquanto nos anos 70 e 80 a principal preocupação das autoridades locais era o incentivo à permanência de habitantes no CH, através de acções directas na recuperação de imóveis (não só de habitação, mas também de comércio tradicional e serviços) e espaços públicos, a partir dos anos 90 e principalmente no início do século XXI, assistimos à elaboração de planos que se baseiam na conceptualização da cidade e na utilização do património como algo destacado ou mesmo segregado da vida quotidiana. Tal como foi já referido em capítulo anterior, esta concepção da cidade, ou melhor dizendo, este *branding* da cidade de Évora, incentiva a afluência turística e descaracteriza a cidade para aqueles que a habitam.

2.2 Residentes *versus* turistas

Com a crescente importância do sector terciário para a economia, assiste-se à proliferação de projectos de reabilitação de edifícios devolutos ou desafectados para a transformação em hotéis, pousadas e outros tipos de habitação temporária.

A título de exemplo, no caso de Évora, vale a pena referir a recuperação do antigo Palácio dos Sepúlvedas, localizado junto à Cerca Nova, nas portas da Lagoa. Este edifício, que funcionou como fábrica de confecção de camisas (Melka) desde 1959, foi transformado em 2006 em hotel&spa de luxo. Outro exemplo, que se enquadra também no panorama nacional, é a reabilitação do Convento dos Lóios – este num processo muito anterior, o das Pousadas do Estado Novo, mas significativo de uma orientação que denotava já a vocação da definição de Évora mais como “cidade histórica”, à maneira de meados do século, do que como CH.

É de notar também a abertura, em Maio de 2015, de um hotel da cadeia hoteleira Vila Galé no que anteriormente era um campo de oliveiras (que funcionava também

como parque estacionamento durante a Feira anual em Évora), junto às Portas do Raimundo, uma das entradas mais importantes no CH.

A falta de limitações à fixação de unidades de hotelaria pode levar a uma sobrelotação da cidade, isto é, o número de camas disponíveis na cidade deve ter em conta o número de turistas que a cidade consegue receber. No entanto, a abertura contínua de mais e mais unidades deste género pode fomentar uma relação mais tensa entre população e visitantes. A título de exemplo temos o caso de Lisboa, nomeadamente no que concerne os transportes públicos. Os eléctricos são em algumas zonas da cidade de Lisboa o único transporte disponível para a população residente se deslocar até às suas casas. No entanto, a situação mais comum é ver os eléctricos repletos de turistas, com o mapa na mão e a máquina fotográfica ao peito, deixando os residentes destas áreas apeados. Ou ainda o caso da transformação de habitações privadas em *guesthouses* muitas vezes significando a saída de inquilinos que aí moravam permanentemente por carecerem da capacidade financeira face às novas rendas. Todas estas situações promovem tensões entre residentes e visitantes, tensões essas que não são desejáveis, uma vez que o turista é cada vez mais a principal, senão a única, fonte de rendimento da cidade, podendo ser evitadas com um maior controlo e regulamentação por parte das autoridades locais. Não que se tenha atingido em Évora (ou em Lisboa, a braços com uma pressão idêntica) pontos de crise como os que se reconhecem em cidades como Barcelona, onde são já emitidos decretos municipais desencorajando a actividade hoteleira ou para-hoteleira; porém, é já visível este processo de erosão social, compensada pela proverbial – e real – simpatia dos habitantes, pelo que é necessário estar atento aos sinais demonstrados por Lisboa ou Barcelona, para que não se chegue a situações semelhantes.

De facto, insistimos, o incentivo à fixação de unidades de habitação temporária em lugares como o Centro Histórico de Évora, tem por consequência a perda de habitantes permanentes. Inversamente, também a mudança de estilo de vida das pessoas e as necessidades que daí surgem, leva ao abandono de edifícios no CH que são posteriormente convertidos em habitação de tipo temporário.

	1991	2001	2011
Concelho de Évora	53 754	56 519	56 596
Centro Histórico	7 842	5 668	4 738
Cidade extramuros	34 557	39 138	40 612
Área Urbana	42 399	44 806	45 350
Área Rural	11 355	11 713	11 246

Quadro 4: População em Évora (dados dos CENSOS)¹

	Variação 1991–2001 (%)	Variação 2001–2011 (%)	Variação 1991–2011(%)
Concelho de Évora	5,1	0,1	5,3
Centro Histórico	-27,7	-16,4	-39,6
Cidade extramuros	13,3	3,8	17,5
Área Urbana	5,7	1,2	7
Área Rural	3,2	-4	-1

Quadro 5: Variação da população (segundo os dados dos CENSOS)

A variação da população (quadros 4 e 5) mostra bem o abandono progressivo do Centro Histórico. O aumento de viaturas particulares implica o aumento no estacionamento necessário; o aumento de custo de vida leva as pessoas a procurar preços mais baixos nas grandes superfícies comerciais, rendas mais baixas e melhores condições nas habitações da cidade extramuros, por sua vez implicando a saída de cada vez mais habitantes do CH e a fixar-se fora das muralhas.

Com a significativa diminuição de residentes no CH assiste-se a grandes mudanças também noutros sectores. Como exemplo, a *"quebra significativa dos estabelecimentos comerciais de produtos alimentares (mercearias, padarias, talhos e peixarias)*. Trata-se de um ramo de comércio de produtos de consumo diário que justifica uma proximidade relativamente ao consumidor e que viu o nº de unidades funcionais decrescer consideravelmente a partir de 1985; nessa data, existiam no

¹Valores retirados de: SIMPLÍCIO, Maria - "A Cidade de Évora e a relevância do Centro Histórico". "A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras". Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CEGOT, 2013. ISBN 978-989-8648-01-3. p.211 – 225.

Centro Histórico 70 mercearias, 13 talhos, 6 peixarias e 15 padarias, registando-se actualmente 25, 7, 3 e 5 unidades, respectivamente.” (SIMPLÍCIO, 2013)

Assiste-se também a outro fenómeno que se prende com a alteração do tipo de lojas que se encontram, maioritariamente, nas principais ruas e praças do Centro Histórico. Esta mudança é normalmente para lojas “da moda”, normalmente *franchising* – empresas que têm capacidade financeira para suportar as rendas altas dos estabelecimentos no CH. Em si, esta mudança não acarreta consequências negativas, uma vez que vem fazer face à procura actual de bens. No entanto, estas lojas *franchising* são normalmente standardizadas, pelo que uma loja de determinada marca num centro comercial em Lisboa terá o mesmo aspecto de uma loja no Centro Histórico de Évora. Uma uniformização que encobre – normalmente recorrendo a gesso cartonado e outros tipos de elementos “falsos” ou de simulação – características particulares destes imóveis e que os fazem únicos. Este tipo de alterações imprime ao Centro Histórico uma imagem passível de ser comparada com um Centro Comercial. Como descreve Paulo Pereira: *“Estes centros históricos, mais ou menos habitados por gente normal e não por marcianos ou por homens vindos das funduras da Idade Média (o que seria um convívio certamente problemático face à ideologia da higiene que impera no desde meados de novecentos) revelam subitamente toda a sua assepticidade e alguma monotonia (ao ponto de os centros históricos europeus dos séculos XV-XVII parecerem todos iguais). E nos casos em que se encontrem mais vividas e animadas, acabam mesmo assim por apresentar um regime de distribuição de estabelecimentos comerciais que repetem, à sua maneira, aquilo que os centros comerciais imitam e que, por reflexo, se reencontra nos centros históricos: comércio de qualidade, lojas de estilo, vitrinas desenhadas.” (PEREIRA, 2005)*

No que toca ao comércio ligado ao turismo, é frequente a abertura de lojas *gourmet* ou de artesanato em lugares centrais e de passagem obrigatória para turistas – como é o caso da rua 5 de Outubro, artéria que faz a ligação entre a Praça do Giraldo e a zona da Catedral e Templo Romano.

A imagem seguinte demonstra bem estas alterações. Do estudo feito por Símplicio no âmbito da revista *“A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras”*, retiramos o levantamento dos estabelecimentos comerciais no centro histórico e a comparação com a sua distribuição e número em 1985. A abertura de novos estabelecimentos comerciais de artesanato/*gourmet* com a concentração que é mostrada na imagem deixa ver quais os percursos mais utilizados pelos turistas e a consequente substituição de outro tipo de comércio por uma tipologia que se adequa à nova realidade dos principais transeuntes da rua 5 de Outubro, correndo-se o risco de uma esterilização.



IMAGEM 2 : retirada de: SIMPLÍCIO, Maria - "A Cidade de Évora e a relevância do Centro Histórico". "A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras".

No que toca à cultura, assiste-se em Évora à ocupação de alguns espaços por associações que organizam exposições e eventos culturais. No entanto, a sua divulgação e real envolvimento do/e com o público tende a não ser por vezes a não ser bem-sucedido. No que toca a eventos organizados pela câmara municipal, estes restringem-se essencialmente ao Verão e são na sua maioria concertos e/ou cinema ao ar livre.

Mais especificamente no que toca ao cinema e ao teatro, há que referir que desde que o Centro Comercial Eborim fechou em Março de 2009 (espaço que detinha as únicas salas de cinema existentes na cidade) o único espaço dedicado a esta actividade se cinge ao pequeno auditório improvisado para o efeito e cujo uso provisório já dura há 6 anos... Este espaço apenas exhibe filmes ditos “alternativos” e os poucos filmes “comerciais” que passa, já estrearam há anos. A população eborense que queira ir ao cinema vê-se, assim, obrigada a fazer dezenas de quilómetros para ir ao *shopping* mais próximo que tenha as tão desejadas salas de cinema em esquema multiplex. Estas deslocações tornam-se ainda mais graves quando consideramos as características administrativas da cidade que a permitem intitular-se “capital do Alentejo”, despojando-a de serviços – e não apenas culturais, mas também contraindo a actividade corrente do sector terciário e de assistência à população com uma redução de competências e acesso.

A solução discutida desde o encerramento do Centro Comercial Eborim prende-se com a construção de um *shopping* na zona industrial quase à saída da cidade, o qual teria mais do que uma sala de cinema comercial. No entanto, depois de falências, embargos e protestos pela parte da Associação Comercial de Évora, o projecto não chegou a ser concretizado. Uma solução que incluía a construção de raiz de um equipamento desta natureza na periferia da cidade será sempre alvo de controvérsia. Apesar da grande expansão extramuros e da formação de novas centralidades, o centro social e administrativo mais importante da cidade continua a ser dentro do Centro Histórico. Pelo que um equipamento desta natureza será sempre mais facilmente aceite pela população quando construído na cidade intramuros e, especialmente, se proceder de um aproveitamento e reconversão/reabilitação de um edifício antigo e não de uma construção de raiz.

Também no que concerne ao teatro o diagnóstico é pouco animador. À parte da Universidade – recente pólo na antiga fábrica dos Leões – e de alguns teatros improvisados em salas pertencentes a associações, o único espaço da cidade de vocação teatral é o teatro Garcia de Resende, cuja formalidade, falta de divulgação, escolha de peças e preços por vezes elevados afastam o público – embora seja de saudar a recuperação e restauro do edifício e da sua função. O resultado é uma oferta cultural bastante homogénea, do que resulta igual homogeneidade no público.

A crescente afluência turística tende a não incentivar a diversidade nem o número de eventos culturais. Segundo dados do INE recentemente divulgados pela autarquia, a afluência turística cresceu cerca de 20% nos anos de 2014 e 2015.

As estadias são em média de 2 noites e os visitantes escolhem Évora pelo património classificado e a gastronomia (dados da DPT). Estes dados deixam ver a tendência de investimento no turismo e podem significar a permanência da homogeneidade e raridade dos eventos culturais que poderiam beneficiar a população.

Tal como referem Montaner e Muxí: *“el turista ni se compromete, ni cuida el barrio, ni reivindica equipamientos y espacios públicos, ni se solidariza, ni usa las papeleras, ni recicla, ni ahorra agua. No aporta nada a la ciudad donde reside ocasionalmente y, sin embargo, ocupa el lugar de un vecino real. Solo quiere que la ciudad este a sus pies y a su capricho.”* Não se pode esperar que sejam os turistas a trazer ou reivindicar maior variedade e frequência nos eventos culturais quando estes apenas se deslocam à cidade por 1 ou 2 dias, os quais são ocupados em fotografar os principais monumentos e algumas ruelas mais pitorescas, bem como a degustar algumas iguarias alentejanas.

2.3 Os Eborenses

Como forma de avaliar a relação dos habitantes locais com a cidade procedemos à aplicação de um sistema que Kevin Lynch consagrou: o do *“mental map”*. Partimos de um pressuposto mais empírico, mas sustentado num inquérito. Este inquérito, aliás, contou com um universo de vinte pessoas, o que se considera uma boa amostragem. Em *“The Image of the City”*, Lynch propõe uma metodologia que lhe permitisse entender os graus de percepção de uma cidade através de um conjunto de conceitos que serão – ou não – expressos pelos habitantes sujeitos à prova e à inquirição. Estes conceitos reflectem aquilo a que ele chama *“imageability”* – e que poderíamos traduzir por “representacionalidade imagética” da urbe; e por aquilo a que chama *“wayfinding”* – o que, de forma livre, traduziremos por “legibilidade”. Na realidade o que se entende por *“mental map”* ou “mapa mental” é uma forma de desentranhar a psicologia da cidade ou melhor, a psicologia do cidadão no seu confronto, confortável ou não, com a urbe. A este “mapa mental” chegamos pela mão dos próprios inquiridos, aos quais é pedido que esbocem, rapidamente, num papel liso e sem outras referências, um mapa do lugar onde habitam e se deslocam.

Este sistema traduz de forma quase física os vários pontos significativos e os hábitos de um cidadão, considerando cinco elementos essenciais: os *“paths”* / “caminhos” (os caminhos, as ruas, acessos, atalhos e canais de circulação); *“edges”* / “limites e fronteiras” (margens que vedam o acesso ao público, que o determinam ou que o conduzem); *“districts”* (quarteirões, parques ou áreas que predominem no desenho mental do inquirido); *“nodes”* / “nós” (pontos de convergência e divergência, concentração ou dispersão, lugares (“loci”), quase sempre como ele próprio os define, pontos de intersecção; e *“landmarks”* / “pontos de referência” que são não mais do que monumentos ou elementos notáveis no percurso cidadão que prendem a atenção do transeunte. Os inquéritos descritos no livro de Kevin Lynch

acima referenciado seguem uma estrutura e método de análise que adaptámos, por razões óbvias, às condições específicas não só da cidade de Évora, mas também ao intuito no nosso estudo – as questões originais, de Lynch, e as colocadas aos nossos inquiridos, bem como os mapas mentais, encontram-se documentadas em anexo.

Escolhemos, reiteramos, a forma de inquérito, sendo os inquiridos habitantes da cidade de Évora e com alguma amplitude de idades, ocupações e locais de residência. Nem sempre, como é natural neste tipo de pesquisa “de campo” testemunhal, o nível das respostas obtidas é eloquente, mas outras vezes é deveras claro e altamente significativo de uma realidade que nos interessa aqui tratar e analisar. Esta recolha de experiências da vivência da urbanidade eborense permite-nos perceber de forma directa o que vai na mente do inquirido.

CENTRO HISTÓRICO DE ÉVORA

Em relação ao Centro Histórico da sua cidade, metade das pessoas entrevistadas tem por primeira referência o conjunto formado pela Sé e Templo Romano, a outra metade elege a Praça do Giraldo. Ambos são lugares, não só de atracção turística, mas também de referência para os habitantes de Évora.

No que toca à sua vivência do Centro Histórico, principalmente quanto a mudanças e falhas, onze pessoas referem que o comércio foi o que mais mudou nos últimos dez anos, confirmando o que já foi dito anteriormente no capítulo *Residentes vs. Turistas*. É referida uma mudança profunda não só no número de lojas actualmente em actividade – verificando-se uma diminuição significativa -, mas também no tipo de géneros comercializados nas lojas que vão abrindo, também confirmando aquilo que já foi dito anteriormente no que respeita à alteração do tipo de comércio com a crescente turistização do CH e ao abandono do mesmo por parte dos residentes. Também a falta de mercearias pequenas no CH que permita fazer face às necessidades de quem lá vive vem forçar estes habitantes a deslocações aos grandes supermercados da periferia. Numa cidade ainda tão marcada pela sua vetustez, procura intensa e densidade relativa, o fecho do comércio tradicional é algo que tem grande impacto, principalmente, na vivência das pessoas mais velhas; da mesma forma a falta de marcas de roupa “da moda” e barata torna difícil as compras desta natureza para pessoas mais novas; destes dois aspectos decorre impacto no consumo, tanto das pessoas mais novas como pessoas mais velhas. Por último, o grande número de “lojas dos chineses” nas principais artérias do CH vem alterar também o padrão de consumo, o que afecta principalmente os proprietários e funcionários do comércio tradicional, que em alguns casos acaba por fechar portas.

Quanto ao esboço do mapa mental, é importante destacar o primeiro elemento que é desenhado pelos inquiridos. Este elemento é essencial para a determinação não só da escala, mas também do ponto de partida e referência para o resto do desenho. Neste sentido, das vinte pessoas inquiridas, nada mais nada menos que treze iniciaram o esboço do “seu mapa” pela Praça do Giraldo, a praça principal da cidade, desenhando em seguida as ruas que aí desembocam.



IMAGEM 3 : Praça do Giraldo

O desenho dos mapas, em conjunto com as respostas à pergunta 4, sugerem que a maior parte das pessoas passa na Praça do Giraldo nas suas actividades dentro do Centro Histórico, mesmo que esta não faça parte dos caminhos mais directos e rápidos para chegar aos lugares onde necessitam de ir. Vários inquiridos referem a Praça como ponto de partida para quando têm de ir “à cidade” – designação comum entre os eborenses para o CH -, e, no caso das pessoas mais novas, um ponto de encontro e de convívio com amigos.

Mesmo para quem não habita ou trabalha no CH e para quem as deslocações ao CH se prendem com a visita a serviços ou compras específicas, o movimento – tanto diurno como nocturno – bem como a variedade de comércio e serviços faz desta Praça o principal ponto de referência e de convergência para os eborenses. Apesar de não ser o centro geográfico da cidade, esta Praça acaba por ser o centro social” de onde tudo parte ou onde tudo vai dar.



IMAGENS 4, 5 e 6 : Diversas vistas da Praça do Giraldo.

RUA DE VALDEVINOS E PÁTIO DO SALEMA

Voltando agora a atenção para a parte do questionário mais vocacionada para o Salão Central, foi em primeiro lugar pedido aos inquiridos que fizessem mentalmente um percurso – entre o Largo da Portas de Moura e a Rua 5 de Outubro – e que referissem qual o caminho que escolheriam. Estes dois pontos foram seleccionados tendo em conta que um dos caminhos de ligação considerado mais directo é a pela Rua de Valdevinos - rua onde se situam as entradas principais do Salão. No entanto, seis sugerem este percurso e apenas quatro o fazem como primeira opção. Assim, onze dos inquiridos optam pelo caminho que passa pela Praça do Giraldo, o que, à luz do que já foi referido, torna fácil entender porque razão é este o percurso mais escolhido. Não obstante, o número reduzido de inquiridos que escolheram a Rua de Valdevinos como primeira opção leva-nos a crer que a secundarização a que está sujeita este caminho é desproporcional à sua localização.

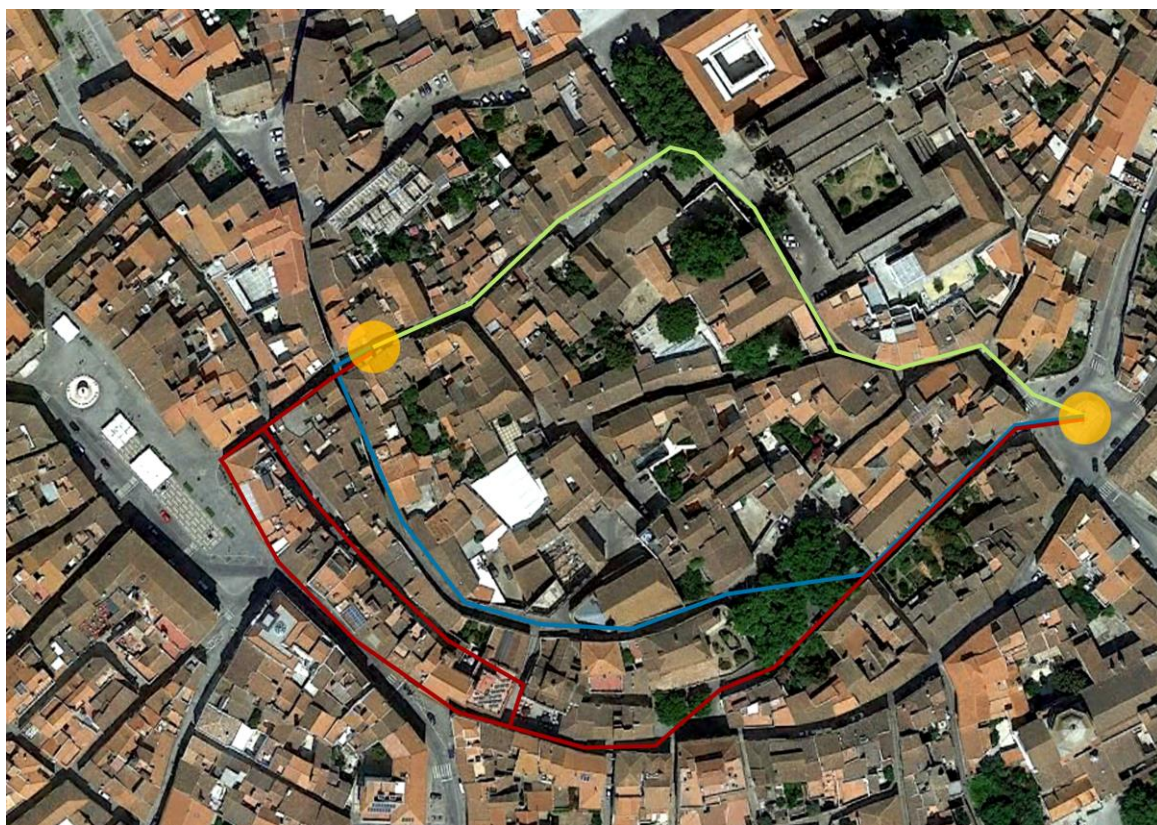


IMAGEM 7: Percursos referidos pelos inquiridos: a vermelho o caminho que passa pelo Largo de São Vicente e desemboca na Praça do Giraldo (escolhido por onze dos inquiridos), com uma variante também sugerida com passagem pela Rua da Alcárcova de Baixo (sugerida por dois dos inquiridos); a azul, o percurso que passa na Rua de Valdevinos (escolhido por quatro pessoas); e a verde o percurso que passa pela Sé (sugerido por duas pessoas).

Quanto ao Pátio do Salema, as imagens dos inquiridos associadas a este lugar são maioritariamente de tristeza e melancolia, uma vez que, apesar da sua beleza, se encontra degradado, inutilizado e sombrio.

Quanto ao Salão Central Eborense, cinco pessoas entrevistadas não conhecem o SCE, parte delas porque ainda não eram nascidas quando o Salão fechou portas, outras porque ainda não viviam em Évora quando se deu o encerramento definitivo do Salão. O principal motivo é porque nunca ouviram falar ou não se lembram dele. Não é um edifício patrimonial ou patrimonializado, não é uma figura/ícone importante da cidade actual. Está esquecido.

No entanto, três dos inquiridos que não eram nascidos aquando do encerramento do Salão têm uma imagem bastante clara do Salão no contexto do CH. Das oito pessoas que frequentaram o Salão quando este ainda se encontrava em funcionamento deixamos aqui algumas memórias:

- *"Filmes da Marisol e do Joselito!"* Funcionava um clube de cinema no Liceu Nacional de Évora – Grupo Juvenil de Cinema – cujos membros tinham descontos às 5as feiras para ir ao cinema, pelo que este depoente a frequentava nesse dia da semana ao cinema: e refere que as sessões estavam sempre cheias no início dos anos 70...
- *"Até faltei às aulas para ir lá ver filmes!"*
- *"Fui lá uma vez ver uma comédia."* Mas depois a Igreja Maná pretendeu a certa altura adquirir o espaço. A compra não teve sucesso, já nos anos 80, depois do fecho definitivo e antes da sua aquisição por parte da CME.
- Nos anos 70 as sessões estavam quase sempre completamente lotadas.
- Era um foco de actividade cultural e de entretenimento da cidade.
- Agora o único sentimento que desperta é de tristeza pela sua degradação, que acaba por lançar um véu cinzento sobre as memórias de juventude destas pessoas que frequentaram o Salão enquanto cinema.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Os resultados do inquérito sugerem que a Praça do Giraldo continua, nos dias de hoje, a ser o ponto de referência e convergência da vida social eborense, como se constata. Até mesmo para encontros de natureza mais particular - falamos, claro está, do famoso “Dia de São Porco”¹ -, sempre deu provas da sua versatilidade e importância para o quotidiano da população eborense. Este lugar possibilita não só um momento de descompressão de uma sensação de quase clausura que algumas das ruas do CH imprimem nos transeuntes, mas também suscita conforto tanto na passagem como na permanência. Já para não falar das arcadas que dão acesso a serviços e comércio, que lhe conferem uma singularidade e beleza que não se encontram noutras praças do CH de Évora – ou mesmo, em Portugal...



IMAGEM 8 : Reconstituição da Praça Grande no início do século XVI.

Já o conjunto formado pela praça do Templo Romano e Sé – segundo “ponto de referência” mais falado pelos inquiridos -, apesar da sua posição geograficamente central e dimensão considerável, encontra-se no nível mais elevado do CH não só em termos topográficos mas também de formalidade. A sua dimensão, configuração, ocupação e peso histórico não permitem o carácter quotidiano de conversas, encontros, desencontros, compras e permanências que a Praça do Giraldo possibilita. No entanto, ambos os lugares se encontram bastante próximos – basta subir/descer uma rua – permitindo a complementaridade de funções e carácter. Da mesma forma se poderá estabelecer a ligação entre a Praça do Giraldo e o Rossio de São Brás – lugar onde se realizam as maiores feiras da cidade e do distrito, inclusive a anual Feira de São João. Estando localizado junto ao exterior de uma das portas da cerca nova, o Rossio proporciona uma informalidade popular que a Praça do Giraldo não permite. Deduzimos, assim, três níveis essenciais de formalidade de ocupação do espaço público no Centro Histórico de Évora que nos permitem colocar a Praça do Giraldo no centro do quotidiano, diurno e nocturno, da população eborense.

¹ O popularmente chamado “Dia de São Porco” correspondia aos encontros semanais de produtores da região de Évora para o negócio de gado. Estes encontros eram todas as terças feiras na Praça do Giraldo ou no Café Arcada, estabelecimento que também se encontra na Praça do Giraldo.

Em suma, a importância dada à Praça do Giraldo pelos eborenses diz-nos que qualquer alteração desta praça teria um impacto considerável na vida, não só do Centro Histórico, mas da cidade. As novas centralidades criadas pelos bairros periféricos não têm a capacidade para se sobrepor ou mesmo complementar a influência da Praça do Giraldo. Pelo que o impacto que a exploração turística tem nesta praça e nas artérias circundantes, chegando a níveis demasiado elevados no que concerne, por exemplo, ao comércio e restauração, pode levar a um desequilíbrio e desconcerto da vida quotidiana. A título de exemplo podemos olhar para o que acontece nas esplanadas desta praça, semelhantes a tantas outras praças grandes de capitais europeias, em que os preços que aí se praticam são apenas comportáveis por turistas.

Podemos também retirar destes resultados outra conclusão referente à ligação dos habitantes com o património histórico. Isto é, as respostas às questões relativas ao CH e aos seus pontos de referência demonstram que os monumentos principais e mais "turistizados" funcionam também como pontos de referência importantes nas deslocações no CH. Isto significa que a actual tendência de destaque do património histórico da vida diária da cidade poderá ter consequências directas na vida da população, uma vez que será cada vez menos possível uma relação de proximidade, quase intimidade, entre habitante e monumento. Seguindo o exemplo de espaços como a Universidade (no antigo colégio do Espírito Santo) ou mesmo as igrejas espalhadas pelo CH que continuam abertas ao culto, poder-se-á manter uma ligação real e forte com o património. Só mantendo activos e úteis os monumentos e a suas diversas valências - culto religioso, ou culto conjugado com concertos de música sacra, animação cultural qualificada, se poderá continuar a ter um CH habitado e, em última análise, atractivo para os visitantes que não desejem visitar um "parque temático". No entanto, o edificado que não se encontra sob a atenção e o olhar dos turistas, acaba por não beneficiar da pressão económica para ser recuperado, remetendo para segundo plano estes lugares que podem ter importância para a vida social da cidade.

É também no sentido de manter o CH activo que a reactivação do Salão Central Eborense, e também do espaço envolvente do Pátio do Salema, poderia dar um novo fôlego aos habitantes, especialmente no que respeita à memória dos habitantes mais velhos, que ainda se recordam de como era "*ir ao cinema*". Poder-se-ia eventualmente voltar a criar uma ligação mais forte destes habitantes com a cidade que existe hoje, reavivando as memórias da cidade que existia naquela altura, tornando-as ao mesmo tempo actuais. Também, para a população mais nova, a reactivação do Salão como cinema viria providenciar um serviço importante de que a cidade carece, uma vez que, tal como referiu uma das pessoas inquiridas, "*o cinema também ajuda as pessoas a abrir mais os horizontes para outras coisas!*".

3 Do Pátio do Salema ao Largo de São Vicente

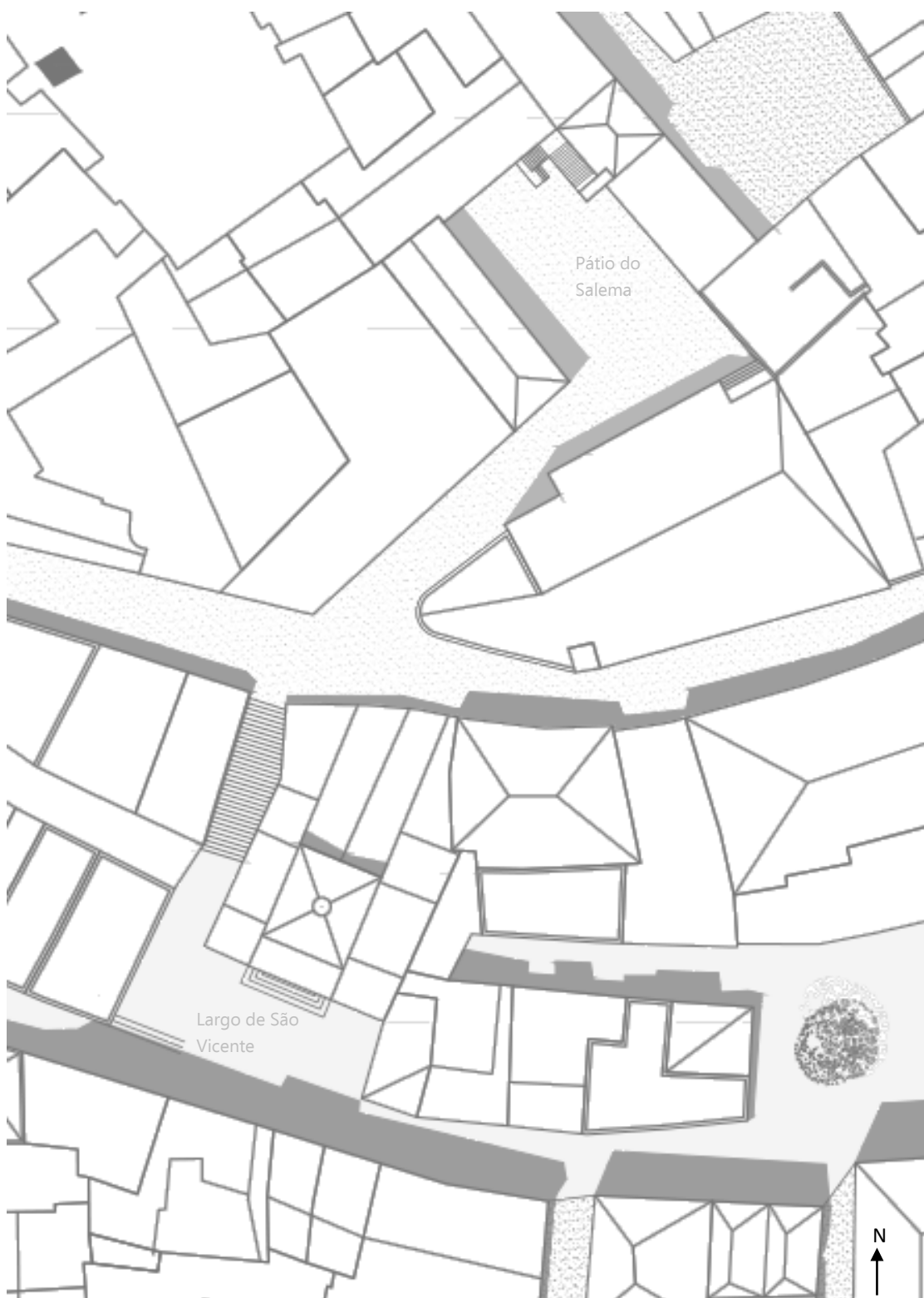


IMAGEM 9: Planta conjunto – Largo de São Vicente e Pátio do Salema

Comecemos este capítulo como os eborenses descrevem o início dos seus percursos no Centro Histórico, na Praça do Giraldo. É aqui que iniciaremos o percurso que nos propomos dar a conhecer entre o Largo de São Vicente e o Pátio do Salema.

Após usufruir do conforto e protecção das arcadas que caracterizam e tornam a Praça tão única, praticamos uma suave descida em direcção à parte oriental do centro histórico. Quando as arcadas terminam e nos sentimos novamente desabrigados, chegamos a um pequeno espaço um pouco mais largo que as ruas circundantes, o Largo de São Vicente. Não comparável à escala da Praça do Giraldo, o Largo de São Vicente providencia o próximo momento de desafogo a seguir a Praça. É um largo de dimensões modestas, mas ainda assim amplo o suficiente para dar a possibilidade de fruir o espaço e em particular a igreja que o domina a Norte. Datada do século XV, mas posteriormente remodelada, e dedicada a São Vicente, o mártir eborense (não confundir com o mais celebrado mártir S. Vicente de Saragoça) torturado e morto com as suas duas irmãs por soldados romanos por se recusarem a abandonar a fé cristã, esta igreja encontra-se actualmente desafecta ao culto e é utilizada pela associação cultural *Colecção B* que aí organiza exposições e outros eventos culturais.



IMAGEM 10 (esquerda): Final da arcada de ligação entre a Praça do Giraldo e o Largo de São Vicente.



IMAGEM 11 (direita): Início Largo de São Vicente.

Do lado oposto à igreja situa-se a gelataria mais antiga da cidade, sobejamente conhecida e que atrai público, entre turistas e locais, o que, em conjunto com mais dois estabelecimentos de restauração ali presentes, dinamiza o largo através das suas esplanadas.

Aqui a calçada é confortavelmente mais regular do que a maioria das ruas do centro histórico, apesar da sua materialidade ser a mesma. Sentimos, portanto, que apesar da uniformidade do granito em todo o centro, encontramos aqui perante um espaço que se afirma como um lugar de importância, quase em regime de competição com a Praça do Giraldo.

Podemos agora simplesmente atravessar o Largo através do “corredor” que acompanha as fachadas dos edifícios a Sul e que permite seguir o caminho para oriente, caminho bastante concorrido entre eborenses e turistas. No entanto, se decidirmos permanecer, há várias opções de apropriação do espaço: por um lado temos a esplanadas já mencionadas, ou se quisermos algo mais informal, temos os degraus da Igreja em número e dimensão suficiente para uma estadia sentada. O Largo tem um ligeiro aumento de cotas entre a parte Sul e Norte que se traduz numa rampa suave, onde se situam as esplanadas, e que termina nas escadas da igreja.



IMAGEM 12 (esquerda): Vista principal Igreja de São Vicente e esplanadas do Largo de São Vicente.



IMAGEM 13 (direita): Vista das Escadinhas de São Vicente

Esta pequena diferença transmite a sensação, para quem está sentado, de estar numa espécie de auditório em que os actores são as pessoas que caminham, mais ou menos apressadamente, na parte Sul do largo. Ainda como opção de apropriação mais informal temos as Escadinhas de São Vicente.

Ao lado da igreja vemos um momento de constrangimento no Largo, um canto ao lado da igreja que dá acesso a escadas e uma outra rua, mais pequena, que se inicia em túnel. Aqui temos a possibilidade de nos sentarmos nas escadas e usufruir de momentos um pouco mais recolhidos do movimento constante da parte central do largo.

São também estas escadas que nos permitem aceder à próxima cota - a Rua de Valdevinos. As Escadinhas de São Vicente não foram alvo da mesma intervenção de recuperação da calçada como o Largo de São Vicente, pelo que a subida torna-se uma tarefa que acarreta algum esforço físico. No entanto, ao podemos fazer um esforço de imaginação e pensar que acaso estivéssemos a subir as estas escadas na época em que Évora estava ocupada por Romanos, estaríamos a trepar a muralha. A diferença considerável de cotas entre o Largo de São Vicente e a Rua de Valdevinos deve-se ao facto de entre os dois passar a Cerca Velha - muralha romana que se estendia por cerca de um quilómetro e delimitava a cidade antiga.



IMAGEM 14 (esquerda): Escadinhas de São Vicente.



IMAGEM 15 (direita): Vista do topo das Escadinhas de São Vicente.

Pelo que a pequena capela de São Vicente estava originalmente situada em cima da muralha e tinha a sua entrada pela Rua de Valdevinos. Só mais tarde, após a expansão da cidade para fora do perímetro desta primeira muralha, ganhou nova dimensão e uma nova entrada.

Atingimos então a Rua de Valdevinos. Ao vencer os últimos degraus somos imediatamente surpreendidos pela escala, magnitude e presença do edifício do Salão Central Eborense. Apreciamos a sua forma e os seus elementos arquitectónicos inteligentemente escolhidos de forma a fazê-lo parte inegável do conjunto de edifícios da Rua de Valdevinos – desde a ocupação do lote, à utilização de reboco caiado, passando pela aplicação de cantaria de granito, e com um desenho que não constitui – pese embora o seu estro “moderno” – uma disrupção de escala. Subindo então um pouco mais, em direcção à pequena rua conformada pelo Salão e outro edifício que se encontra actualmente devoluto, entramos novamente na clausura tão típica das pequenas ruas de Évora. No entanto, se pararmos um pouco e olharmos para trás podemos apreciar o detalhe nos telhados dos edifícios da Rua da Alcárcova de Baixo e ver o sol poente reflectir nas vidraças coloridas de uma torre.



IMAGEM 16 (esquerda): Vista Salão Central Eborense.



IMAGEM 17 (direita): Pormenor torre na Rua da Alcárcova de Baixo

É assim que chegamos à nossa última paragem, o Pátio do Salema. À semelhança do que aconteceu ao entrar no Largo de São Vicente temos a sensação de desafogo após o constrangimento da pequena rua. Mas desta vez somos acolhidos não num largo, mas num pátio. Este lugar não convida à passagem, mas sim à permanência. Aqui as arcadas não levam para outro lugar, como no percurso entre a Praça do Giraldo e o Largo de São Vicente pois aqui elas delimitam o espaço e conferem-lhe uma escala muito humana. O balcão ou *loggia* que aí vemos deixa antever o que antes seria a continuação da Casa Nobre do Pátio do Salema, datada do século XVI, da qual podemos ver as fachadas, que se mantêm praticamente inalteradas, enquanto o seu interior sofreu ao longo do tempo grandes transformações. É marcante o facto de edifícios de alturas tão distintas como a Casa Nobre e o Salão Central se enquadrarem tão bem em termos estilísticos e de materialidade, o que, em conjunto com os restantes edifícios, semelhantes à Casa Nobre, transmitem continuidade e beleza. Subindo, então, as escadas que dão acesso à varanda que remata a *loggia* temos como última surpresa a vista privilegiada das torres da Sé de Évora.



IMAGEM 18: Entrada no Pátio do Salema.

No entanto, o sentimento que se colhe ao chegar a este Pátio é de alguma desilusão. À semelhança do que nos descreveram as pessoas entrevistadas no capítulo anterior, a sua utilização como parque de estacionamento aliada à degradação do Salão Central Eborense não deixa de nos transmitir alguma tristeza e melancolia. Apesar de ser perceptível o grande potencial deste espaço enquanto lugar de permanência, de encontro, de convívio e de fruição, ao contrário do Largo de São Vicente e atendendo aos constrangimentos actuais, isso não é possível. Não obstante, em dias de festa, quando o trânsito é condicionado e os carros expulsos deste lugar, podemos ter um vislumbre do que o espaço tem para dar à cidade.

Não podemos deixar de referir também que, actualmente, ainda existe em parte da antiga Casa Nobre uma associação cultural – a S.O.I.R. Joaquim António de Aguiar, com 115 anos - e cujo papel de activa oposição durante o regime ditatorial lhe deixou a marca de lugar alternativo de convívio e apoio a artistas locais.



IMAGEM 19: Arcada do Pátio do Salema.

Este lugar é um dos vários exemplos do CH que mostra bem a forma como um lugar não sujeito ao olhar turístico é facilmente negligenciado. É um bom exemplo de como o lucro fácil e imediato das receitas do turismo se pode sobrepôr às necessidades e bem-estar da população de uma cidade, ao ponto de se permitir que uma cidade capital de distrito não tenha cinema e deixe espaços de enorme potencial “habitados” apenas por carros.



IMAGEM 20 (cima esquerda): Vista da Casa Nobre do Pátio do Salema – actual S.O.I.R. J.A.A.

IMAGEM 21 (cima direita): Vista Alçado Norte do Salão Central Eborense.

IMAGEM 22 (baixo): Vista da Catedral da varanda de remate da arcada.

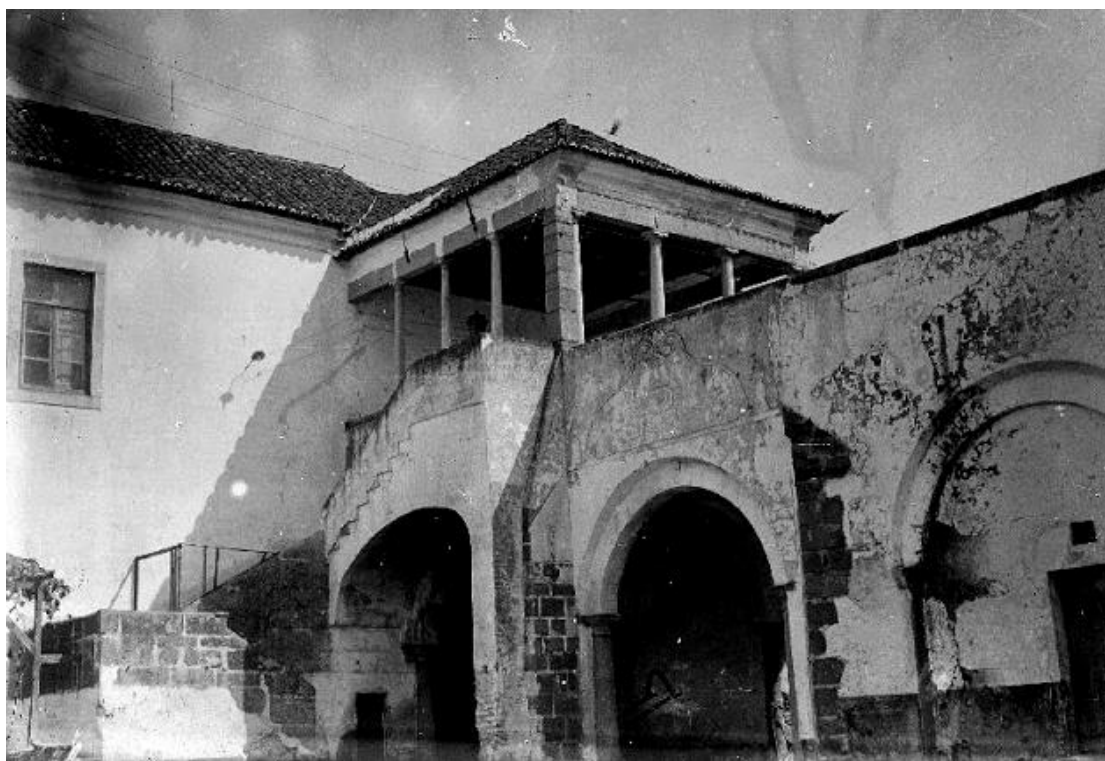


IMAGEM 23 (cima): Vista da Casa Nobre do Pátio do Salema – cerca de 1915

IMAGEM 24 (baixo): Baile na S.O.I.R. J.A.A. no Pátio do Salema - 1947



IMAGEM 25 (cima): Vista da arcada no Pátio do Salema – 1994

IMAGEM 26 (baixo): Fachada S.O.I.R. J.A.A. - 1994



IMAGEM 27 (cima): Vista da arcada no Pátio do Salema – 2016

IMAGEM 28 (baixo): Fachada S.O.I.R. J.A.A. - 2016

4 Dos primeiros animatógrafos ao Salão Central Eborense

4.1 Os primeiros cinematógrafos

“O cinema, cinematografia, ou cinematógrafo, pode definir-se tecnicamente como a visão directa ou projecção de vistas sucessivas que produzem a ilusão de movimento. (...) O mesmo nome se dá também não só à sala de espectáculos especializada nestas projecções e para elas especialmente aparelhadas, como ao conjunto de actividades artísticas, industriais, financeiras, técnicas e comerciais empenhadas na realização do espectáculo de projecção cinematográfica desde a produção de fitas até à sua exibição ao público.”¹

A primeira sessão cinematográfica pública feita na Europa foi a 25 de Dezembro de 1895, na cave do Grand Café em Paris, pela mão de Luiz Lumière. No caso português sabe-se que, em 1896 após ter assistido a uma sessão cinematográfica no Porto, Aurélio Pais Reis (sócio da fábrica Confiança no Porto e entusiasta de cinema) viajou até França para adquirir as primeiras máquinas duplas de Lumière, que permitiam a gravação bem como a reprodução de fitas. Começou assim a produção cinematográfica nacional.

Esta novidade chegou a Évora dois anos mais tarde, pensa-se, pela mão de V. Mosset. Aproveitando o já existente Teatro Garcia de Resende, V. Mosset apresentou, pela primeira vez em Évora, em Janeiro de 1898, um programa de pequenos documentários. Ainda no mesmo ano, em Outubro, Mosset regressa a Évora para sessões cinematográficas, mas desta vez no teatro do Pátio de S. Miguel.

A partir de 1900, várias personalidades da vida social eborense que conseguiram adquirir as máquinas necessárias, inauguraram casas com sessões cinematográficas. No entanto, quando em 1907 foi formada a primeira empresa para a exploração de um animatógrafo, várias outras sociedades foram formadas com o propósito específico de explorar casas de espectáculos cinematográficos.

Entre os vários locais onde se criavam as condições necessárias às sessões de cinema contavam-se: o Rossio de São Brás – durante a anual feira de São João eram improvisadas construções em madeira para as sessões –; o Palácio D. Manuel - onde até 1916 funcionou o Teatro Eborense e onde algumas empresas fixavam os seus animatógrafos –; o Teatro Garcia de Resende, e algumas outras casas maiores, semi-improvisadas, pertencentes às empresas responsáveis.

Entre 1900 e 1916 foram, de facto, vários os espaços que abriram e fecharam. Em 1916, após o incêndio que consumiu quase por completo o Palácio D. Manuel, o único espaço que apresentava sessões regulares de cinema era o Teatro Garcia de Resende. No entanto, a 23 de Dezembro desse mesmo ano foi inaugurado o Salão Central Eborense.

¹ “Grande Enciclopédia Portuguesa E Brasileira”, volume VI, Lisboa - Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Limitada, p. 791

A par com o Salão, em 1918, foi inaugurado outro, o Cine-Chalet no Largo de Santa Catarina. O proprietário deste cinema resolveu tirar partido do vazio criado pela demolição do Convento de Santa Catarina para instalar o seu cinematógrafo, onde também mais tarde viria também a funcionar o Cinema Éden Esplanada, o único cinema ao ar livre da cidade.



IMAGEM 29: Cinema Éden Esplanada, no vazio onde era antes o Convento de Santa Catarina.

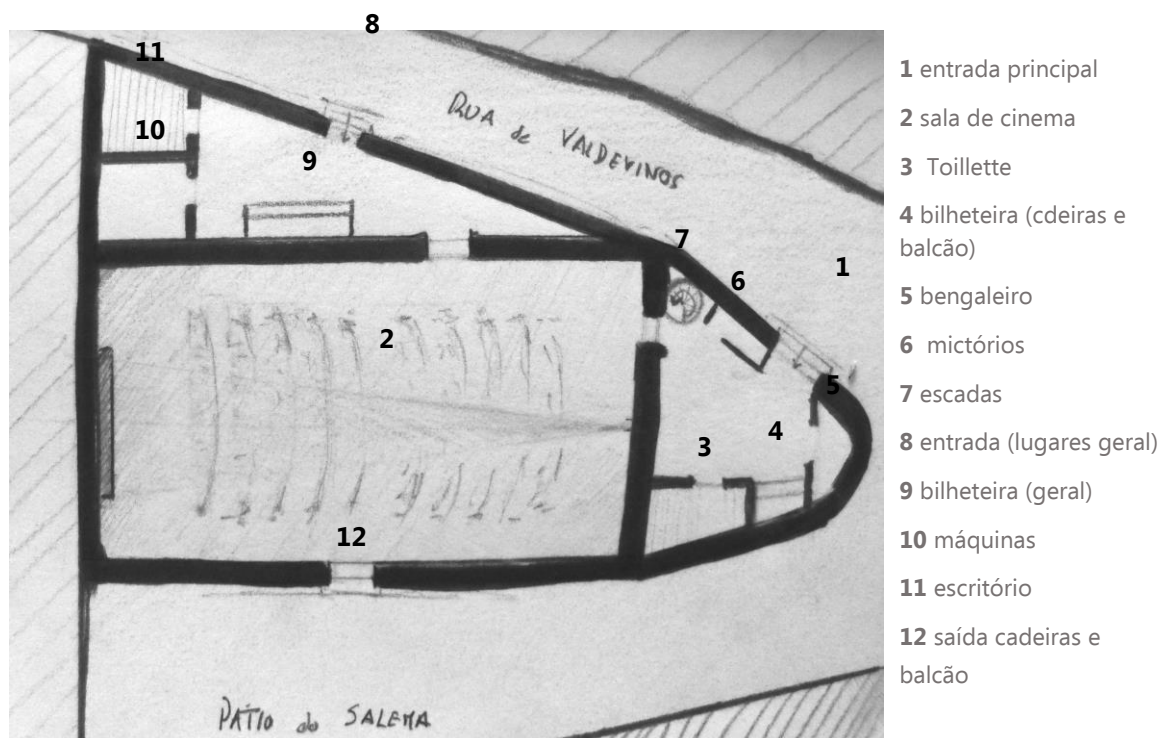
4.2 As primeiras décadas do Salão Central Eborense

O animatógrafo da Rua de Valdevinos iniciou a sua função em 1916, quando o proprietário do Hotel Eborense, Sr. José Augusto Anes, decidiu converter o anexo ao seu hotel – uma antiga fábrica de lanifícios cujos antigos equipamentos tinham já sido vendidos para Lisboa – em espaço de cultura e variedades.

“Se bem o pensou melhor o fez. Pondo em pratica o seu plano, conseguiu em poucos mezes levar a cabo esse grande empreendimento, fazendo no rez do chão uma excellente sala destinada a sessões cinematographicas, que tem 25 metros de comprimento por 12 e meio de largura, comportando 572 pessoas commodamente sentadas sendo 308 logares de cadeira e 264 de geral.” (Salão Central Eborense, 1916)

Pela forma efusiva como a imprensa da época comentou e elogiou o novo empreendimento do proprietário do Hotel Eborense, esta conversão foi muito bem recebida pela população da cidade, sendo que os relatos retratam as primeiras sessões como um verdadeiro sucesso.

Não foi possível obter imagens do edifício do novo animatógrafo de 1916. No entanto, o diário *Notícias D'Évora* fez uma descrição detalhada do espaço, de modo a permitir-nos especular sobre qual seria o seu aspecto interior (a este respeito veja-se notícia em anexo).



Foi então, na noite particularmente tempestuosa de 23 de Dezembro de 1916, que se inaugurou o Salão Central Eborense, com o seguinte programa:

1ª. parte - Sinfonia – Actualidades Gaumont – rapido em perigo (1000 metros, duas partes) – Fatty aviador

2ª. parte - Sinfonia – Presidiário nº 103 (em 3 partes, 1500 metros) – Fricot conquistador” (Salão Central Eborense, 1916)

A partir desta data, eram regulares as sessões de cinema acompanhadas de orquestra. No entanto, o sítio onde esta se encontrava dava azo a que os músicos se concentrassem mais nas façanhas apresentadas no ecrã do que nas partituras, pelo que os espectáculos não atingiam o potencial de qualidade que poderiam ter, num momento de cinema mudo musicado.

É em 1922 que o Sr. José Augusto Anes decide fazer no Salão obras de remodelação. Segundo a imprensa, a intenção seria dotar o Salão de maior comodidade para os espectadores, bem como acrescentar um palco que passaria a poder receber companhias de teatro. Assim, pelo projecto do arquitecto portuense José Oreiro Teixeira, o Salão Central Eborense foi totalmente remodelado.



IMAGEM 30: Interior do Salão Central Eborense em 1934

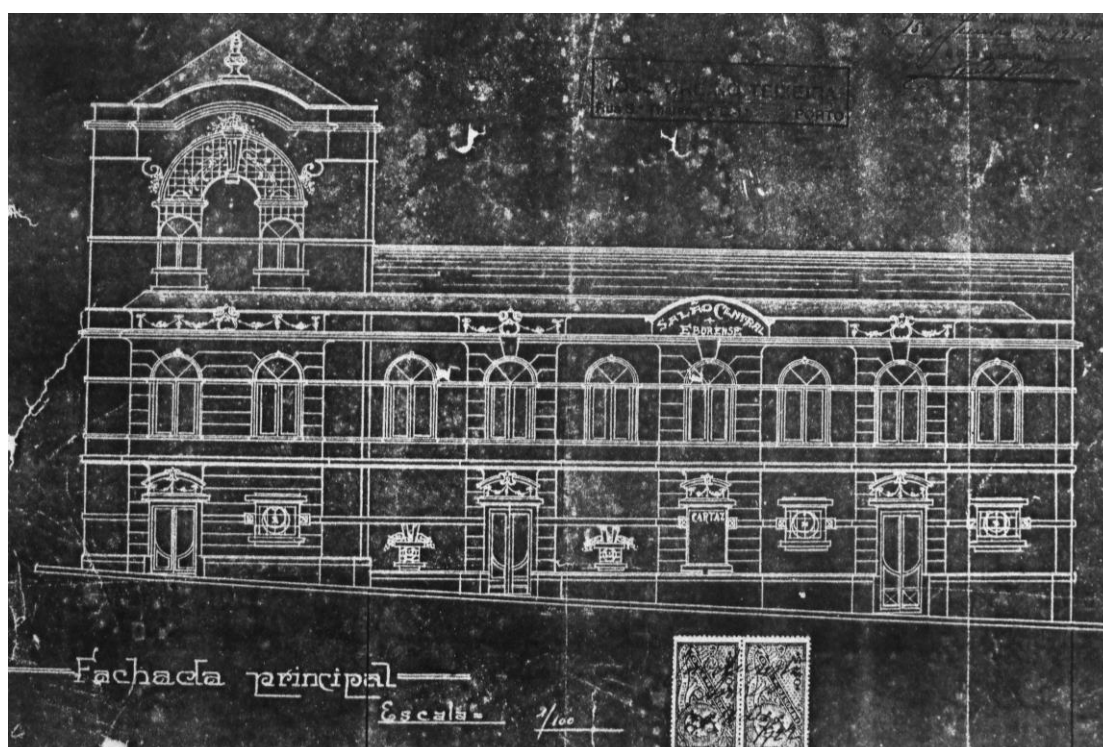
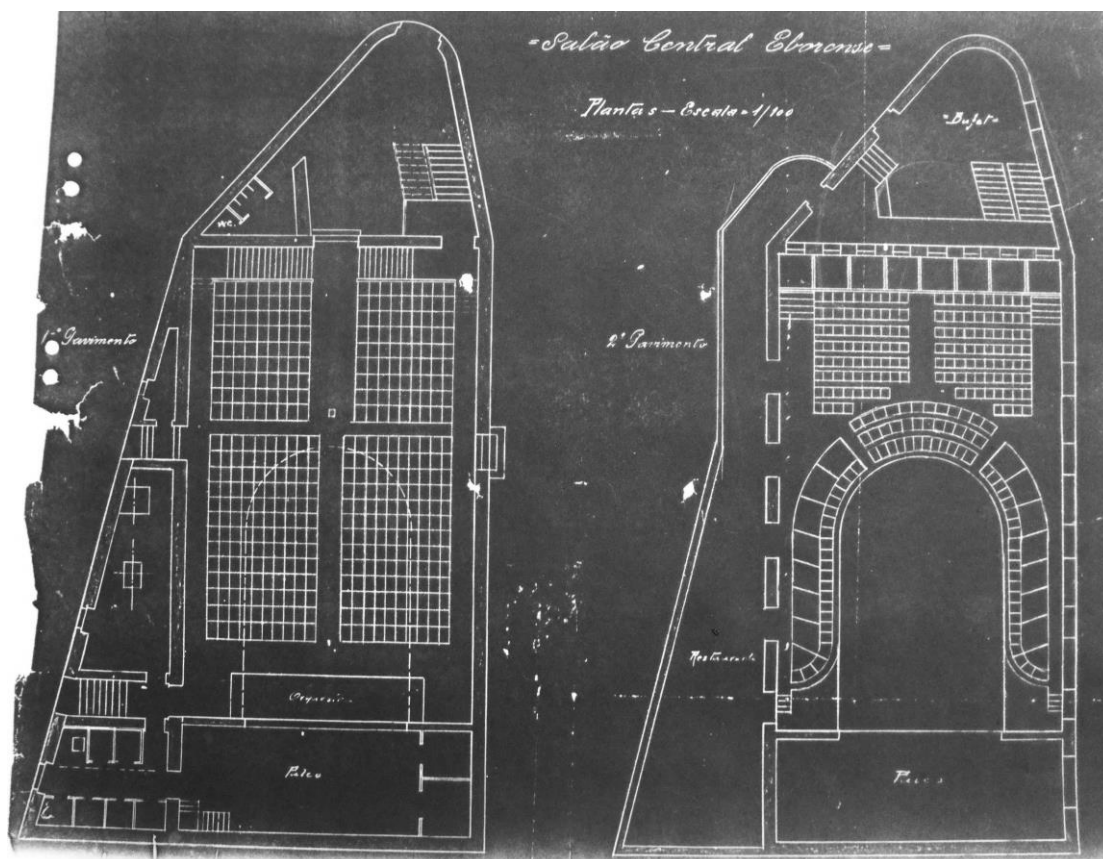


IMAGEM 31 (cima esquerda): Piso 0 Salão Central Eborense – projecto de 1922

IMAGEM 32 (cima direita): Piso 1 Salão central Eborense – projecto 1922

IMAGEM 33 (baixo): Alçado Sul Salão Central Eborense – projecto 1922

Como é visível nas plantas, a sala de espectáculos continua a organizar-se entre plateia e balcão, passando a ter uma capacidade de 740 lugares. Foi construído um restaurante no primeiro andar tirando partido da forma angular das divisões com vista para a rua. Foi também construído um palco junto ao *écran*, acumulando assim a função de teatro - que inclui uma caixa para orquestra, permitindo que o anterior problema de desconcentração dos músicos não voltasse a ocorrer. A inauguração do novo Salão foi a 21 de Julho de 1923 e com casa cheia.

As opções estéticas de José Oreiro Teixeira, reveladas no alçado, despertam na lembrança algumas semelhanças com o projecto do teatro Tivoli de Raul Lino, inaugurado apenas um ano depois, em 1924, com opções próximas de um programa "art deco". A introdução de uma torre no gaveto, elementos decorativos e a forma das guarnições dos vãos ao jeito "afrancesado" enquadram o Salão Central Eborense no paradigma da capital do teatro "de luxo", como designou José Manuel Fernandes para o Tivoli. Deste facto se orgulhava o proprietário do Salão na altura, bem como a população de Évora, como é possível ler na imprensa da época.

Do funcionamento do Salão após esta remodelação é importante destacar que, em 1931, foi o primeiro espaço em Évora a passar cinema sonoro, tornando este espaço ainda mais icónico na vida cultural da cidade. No entanto, é também neste ano que uma inspecção detecta irregularidades e intima o proprietário a fazer obras no edifício e nomeadamente no palco, o qual, por falta de verbas adia os trabalhos, onerosos, obrigando o Salão a funcionar novamente apenas como cinema.

Não obstante a popularidade conseguida pelo SCE, o início dos anos 30 mostrou-se bastante desfavorável à exploração de salas cinematográficas, ao que se juntou o pesado custo das obras de melhoramento exigidas pelas inspecções. Assim, apesar das alterações estruturais por fim levadas a cabo em 1934, o Salão é fechado após uma vistoria ter concluído que não estavam asseguradas as condições de segurança para os espectadores. Este encerramento fez acelerar as obras de remodelação. É assim que ainda no ano de 1934 são feitas melhorias, nomeadamente, em relação ao acesso aos camarotes e balcão e também na sala de fumo, permitindo reabrir o espaço e mantê-lo em funcionamento por mais uma década.

4.3 O projecto de Keil do Amaral

“Com os anos 40 – 50 começa a divulgação dos cineteatros, que a legislação obrigava a terem grandes dimensões e mistura de funções; praticamente todas as vilas e cidades os possuem ainda na maioria decadentes ou fechados, sempre grandes demais para a localidade que servem.” (FERNANDES, 1995)

No início dos anos 40 o Salão muda de dono e passa a pertencer a Judith Sanches de Miranda, que decide em 1943 fazer novas obras de remodelação. Nesta altura, o SCE era já o único espaço exclusivamente dedicado ao cinema da cidade de Évora, pelo que, devido à crise da altura - causada principalmente pela 2ª Guerra Mundial – se tornou necessário criar e manter espaços que pudessem proporcionar à população acesso a entretenimento e cultura. E neste aspecto, na época em questão, o cinema era o meio por excelência de propaganda de ideais.

Foi então que, em 1944, foi escolhido o arquitecto Francisco Keil do Amaral para criar um novo projecto que alterasse por completo o edifício existente, dando-lhe uma nova feição por dentro e por fora. Por esta altura, Keil do Amaral fazia parte da Câmara Municipal de Lisboa na Direcção de Urbanização e Obras e, apesar da sua ideologia tendencialmente progressista, os seus projectos reflectem uma integração dos ideais políticos do país dos anos 40. Não obstante o traçado marcadamente moderno presente nas obras de Keil do Amaral, estas reflectem também um grande empenho na integração de símbolos antigos do poder português, utilizando novas formas de expressão, bem como a conjugação com elementos arquitectónicos e decorativos regionalistas, naquilo a que poderemos chamar, nestas suas realizações da década de 40, uma adesão “domesticada” ao estilo “português suave”, tão patente em edifícios do Estado Novo, especialmente no que concerne a equipamentos.

No que respeita ao interior projectado por Keil do Amaral para o SCE, é de notar a redução significativa do número de lugares para os espectadores, que passou de 740 para 548 lugares. Como se pode ver nas imagens, estes lugares distribuem-se entre plateia (324 lugares), balcão (214 lugares) e frisas (10 lugares). No entanto, a maior alteração é a inversão que Keil faz da posição do palco; enquanto no anterior projecto de 1923 o palco e *écran* se localizavam no interior da fachada Este (tirando partido da ausência de vãos), Keil coloca estes elementos na parte Oeste do edifício, fazendo do elemento de planta triangular posterior ao palco, uma zona arrumação de cenários e entrada para camarins.

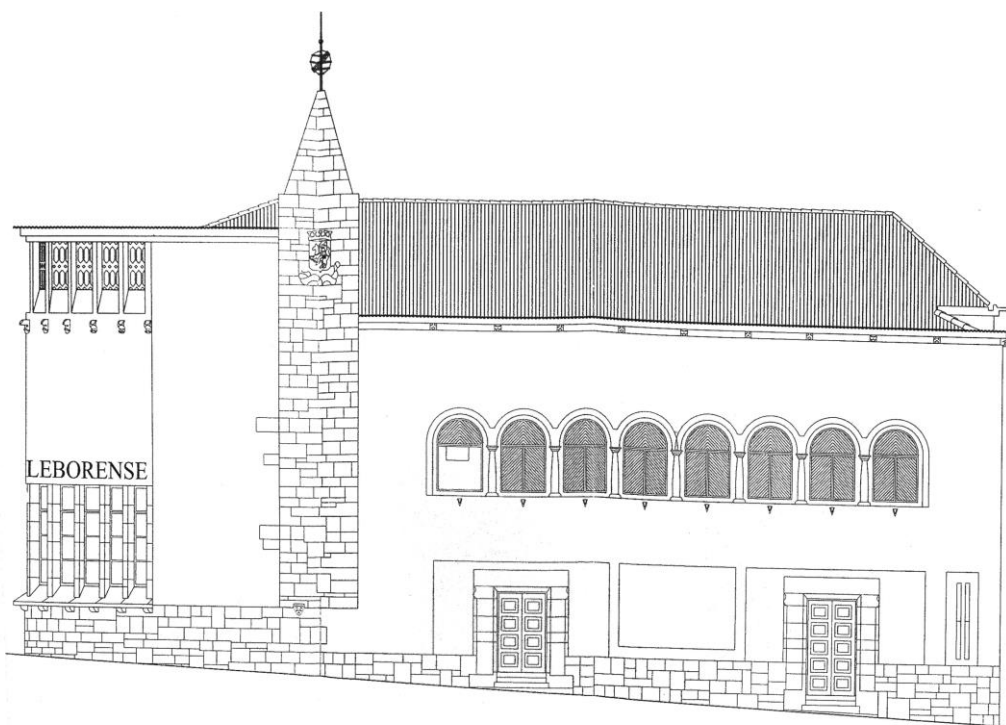
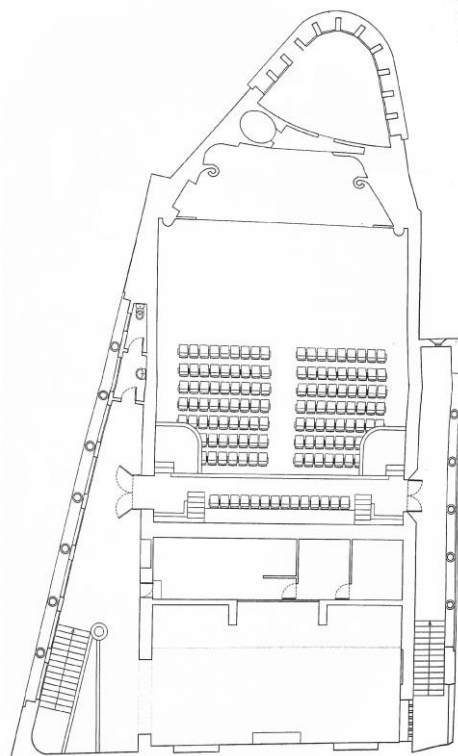
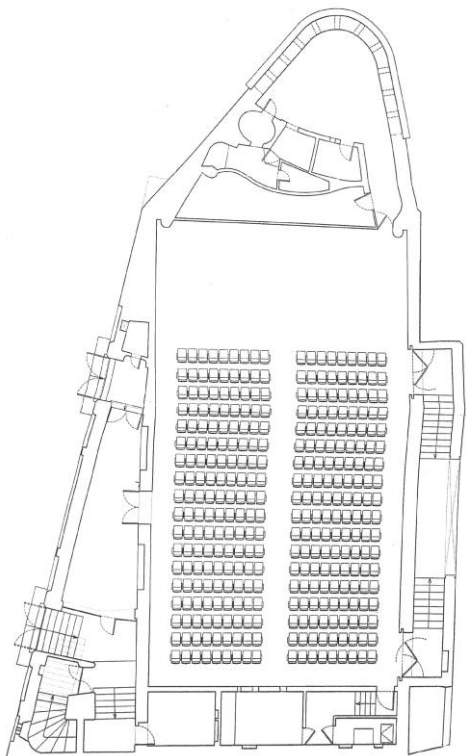


IMAGEM 34 (cima esquerda): Piso 0 Salão Central Eborense – projecto de 1945

IMAGEM 35 (cima direita): Piso 1 Salão central Eborense – projecto 1945

IMAGEM 36 (baixo): Alçado Sul Salão Central Eborense – projecto 1945

Quanto às referências regionalistas, Keil do Amaral, opta neste projecto por integrar nas fachadas elementos da cidade de Évora bem como materiais predominantes da região, como por exemplo, as guarnições das portas e janelas em granito (rocha utilizada na pavimentação das ruas em todo o centro histórico), as fachadas pintadas de branco, as arcadas das varandas do primeiro andar de ambas as fachadas (numa clara referência às arcadas da praça principal da cidade, a Praça do Giraldo, e também à *loggia* presente no Pátio do Salema, para onde se abre a fachada norte). Por fim, a torre na fachada sul - com uma versão estilizada do símbolo da cidade e o remate com esfera armilar - fazem uma clara referência ao poder local e estatal, respectivamente.



IMAGEM 37 (esquerda): Pormenor esfera armilar



IMAGEM 38 (centro): Pormenor símbolo de Évora estilizado

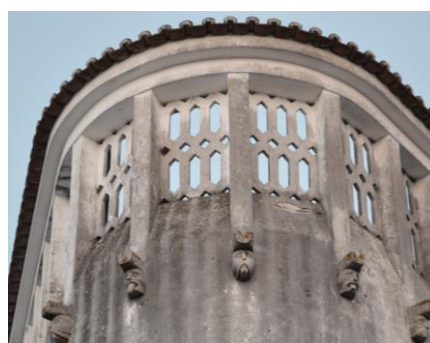


IMAGEM 39 (direita): Pormenor de remate do gaveto

É ainda de notar, em particular, a introdução do elemento de remate superior na parte de gaveto. Este elemento, tipicamente utilizado na arquitectura portuguesa da primeira metade do século XX, encontra-se também presente nas torres de alguns conventos em Évora, especialmente nos mirantes dos mosteiros femininos com os seus vãos protegidos por “adufas”, facilitando, assim, a integração urbana do novo SCE e aqui enquanto sistema utilizado de forma a transmitir a ilusão de falta de cobertura no edifício, deixando ver o céu nos vazios do seu desenho. O conjunto conseguido entre este elemento e os canais de escoamento de águas pluviais na forma de goteiras ornadas por caras estilizadas, deixa-nos mais uma vez a pista da relação, ambicionada por Keil do Amaral, entre tradição e modernidade. Também bastante marcado é o gaveto arredondado tipicamente encontrado nos teatros e cinemas dos anos 40 e 50.

Estes elementos não são, porém, exclusivos desta obra de Keil do Amaral, principalmente no que diz respeito ao remate da torre com a esfera armilar em metal. Encontramo-lo também em obras monumentais de Lisboa como o antigo cinema Monumental (com projecto de Rodrigues Lima, iniciado em 1944 e inaugurado em 1951), na Praça Duque de Saldanha, ou o cinema Império (projecto de Cassiano Branco de 1948 e terminado em 1952), na Alameda D. Afonso Henriques. No entanto, o Salão

Central Eborense, mais perto da escala dos cineteatros como o Cine-teatro Avenida em Aveiro ou o Império de Lagos, combina aqui elementos e escala regionalistas com os componentes patrióticos e de cariz mais monumental presentes nos cinemas da capital.



IMAGEM 40 (cima): Interior Salão Central Eborense - 1945

IMAGEM 41 (baixo): Alçado Norte Salão Central Eborense - 1945



IMAGEM 42: Interior Salão Central Eborense - 1945



IMAGEM 43: Alçado Sul Salão Central Eborense - 1945

Quanto à integração de elementos simbólicos no interior do edifício, destacam-se as decorações alusivas ao Alentejo, a saber, o elemento floral composto por um ramo de sobreiro estilizado - com folhas e bolotas e que se repete em vários momentos no interior da sala de espectáculos, ao jeito de logotipo), bem como as pinturas murais presentes em ambas as paredes da plateia. Estes elementos não são de todo inocentes decorações, mas sim alusões à imagem ideológica do Alentejo rural criada pelo Regime.

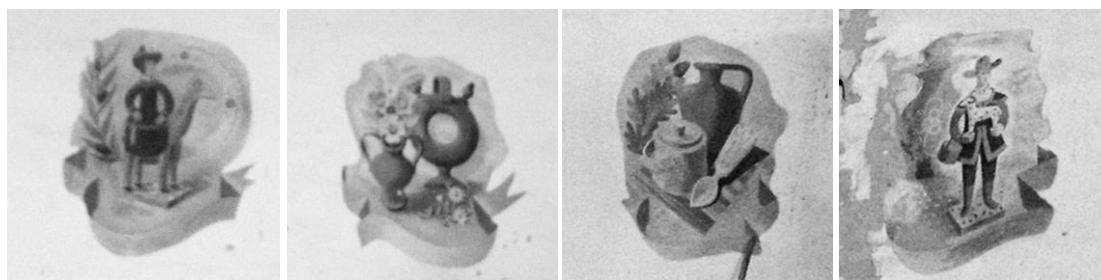
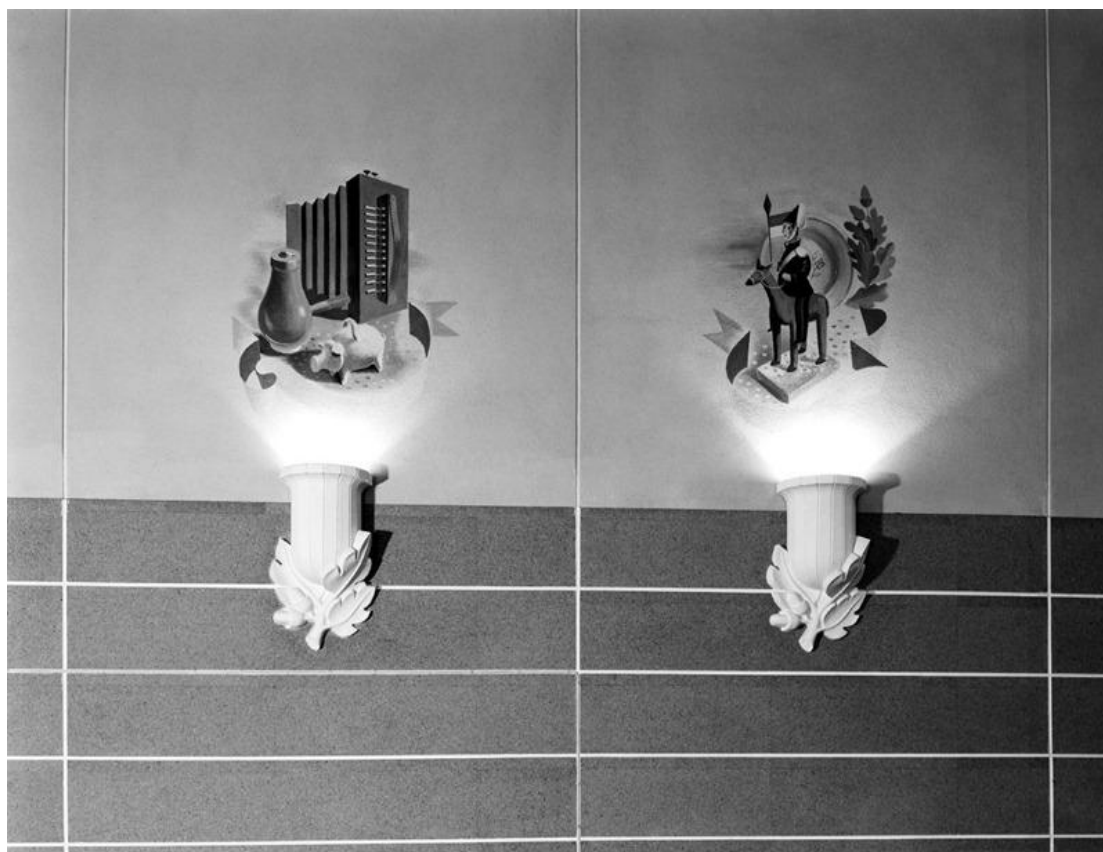


IMAGEM 44: Conjunto de pinturas decorativas alusivas ao Alentejo

Foi assim que a 1 de Novembro de 1945 foi inaugurado, mais uma vez, o remodelado Salão Central Eborense. Estiveram presentes o Governador Civil bem como o Presidente da Câmara Municipal de Évora e após as formalidades inaugurais foram passados alguns pequenos documentários e o filme *"Isabel de Inglaterra"*. Após a sessão solene, os convidados retiraram-se e procedeu-se à sessão pública de cinema com o filme *"Um homem às direitas"*. Esteve em funcionamento – não o "homem", antes sim o cinema - até 1988, mantendo-se um ícone da vida social e cultural da cidade, abrangendo várias gerações de eborenses.

Após a sua reabertura, o Salão foi alvo de algumas pequenas alterações: em 1953 foi aberto um vão na fachada sul para corresponder às exigências da Delegação de Saúde no que toca a ventilação nos mictórios; em 1968 foram removidas goteiras, colocado um portão de metal tipo lagarto no acesso para o Pátio do Salema e substituídas as lajes antigas de madeira e estafe por outras de betão pré-esforçado; em 1972 foram alteradas as portas principais de madeira por portas de metal e vidro.

Todas estas alterações obtiveram aprovação não só da CME, mas também do autor original da obra – Francisco Keil do Amaral – e da Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes.



IMAGEM 45: Cartaz filme *"Um homem às direitas"*

4.4 Encerramento e tentativas de recuperação

Nos anos 70, com a nova atracção da televisão, a afluência às sessões cinematográficas decai. É aí que se inicia o processo de declínio do SCE, que, a partir do início dos anos 80 não consegue competir com as novidades da época. Entre estas novidades estão a abertura de videoclubes – que permitiam o “cinema em casa” – e as duas salas de Cinema Alfa que abriram no Centro Comercial Eborim. O conforto e qualidade de som e imagem destas modernas salas de cinema veio deitar por terra a pouca afluência de que o Salão Central já sofria. É neste período – desde o início dos anos 80 até 1988 - que, com o aumento das dificuldades de manutenção e escassez de público, o SCE passa a exhibir exclusivamente filmes pornográficos.

Após o encerramento ao público em 1988, apesar de haver pedidos, aprovados, de licenciamento para o bar do Salão, o edifício passa a ser alugado apenas esporadicamente, entre outros, por seitas religiosas e uma rádio local. No entanto, o estado de conservação do edifício foi-se deteriorando sem a possibilidade de manutenção, pelo que foram feitas várias tentativas por parte da Câmara para a comprar o imóvel. Em 1994 foi feita uma última tentativa pela Empresa Manuel Themudo Baptista para a recuperação do SCE, a qual se revelou infrutífera. É apenas em 1996 que a CME finalmente consegue chegar a acordo com o proprietário e o Salão Central Eborense passa a pertencer à Câmara Municipal de Évora.

No entanto, esta passagem de testemunho não foi acompanhada de financiamento apropriado para a recuperação do imóvel, pelo que este continua até aos dias de hoje sem recuperação à vista. Apesar dos vários projectos feitos desde a aquisição pela CME (em anexo), nenhum deles chegou a ser concretizado, deixando assim o Salão Central Eborense à mercê da degradação por acções climáticas ou humanas.

A situação actual do SCE não deixa de trazer à lembrança o icónico *“Cinema Paraíso”*, filme de 1988 que conta a história do cinema de uma pequena vila italiana que, após ter feito as delícias de gerações de espectadores, se viu condenado à degradação e demolição. Final trágico para um edifício carregado de significado e memória para os habitantes desse lugar.

FOTOS INTERIOR



IMAGEM 46: Entrada principal

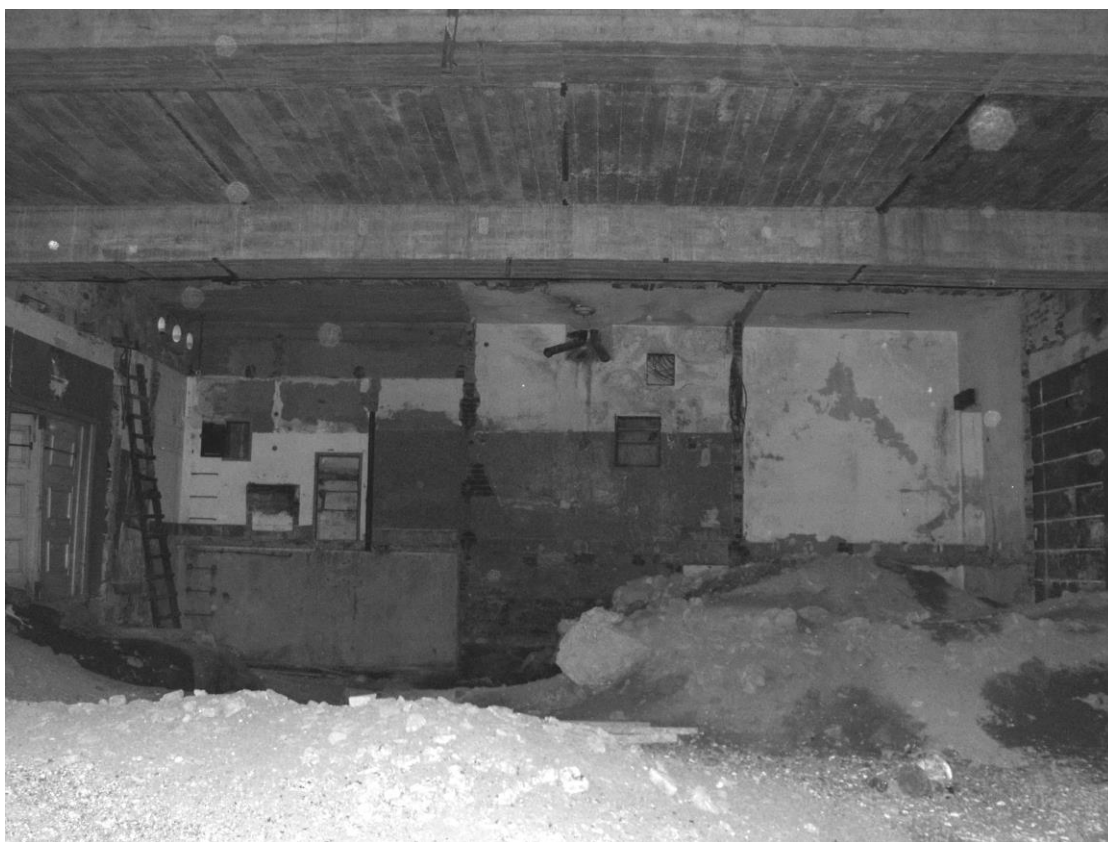
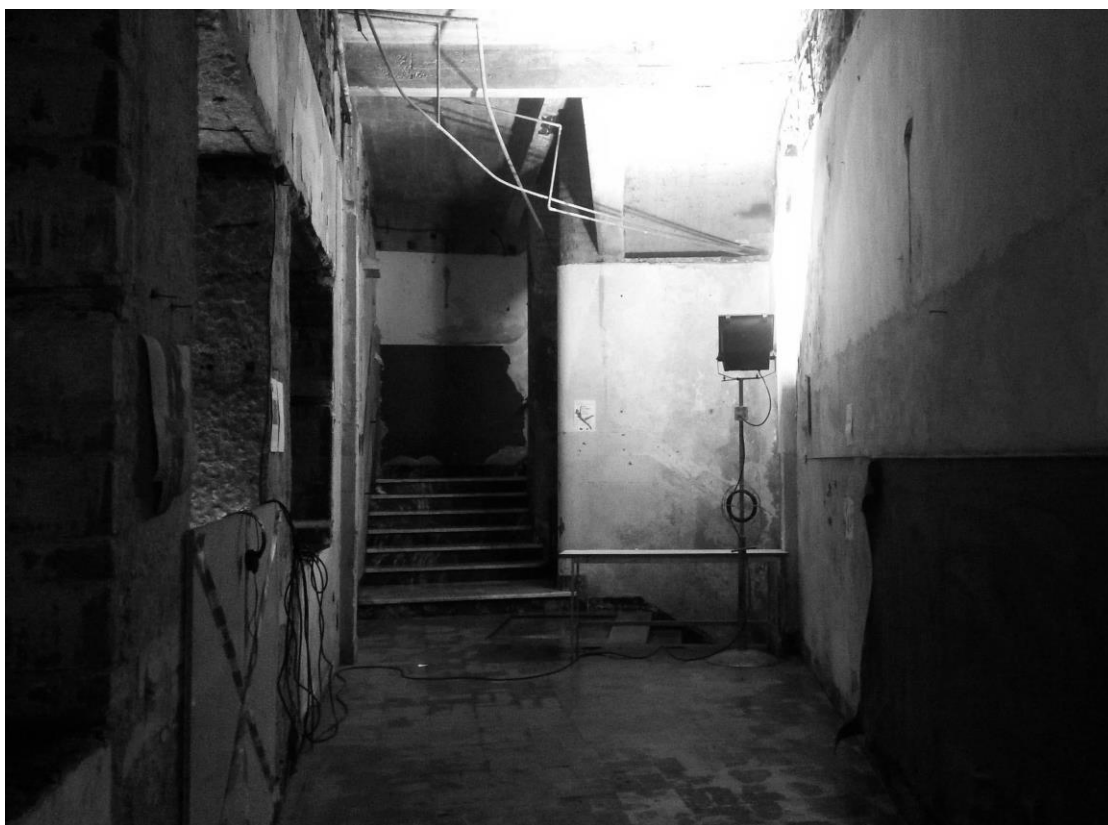


IMAGEM 46 (cima): Entrada principal (segunda porta)

IMAGEM 47 (baixo): interior com escavação arqueológica

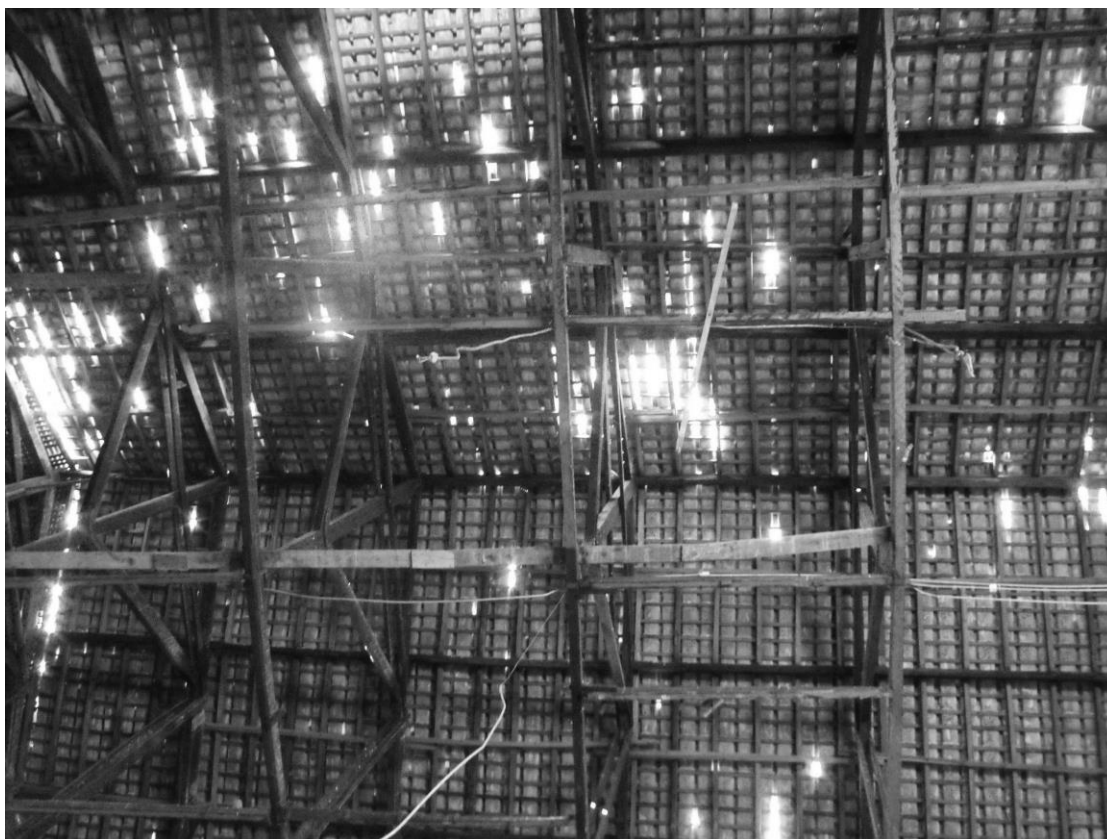


IMAGEM 48 (cima): Cobertura

IMAGEM 49 (baixo): átrio piso 1 – janelas para a Rua de Valdevinos



IMAGEM 50 (cima): antigo foyer

IMAGEM 51 (baixo): Parte do balcão ainda existente



IMAGEM 52: Antigo Foyer e cafeteria



IMAGEM 53: Pormenor escadas de acesso ao piso 1



IMAGEM 54: Janelas atrás do palco.

FOTOS EXTERIOR



IMAGEM 55: Alçado Oeste Salão Central Eborense



IMAGEM 56: Alçado Sul Salão Central Eborense



IMAGEM 57: Alçado Sul Salão Central Eborense



IMAGEM 60 (cima): Alçado Norte Salão Central Eborense

IMAGEM 61 (baixo): Integração do Salão Central Eborense na envolvente

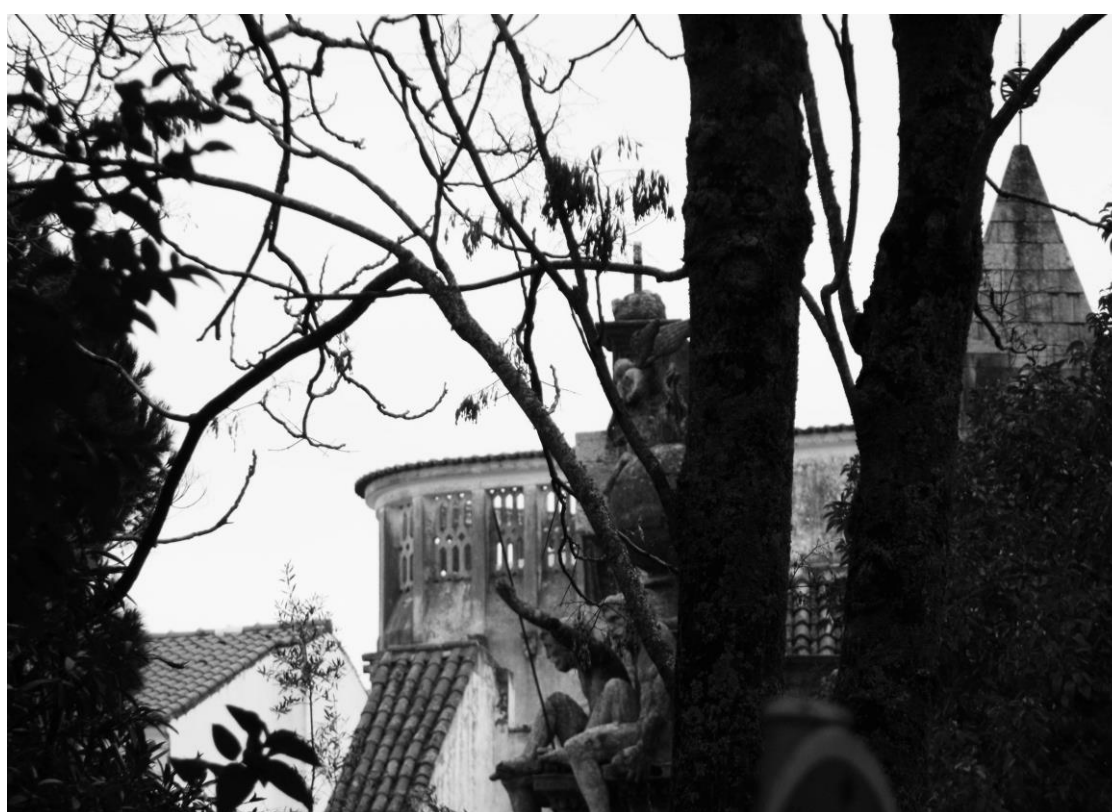


IMAGEM 58 (cima): Janelas vistas do exterior

IMAGEM 59 (baixo): Alçado Norte Salão Central Eboense

5 CENTRO CULTURAL DE ÉVORA

Após a exposição de algumas problemáticas ligadas ao Centro Histórico de Évora e a alguns dos seus espaços degradados, chegamos ao momento de perguntar: e agora? Que soluções para estes problemas? Embora não pretendamos aqui responder as todas as questões levantadas no decorrer deste trabalho, consideramos que a arquitectura enquanto reflexão e intervenção pode, e deve, ajudar a mudar a cidade - uma intervenção qualificada pode, de facto, alterar, melhorando, a vivência de uma cidade.

Consideremos, então, a questão do cinema a cidade carece, já que a ida ao cinema no CH assume contornos de quase ritual, em que a pessoa encontra os amigos "na cidade", provavelmente na Praça do Giraldo, vai ao cinema e depois do filme acabar talvez se fique pelo CH e vá a um café, ou a um bar com os amigos, ou, no caso de uma tarde de domingo em família, vá dar um passeio pela cidade e ver as lojas. Esta "ida ao cinema" pode não parecer muito diferente da ida ao cinema num centro comercial, mas numa cidade como Évora, faz toda a diferença. Quando temos uma cidade com um Centro Histórico que, tal como vimos através das entrevistas, continua hoje em dia a ser **o centro da cidade**, a todos os níveis da vida social, justifica-se, plenamente, a existência de um equipamento deste tipo. À parte da discussão controversa que é a construção de um centro comercial na periferia da cidade, pode e deve haver complementaridade entre os dois espaços, no caso da construção nova. Mesmo que venham a ser abertas ao público uma ou duas salas de cinema num novo centro comercial, não podemos preterir a recuperação de espaços degradados no CH com capacidade para este tipo de equipamentos, em favor de construção de raiz quase fora dos limites da cidade. Não podemos ignorar a forma como as pessoas vivem e querem voltar a viver a sua cidade sem lhes dar a oportunidade de poder ir assistir ao filme que estreou esta semana no **centro da sua** cidade.

No entanto, a reactivação por si só do Salão Central Eborense, devolvendo- -o à sua função original de cinema, não é suficiente. O Salão Central integra um conjunto de edifícios que forma o Pátio do Salema, para além de ter uma das suas entradas e uma das suas varandas viradas para o Pátio. Pelo que a reactivação de um pressupõe impreterivelmente a recuperação do outro. Se a estes juntarmos também um outro espaço com potencial cultural, o Largo de São Vicente, pode equacionar-se a criação, neste ponto mesmo, de um núcleo de espaços que funcionem em diálogo uns com os outros constituindo um Centro Cultural para Évora. Este núcleo não só poderia conferir um novo fôlego a cidade e aos seus habitantes em termos de vivência do CH, como também daria a oportunidade da população usufruir de um espaço dedicado inteiramente à divulgação de várias artes com eventos regulares.

Também referimos em capítulos anteriores a alteração e encerramento de várias unidades comerciais dentro do recinto intramuros, ao que a formação de um Centro Cultural com variedade de actividades artísticas durante todo o ano e para todas as faixas etárias, serviria como catalisador para uma maior actividade comercial, incentivando não só a população da cidade de Évora, mas também de aldeias.

A materialização desta solução faz-se aqui a dois níveis: uma proposta urbana que permita então, a criação deste núcleo cultural; e uma proposta de recuperação e reactivação do Salão Central Eborense, que consideramos ser o ponto chave para a revitalização desta parte da cidade. Mas para que isto aconteça é necessário que esta recuperação funcione transversalmente a todos os edifícios devolutos da Rua de Valdevinos, nomeadamente, o edifício que se encontra no lado oposto ao Salão e que actualmente pertence a entidade privada. Este edifício não foi alvo de intervenção neste trabalho por considerarmos ser de superior importância a recuperação do Salão Central, deixando-nos assim com tempo limitado; no entanto, ele figura nas intenções de programa como forma de colmatar a falta de espaços informais dedicados, neste caso, ao teatro.



IMAGEM 61: Planta de conjunto

1 | Salão Central Eborense

2 | edifício devoluto referido no corpo de texto como importante na revitalização da Rua de Valdevinos e Pátio do Salema. Potencial lugar dedicado ao teatro.

Esta proposta não tem como objectivo a solução de todos os problemas que existem no CH e que, na maior parte dos casos, advêm circunstâncias intimamente ligadas à sociabilidade da vida contemporânea, induzindo uma reconhecida, embora não dramática incapacidade de conjugação com as características específicas deste núcleo. Não obstante, queremos aqui reiterar que esta proposta arquitectónica tem como objectivo a franca recuperação e reabilitação de espaços icónicos e de elevado potencial em prol dos habitantes da cidade, já não com o intuito economicista de aproveitamento turístico.

PROJECTO URBANO

No que concerne à componente urbana da intervenção que propomos neste trabalho, vamos focar-nos em primeiro lugar na desarticulação que existe entre o Largo de São Vicente e a Rua de Valdevinos. Estes dois lugares estão ligados directamente por escadas. Porém, como foi descrito em capítulo anterior, as Escadinhas de São Vicente estão num plano mais afastado em relação à parte central do Largo de São Vicente. Este facto, aliado à forma e materialidade dos degraus, confere a este elemento um aspecto quase sombrio, quanto mais não seja pelo esforço físico que se adivinha. Neste sentido, é necessário intervir em termos morfológicos, alterando os degraus e a sua disposição, tornando-os mais confortáveis, e também fornecendo a quem se desloca um ponto de interesse, a saber, informação sobre a cerca velha, através não só de placa informativa, mas também de um desenho no pavimento – à semelhança do que acontece no Largo do Toural em Guimarães – que permita essa percepção, por vezes difícil, do sítio onde passava a muralha que mais à frente culminava numa torre, ainda hoje visível.



IMAGEM 62 (esquerda): Pormenor escadinhas de São Vicente

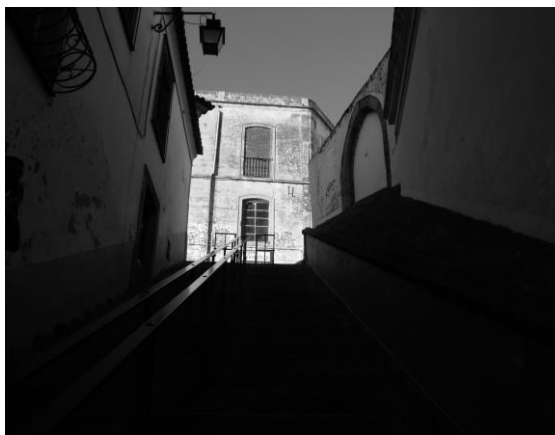


IMAGEM 63 (direita): Escadinhas de São Vicente

Segue-se a intervenção na Rua de Valdevinos. Após a regularização das Escadinhas de São Vicente e, portanto, reintroduzindo uma maior articulação e ligação entre estas duas cotas, chegamos a uma rua que pela sua localização em relação à Praça do Giraldo e às ruas que aí desembocam, possui características de artéria secundária. Neste sentido de hierarquização natural das ruas, a Rua de Valdevinos terá e deverá manter este papel secundário. No entanto, a ausência de intervenção a nível de regularização da calçada da qual beneficiaram as ruas que podemos ver na planta, não se prende somente com esta hierarquia natural, mas também pela importância relativamente a um percurso potencialmente turístico. Senão vejamos o caso da Rua da Alcárcova de Cima. Esta rua é povoada quase exclusivamente por traseiras de restaurantes e tudo o que daí advém – exaustores, ares condicionados, movimento diminuto e ocasional – o que contribui, juntamente com a sua estreiteza, para o desconforto da passagem. No entanto, esta rua foi alvo de intervenção a nível da calçada uma vez que aí se encontram presentes vestígios de uma casa romana e parte da cerca velha. É também neste sentido, que consideramos importante estender esta intervenção para a Rua de Valdevinos, dando-lhe uma continuidade e fluidez visual em relação às ruas circundantes.



IMAGEM 64 (esquerda): Rua 5 de Outubro



IMAGEM 65 (direita): Rua da Alcárcova de Cima

Esta intervenção pode parecer modesta, ou quase despidiêda. Todavia, se tivermos em conta que a calçada da maior parte das ruas do CH é bastante irregular e muitas vezes desconfortável ao andar, a simples regularização pavimentar fará toda a diferença na forma como as pessoas se deslocam e nos percursos que escolhem.

Por último, chegamos ao Pátio do Salema. Aqui voltamos a concentrar-nos na regularização da calçada e na criação de um "tabuleiro", à semelhança do que existe na Praça do Giraldo, no Largo de São Vicente ou até na Praça do Sertório, que marque de forma inequívoca o carácter de acolhimento deste espaço, valorizando-o. No entanto, esta intervenção no Pátio do Salema só será possível com o condicionamento do trânsito entre o Salão Central e a arcada, permitindo apenas a passagem de veículos de mercadorias para os estabelecimentos de restauração presentes no Pátio. Desta forma, permitindo que as pessoas possam usufruir realmente deste lugar, não só os carros. Uma vez mais socorremo-nos da doutrina, do "menos é mais", por muito banal que seja o ditado. O reperfilamento das ruas, a sua comodidade obtida através de mobiliário modesto sem arremedos arrojados de design de vanguarda - apenas o funcional, e só o funcional e, sobretudo, o que implique manutenção fácil e económica - é muitas vezes o segredo "de polichinelo" para uma sociabilidade urbana melhorada.

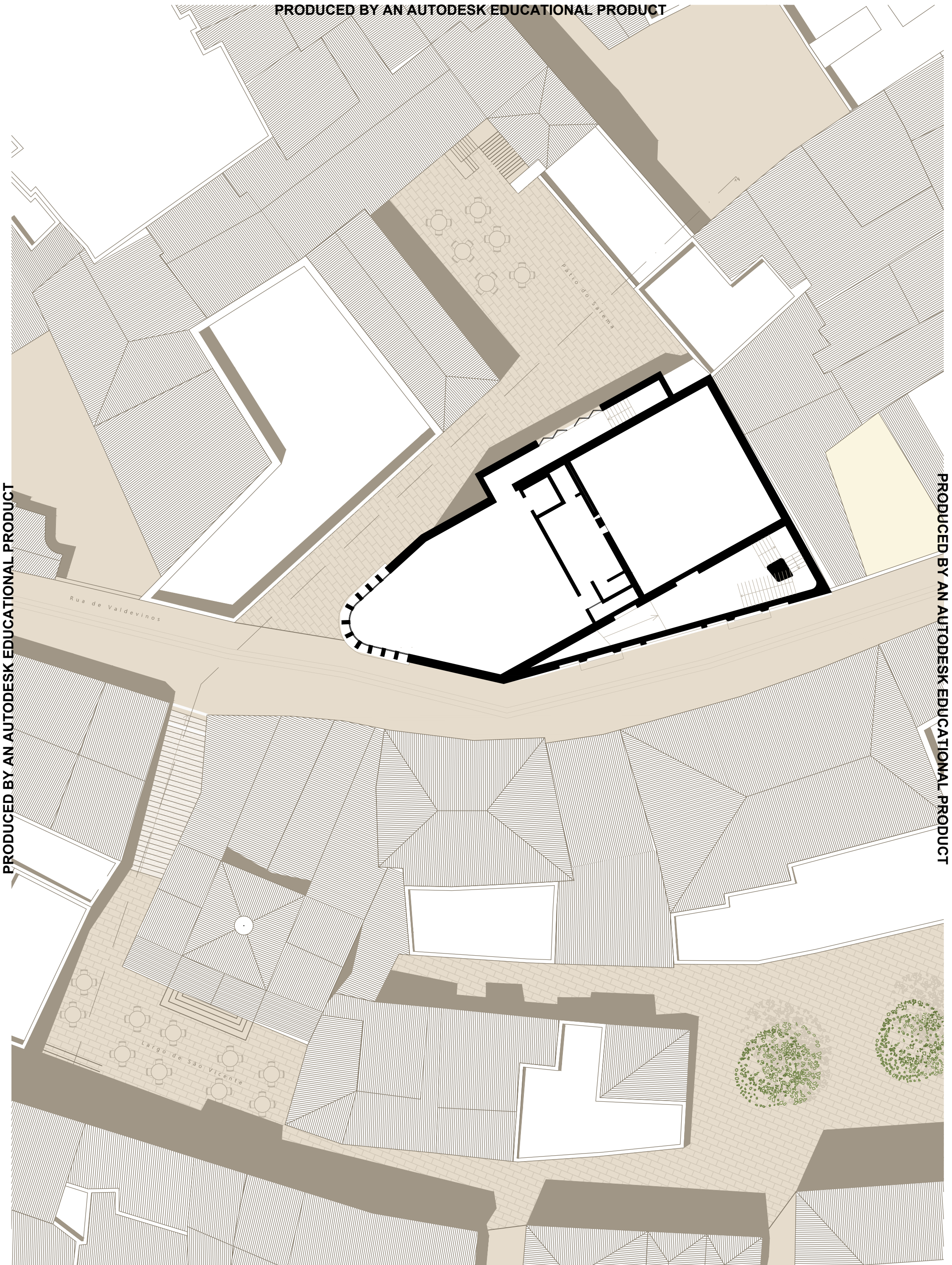


IMAGEM 65: Pormenor da transição entre a Rua de Valdevinos e a Rua 5 de outubro

Planta de Implantação

Corte AA'

DESENHOS 1:250

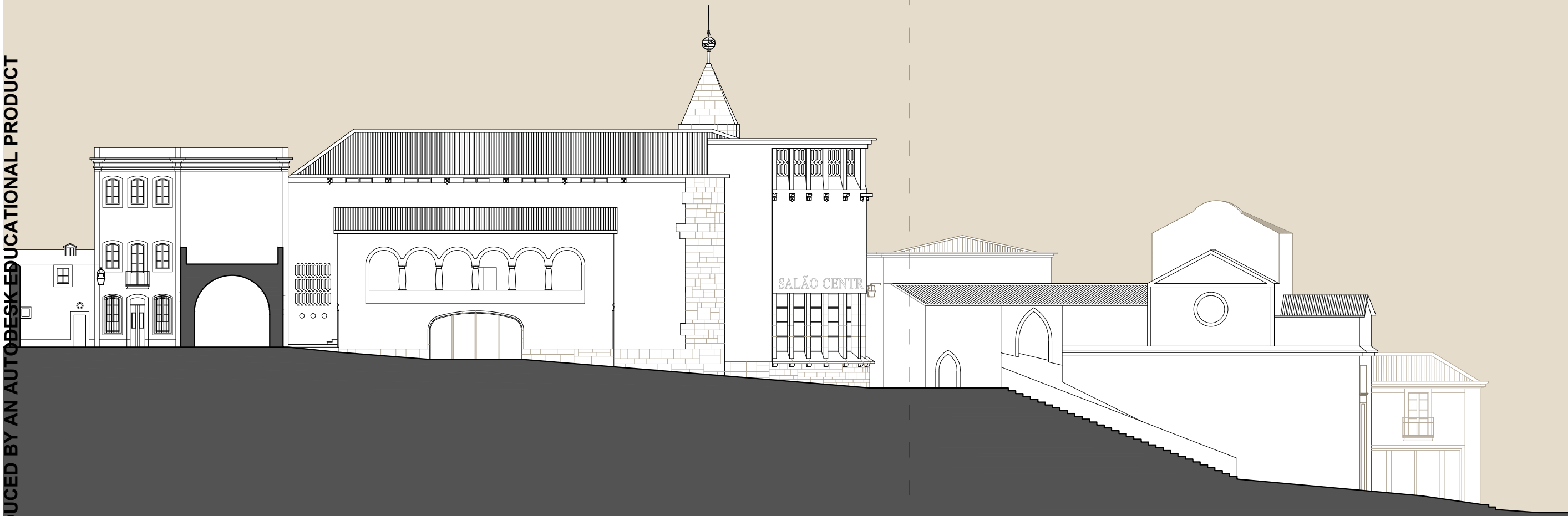


Rua de Valdevinos

Pátio do Salama

Largo de São Vicente





Dos cineteatros construídos durante o Estado Novo muitos são os que mantêm a sua função, com as necessárias alterações para acomodar os modernos sistemas de iluminação e som, ou mesmo para maior ajuste em termos de capacidade de espectadores àquilo que são hoje as reais necessidades das cidades em que se inserem. No caso do Salão Central Eborense, depois de um interregno de quase trinta anos, propomo-nos aqui trazê-lo de volta à vida cultural da cidade de Évora como espaço dedicado ao cinema, com as devidas alterações que o farão adequado aos nossos dias. Compreendendo que o Salão não voltará ao que foi apenas com a sua reactivação, pretendemos aqui criar um lugar onde se cruzem as memórias do cinema antigo e a função de cinema actual.

Como descrito no capítulo dedicado a história deste edifício, desde o início da sua função enquanto cinema em 1916, este edifício sofreu inúmeras transformações, mais ou menos profundas, mas todas elas responderam da melhor forma possível às necessidades da sua época, tanto em termos de função como de estética. No entanto, foi o projecto de Keil do Amaral que perdurou com um exterior quase intacto até aos nossos dias. A sua excelente integração no centro histórico confere-lhe uma familiaridade que nos interessa aqui aproveitar e valorizar, nomeadamente como reactivação da memória colectiva da cidade. É assim que, nesta nossa proposta, o exterior permanece praticamente intacto, não por uma escolha que premeie o fachadismo, mas sim num gesto que compreende a importância e a perfeita integração deste edifício na envolvente. Como imperativo, voltam a ser colocadas as portas de madeira próximas das originais, por considerarmos que se integram melhor na fachada do edifício.

Não obstante esta decisão, verifica-se um constrangimento de porte, uma vez que o interior do edifício se encontra completamente degradado. Assim, aproveitando os elementos estruturais em betão (vigas e laje) e de circulação vertical que ainda existem e que ainda se encontram em bom estado, assumiu-se o redesenho do miolo projectado por Keil, com o intuito de tornar este edifício o mais adequado possível às novas necessidades do cinema. Deste novo desenho interior, optámos também por inverter a posição do écran para a sua posição original, aproveitando assim a laje já existente de modo a possibilitar a criação de duas salas de cinema com menor capacidade, permitindo maior oferta, por oposição a uma única sala com grande capacidade. Deste modo é possível também aproveitar a única fonte de luz natural constituída pelas janelas que se encontram ao nível do primeiro piso na parte de gaveto e que, paradoxalmente, se encontram confinadas a iluminar um espaço segregado e de arrumos e, pior ainda, sem uso público.

Mantendo a fachada principal, mantemos também as entradas principais na Rua de Valdevinos. À semelhança do que acontece quando percorremos as ruas do CH, também aqui temos um momento de constrangimento antes de entrar naquilo que é o novo foyer. Este novo espaço tira partido do imenso pé direito que antes oferecia às primeiras filas da plateia e do palco. Aqui a materialidade do metal e da madeira dá ao espaço uma leveza e fluidez que contrasta com a presença forte das paredes portantes quase sem vãos. Ao mesmo tempo, esta estrutura fluida e aberta permite tirar o máximo partido da luz natural das janelas existentes, que, não obstante, é pouca para a dimensão do espaço, pelo que a luz artificial desempenhará um papel fundamental.

A circulação vertical é aqui o elemento de destaque, e a sua forma foi pensada de forma a encontrar um diálogo entre curva e recta – ambos sintagmas bastante fortes na morfologia deste edifício – e a sua materialidade, principalmente no que toca ao corrimão, e este mais ainda por reforçar a linha de fluidez e continuidade entre os pisos.

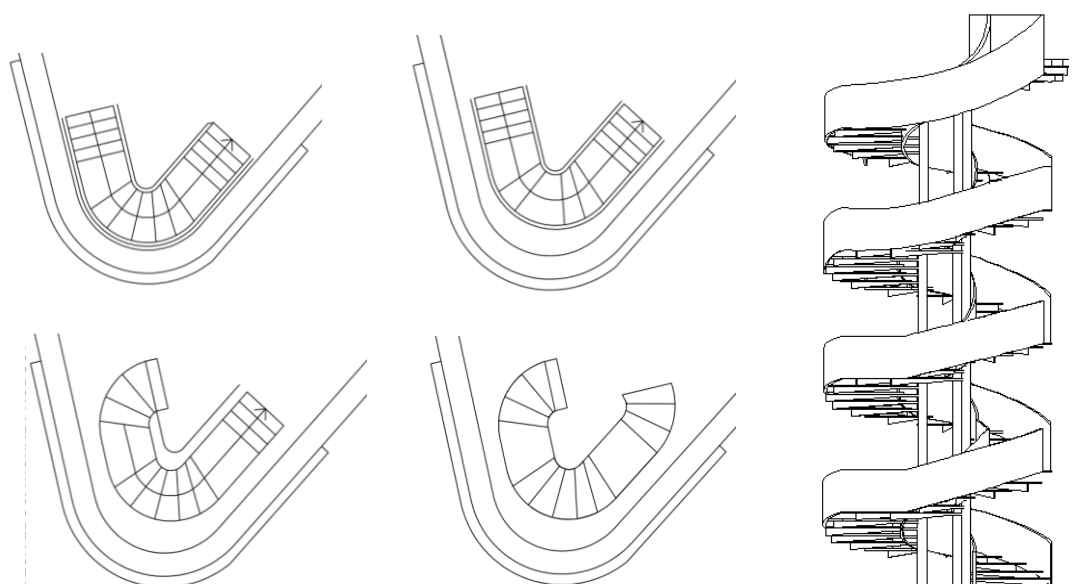


IMAGEM 66: Estudos de forma para as novas escadas.

Acompanhando este elemento de circulação vertical, que se percorre lentamente e com possibilidade de fruir a transição interior/exterior das janelas, passamos pelos diferentes espaços de convívio e de circulação do Salão. Entre as diferentes funções que aqui encontramos, assegura-se no foyer a presença expositiva e com design qualificado de algumas imagens antigas do Salão Central, numa homenagem aos 100 anos de história deste icónico edifício; uma cafetaria com espaço para pequenos concertos e com acesso a ambas as varandas, criando um momento de interacção entre o interior do Salão e o espaço público exterior; forma-se, por fim, um espaço de

arquivo e exposição de equipamento e películas antigas, com capacidade também para pequenas palestras.

O espaço de distribuição da entrada principal, dá acesso à primeira sala de cinema, com capacidade para 91 lugares, comunicando ainda com o elemento de circulação vertical projectado por Keil do Amaral e que continuará aqui a servir a sua função. Subindo estas escadas chegamos então à segunda sala de cinema, com capacidade para 65 lugares, e à varanda com vista para a Rua de Valdevinos.

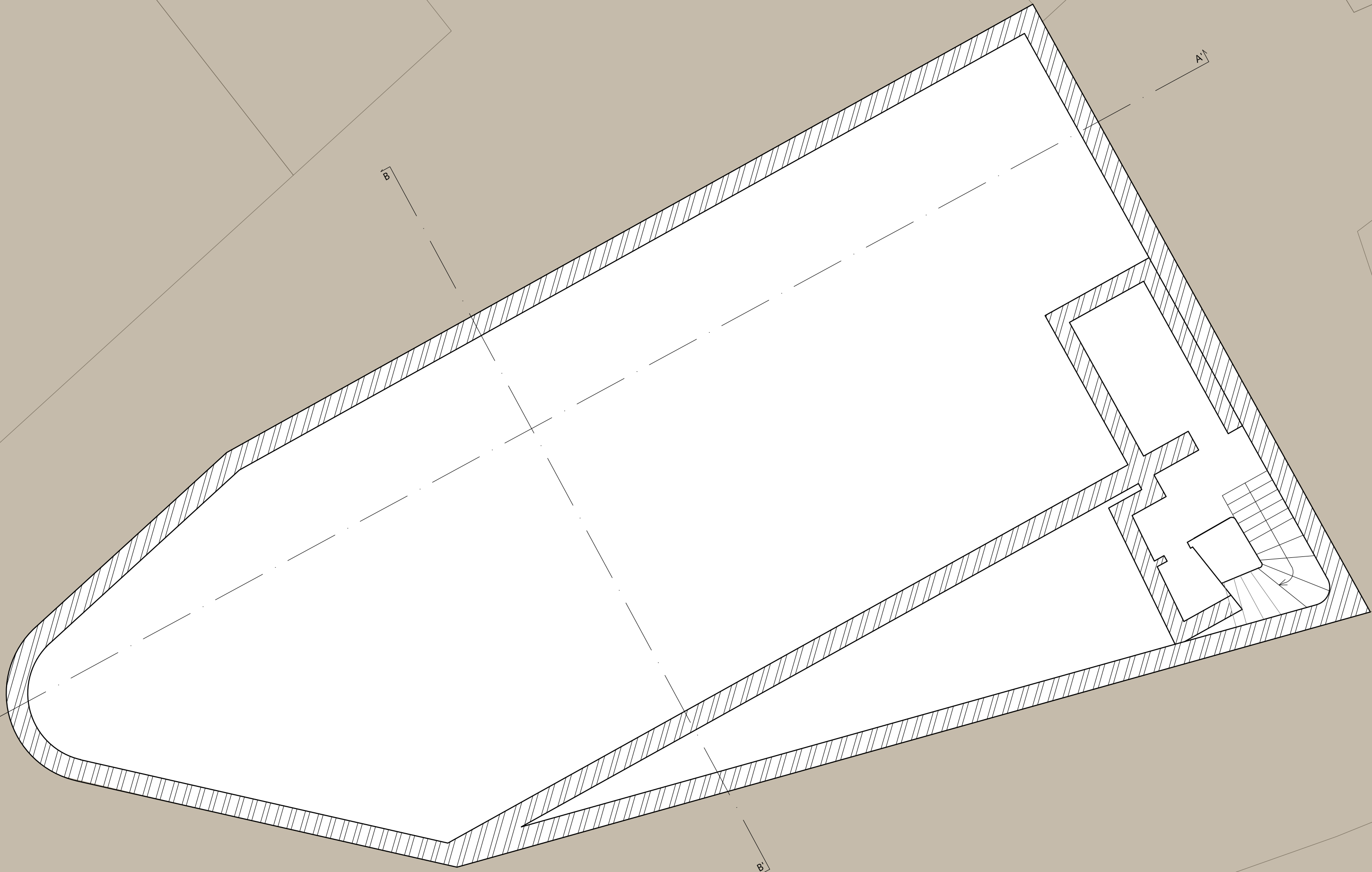
A distribuição das funções foi assim pensada de forma criar três elementos verticais essenciais: espaço público – que inclui as funções já descritas -, espaço técnico/privado – que inclui cafetaria, instalações sanitárias, e salas de projecção – e ainda os vazios das salas de cinema.

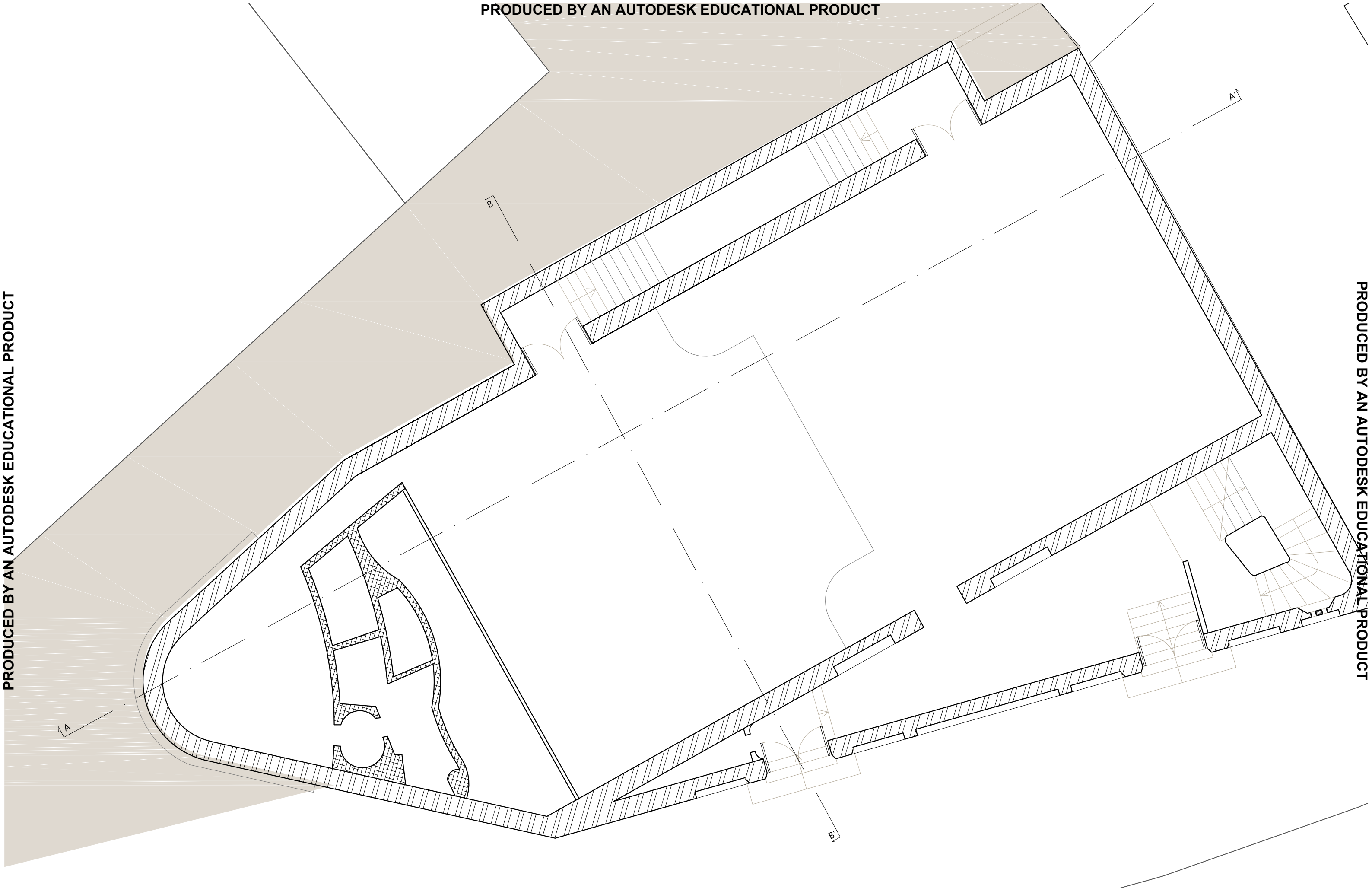
O elemento central que liga o espaço público às salas de cinema funciona aqui como núcleo estrutural e técnico de apoio aos outros dois espaços. Funciona também como barreira para o som entre as salas de cinema e os espaços públicos.

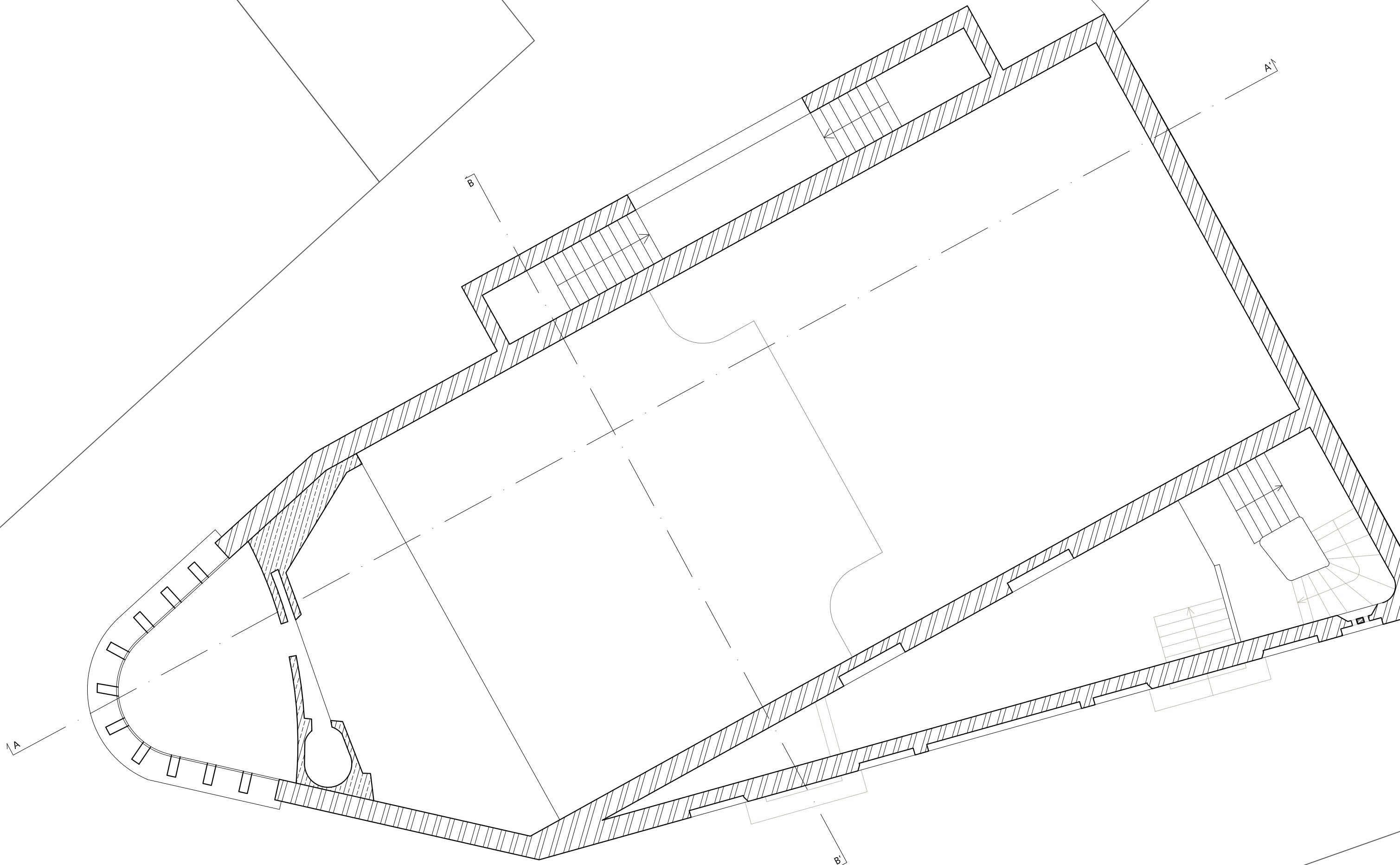
Durante todo o projecto foi preocupação constante respeitar os elementos existentes e em bom estado de modo a assegurar a sua reutilização. No entanto, de forma a não sobrecarregar o embasamento das paredes portantes, foram introduzidos novos elementos estruturais cujas fundações terão algum impacto no solo. O relatório de arqueologia realizado em 2002 decorrente de sondagens revela a existência de silos da época medieval sendo que não é proibida a construção ao nível de subsolo devido à tipologia dos achados que não permitem qualquer tipo de musealização ou conservação (visível ou não) in situ. Dito isto, tentámos minorar ao máximo a intervenção a este nível.

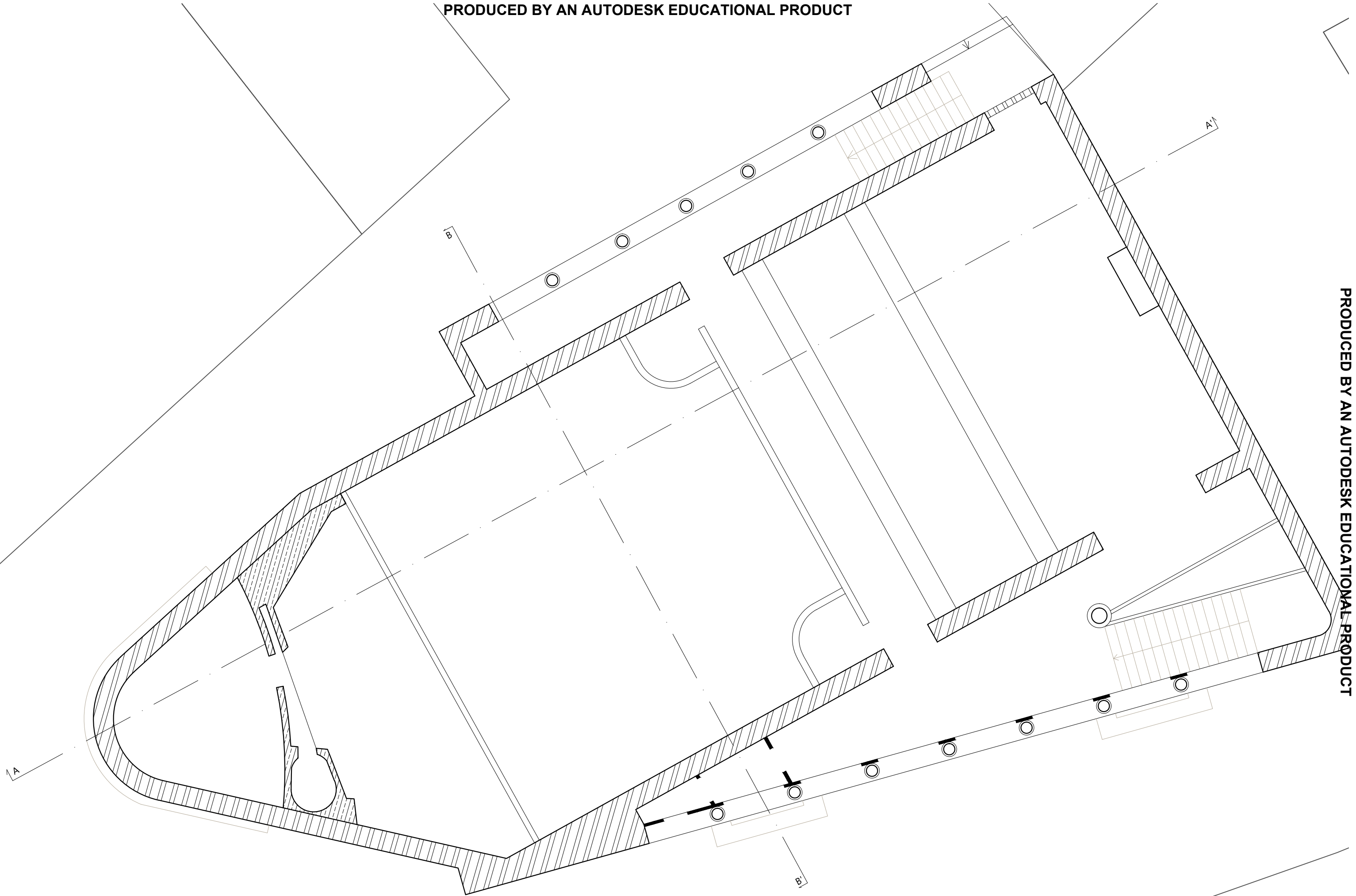
Planta piso -1
Planta piso 0
Planta piso 1
Planta piso 2
Planta piso 3
Planta piso 4
Planta cobertura
Corte AA'
Corte BB'
Alçado Norte
Alçado Sul

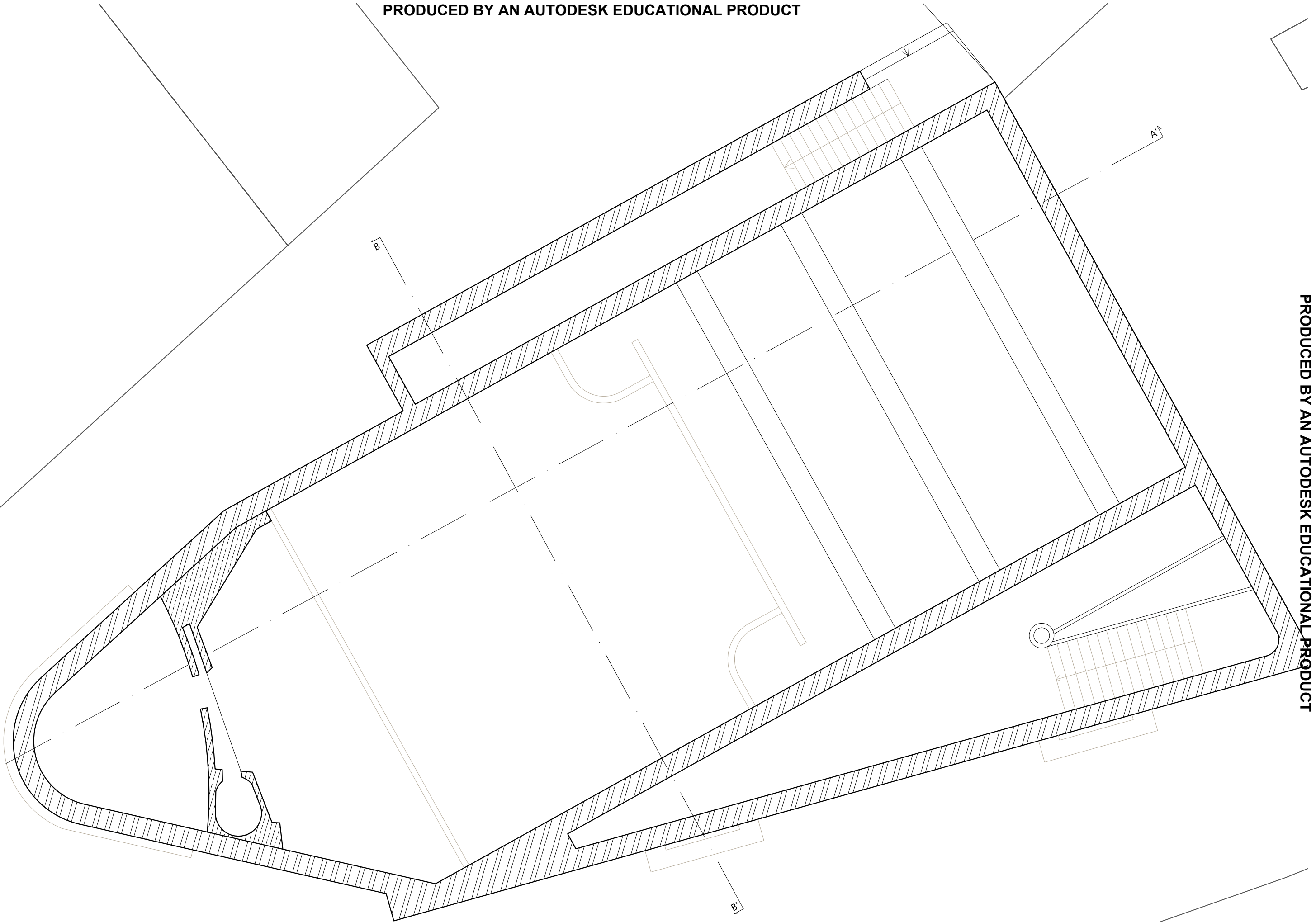
LEVANTAMENTO 1:100

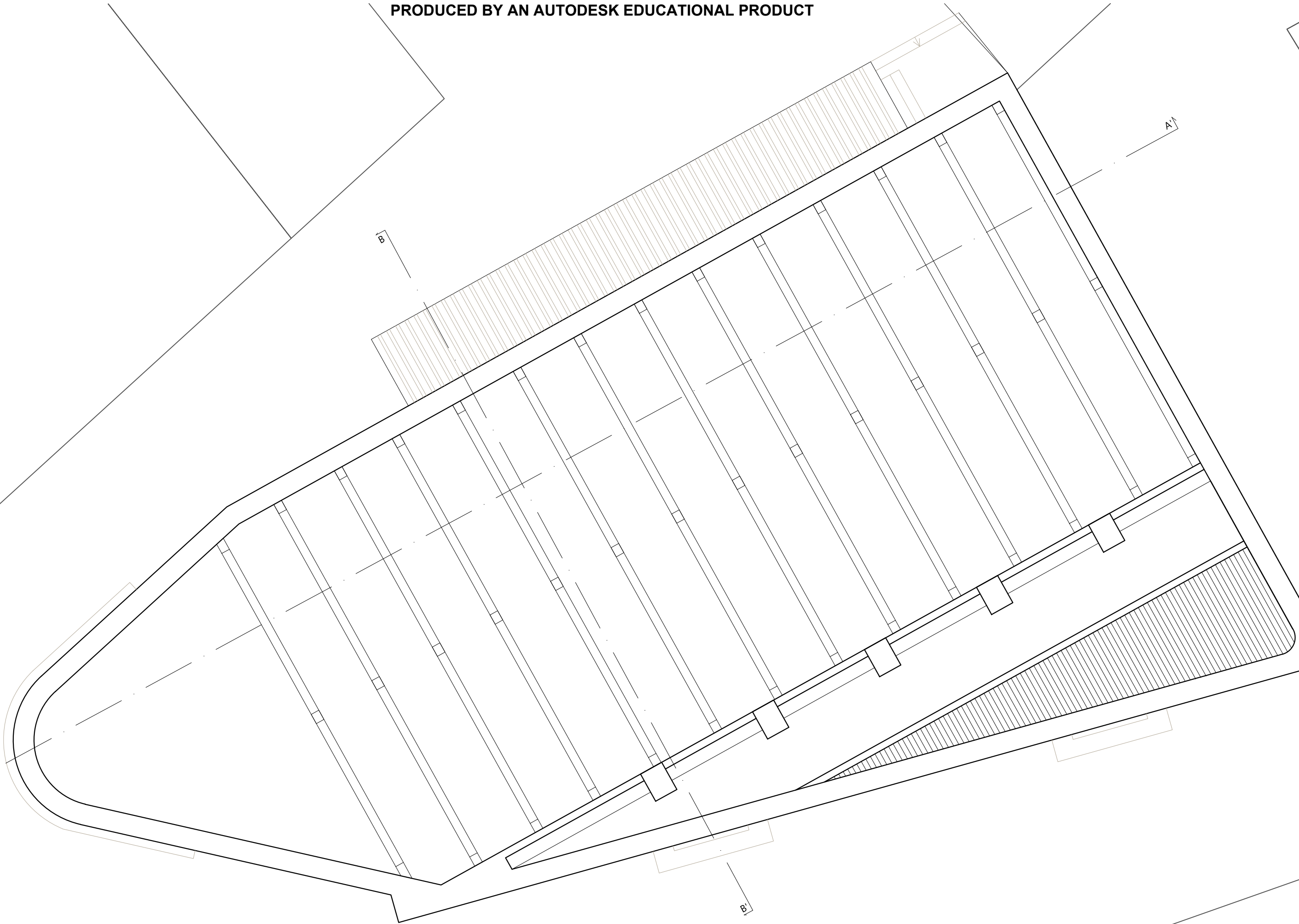


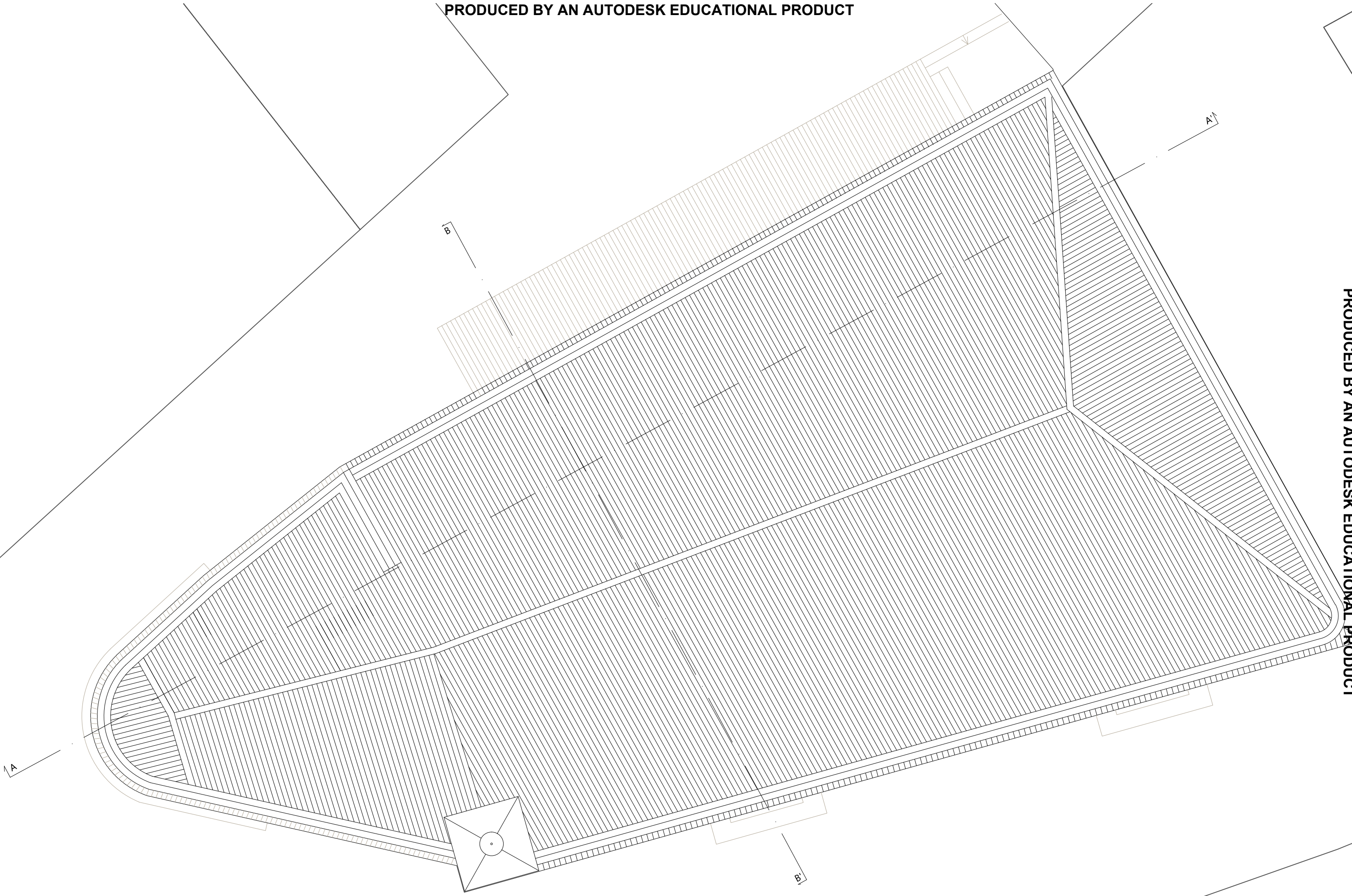


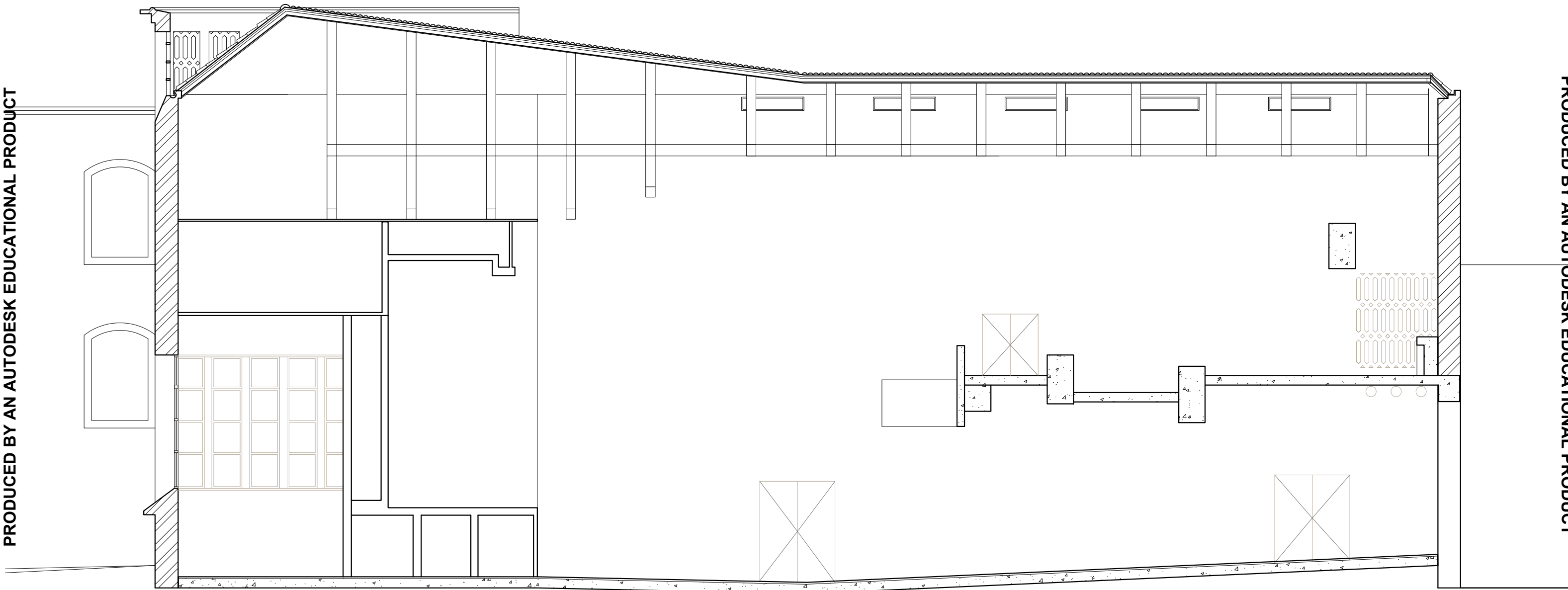


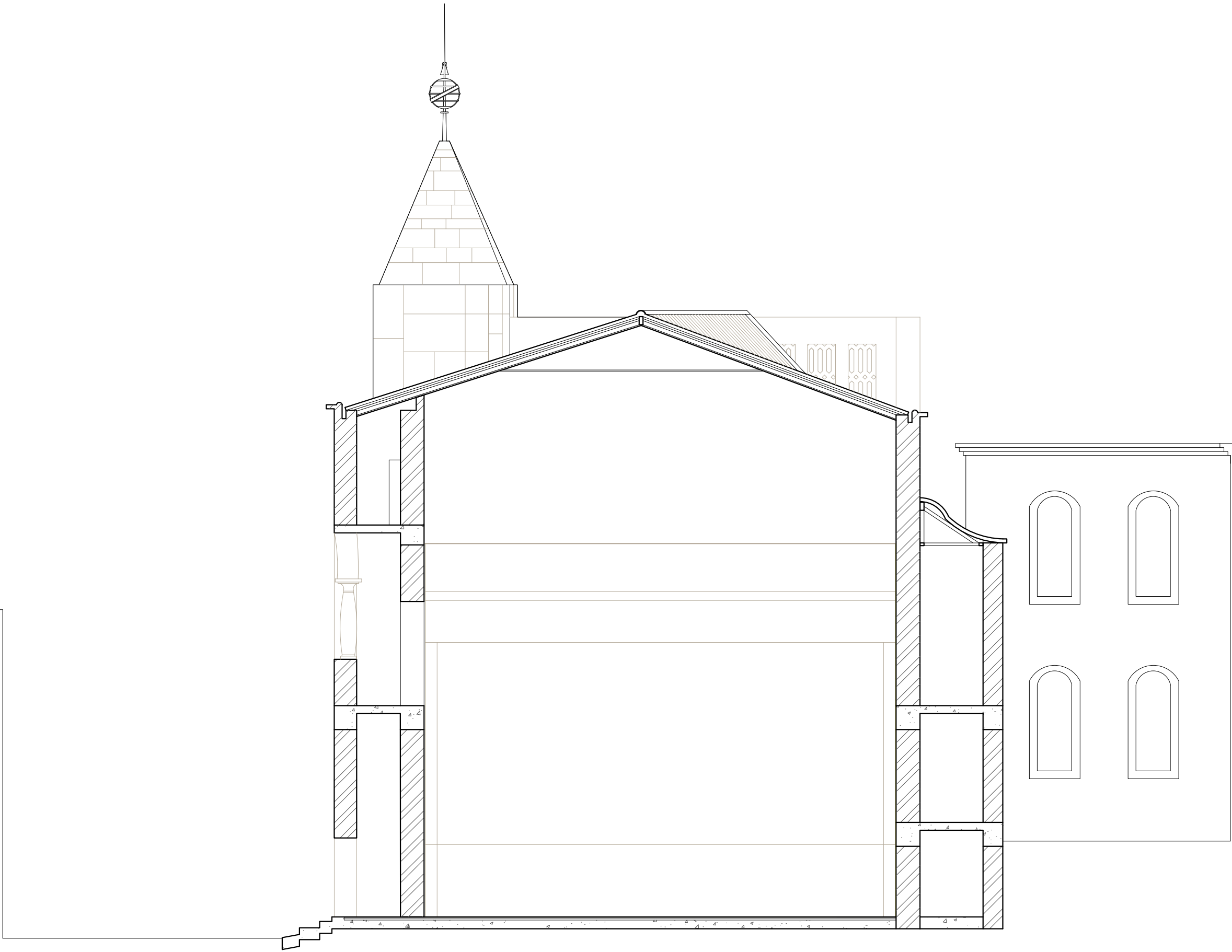


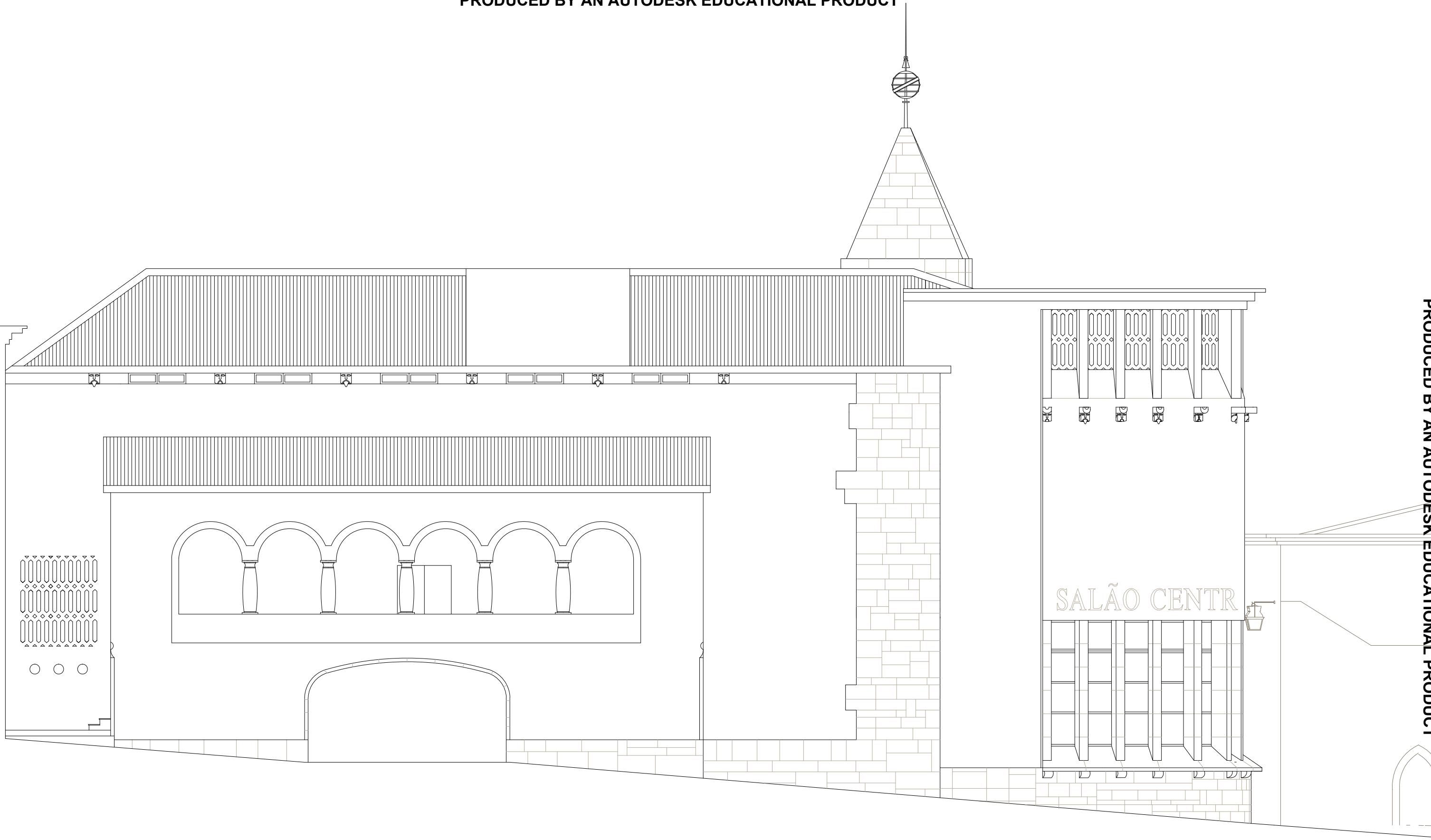














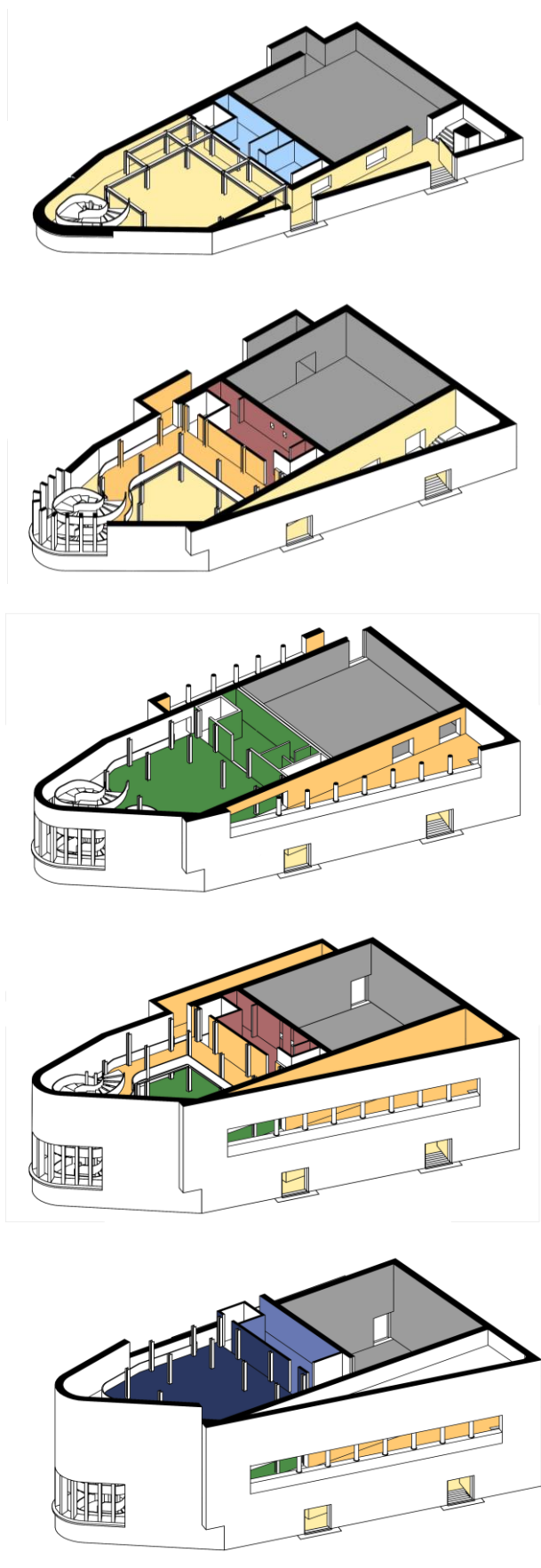


IMAGEM 67: Axonometria do novo projecto do Salão Central Eborense, com distinção de funções

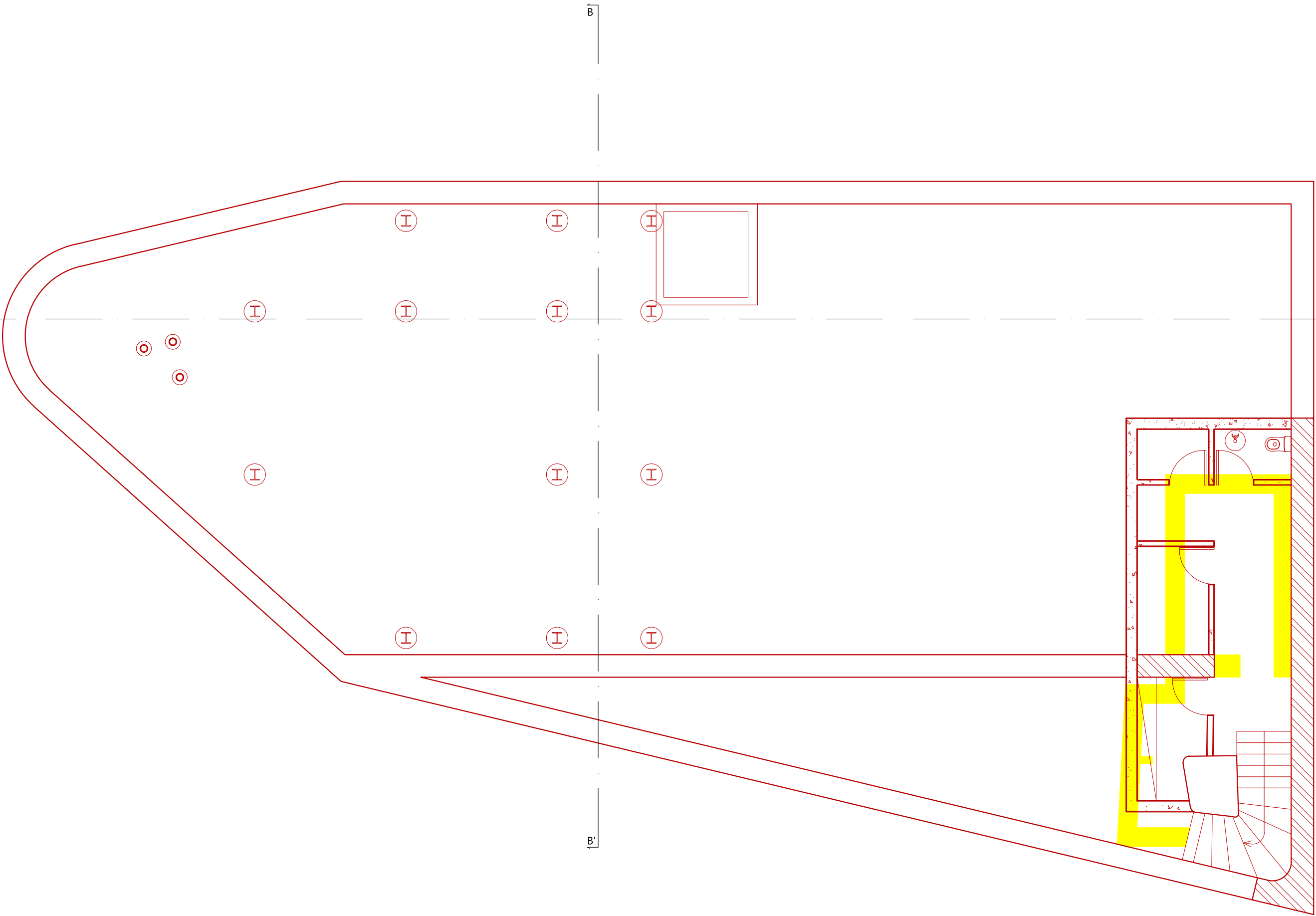
Planta piso -1
Planta piso 0
Planta piso 1
Planta piso 2
Planta piso 3
Planta piso 4
Planta cobertura
Corte AA'
Corte BB'
Alçado Sul

VERMELHOS / AMARELOS 1:100

1

VERMELHO/AMARELO SALÃO CENTRAL EBORENSE

PLANTA PISO -1
escala 1:100



I

I

I

I

I

I

I

I

I

I

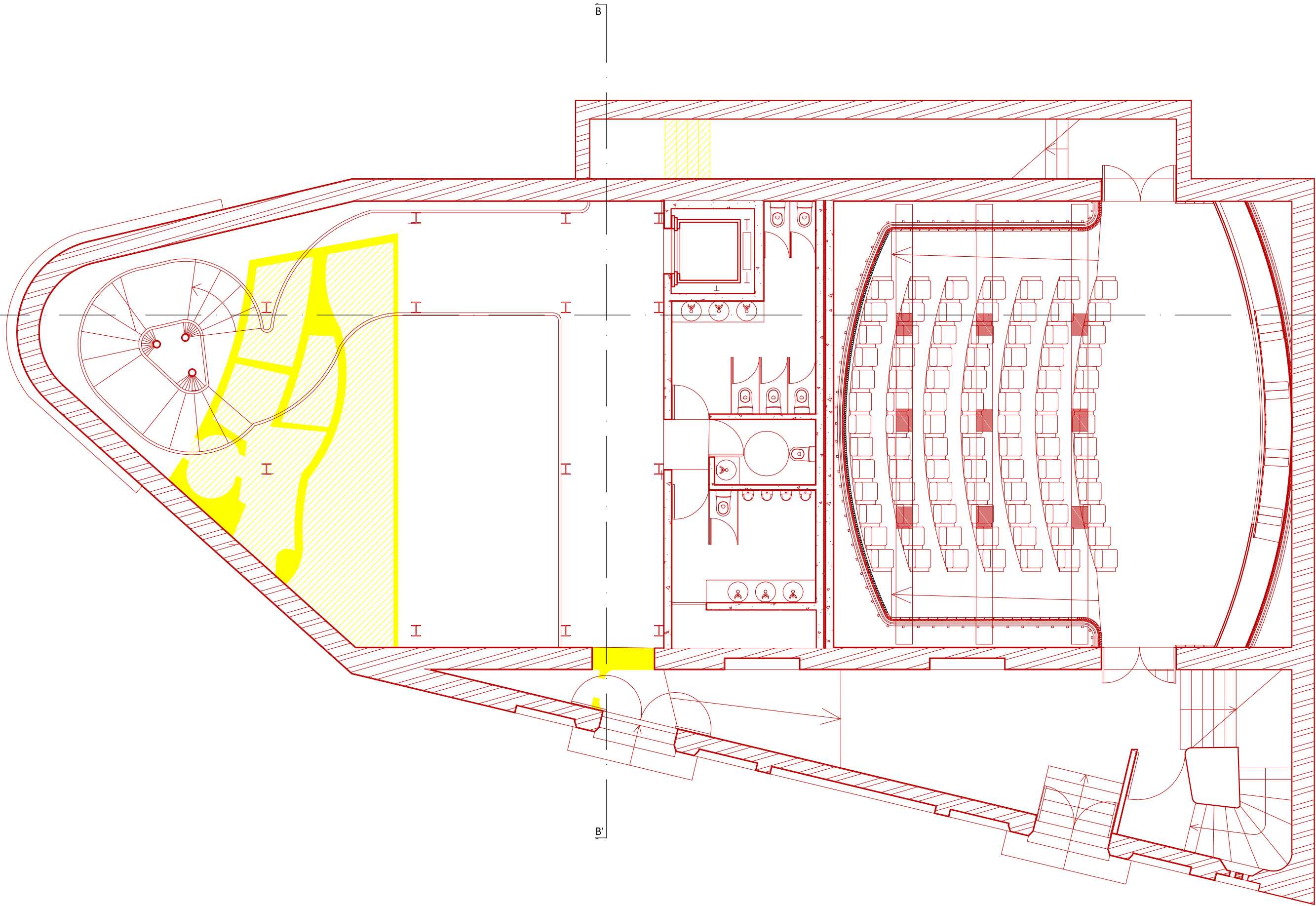
I

I

I



A'

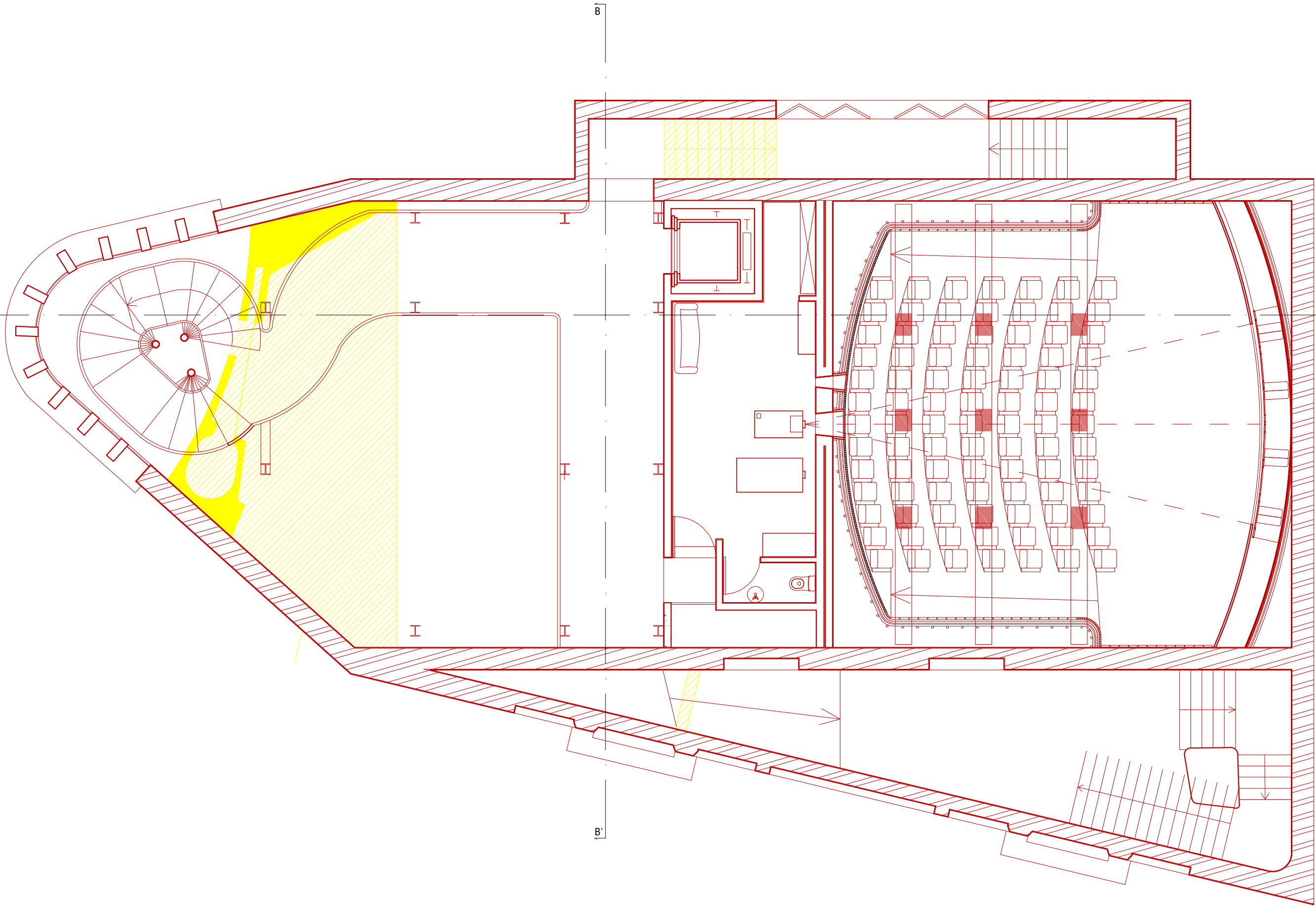


2

VERMELHO/AMARELO SALÃO CENTRAL EBORENSE

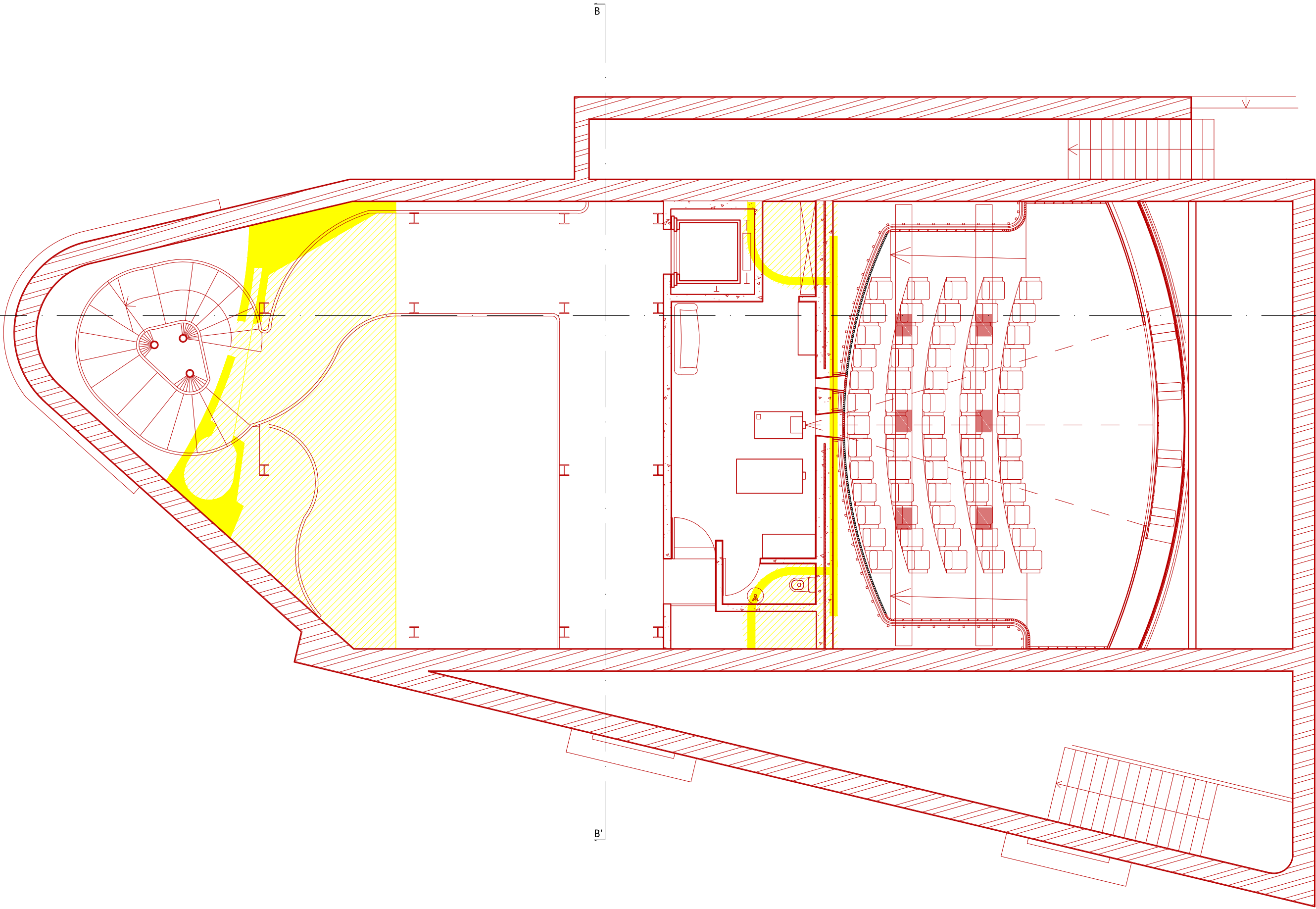
PLANTA PISO 0
escala 1:100







A'

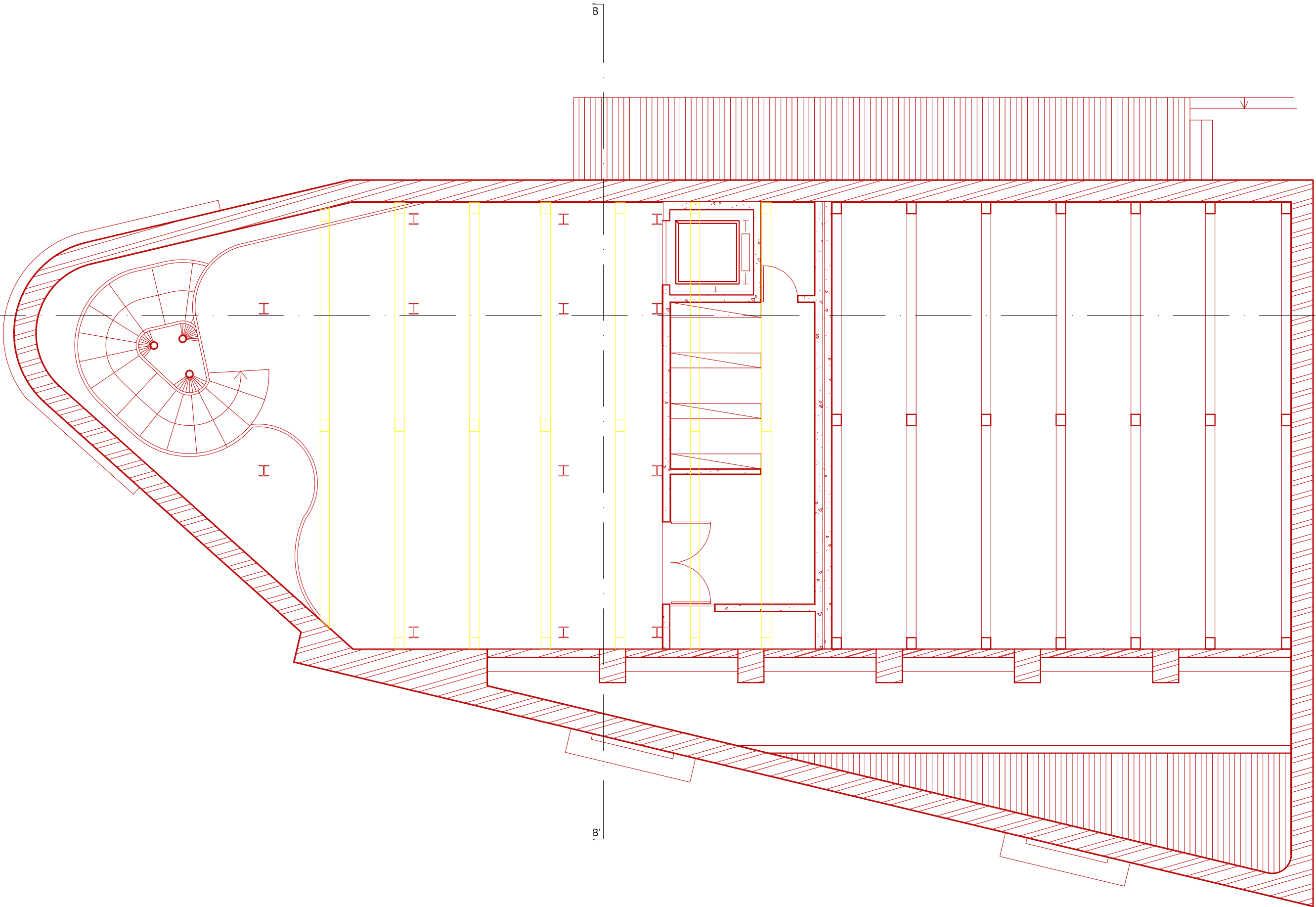


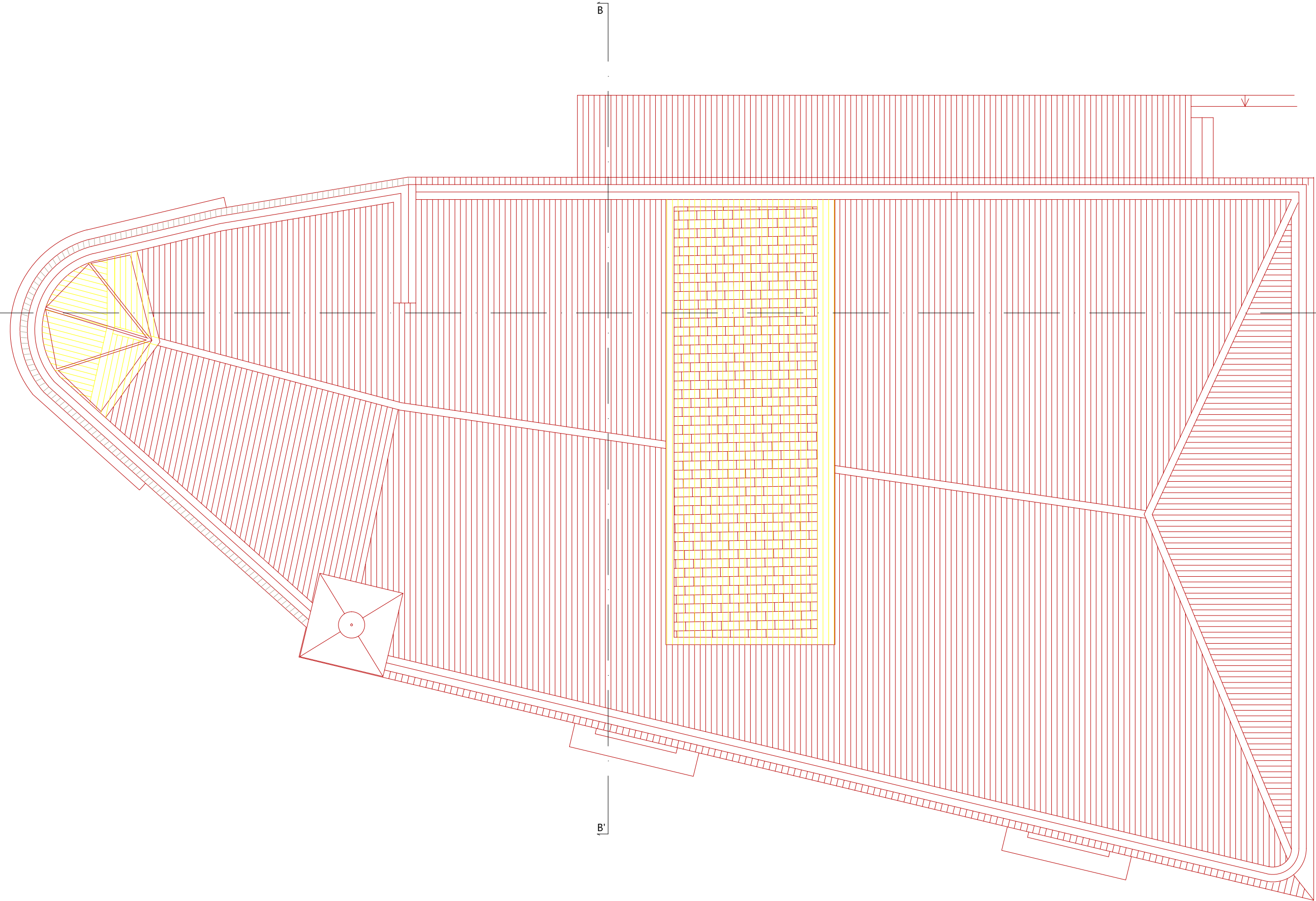
5

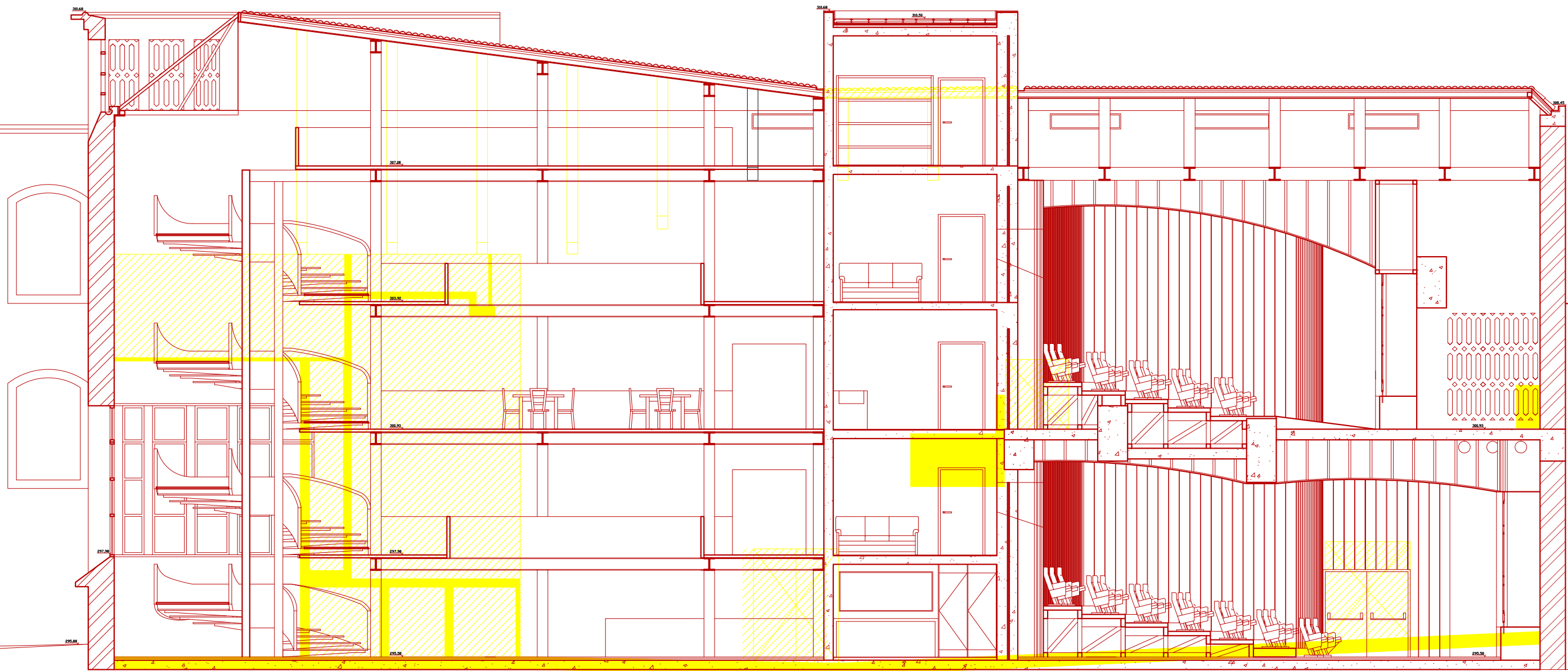
VERMELHO/AMARELO SALÃO CENTRAL EBORENSE

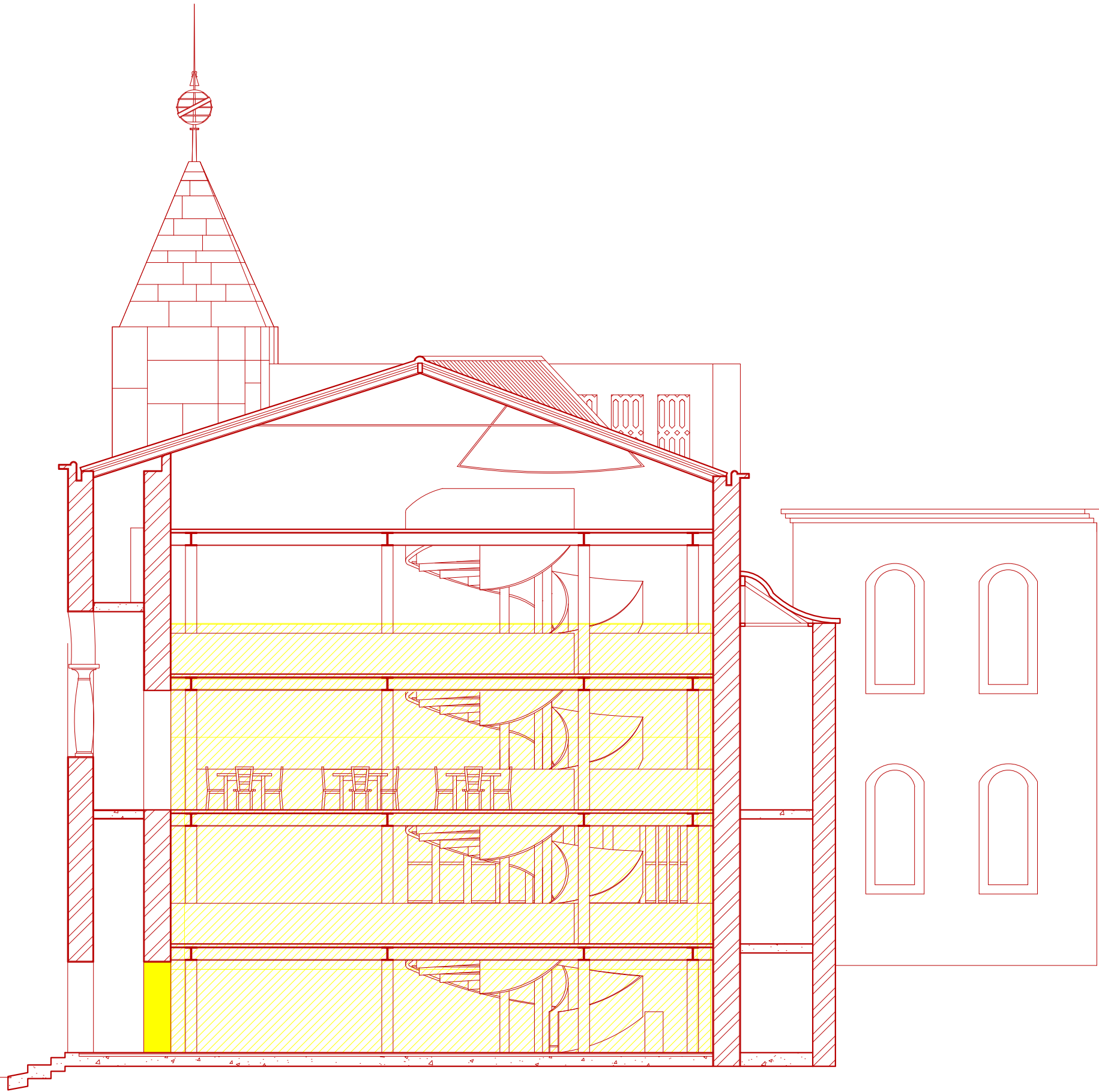
PLANTA PISO 3
escala 1:100







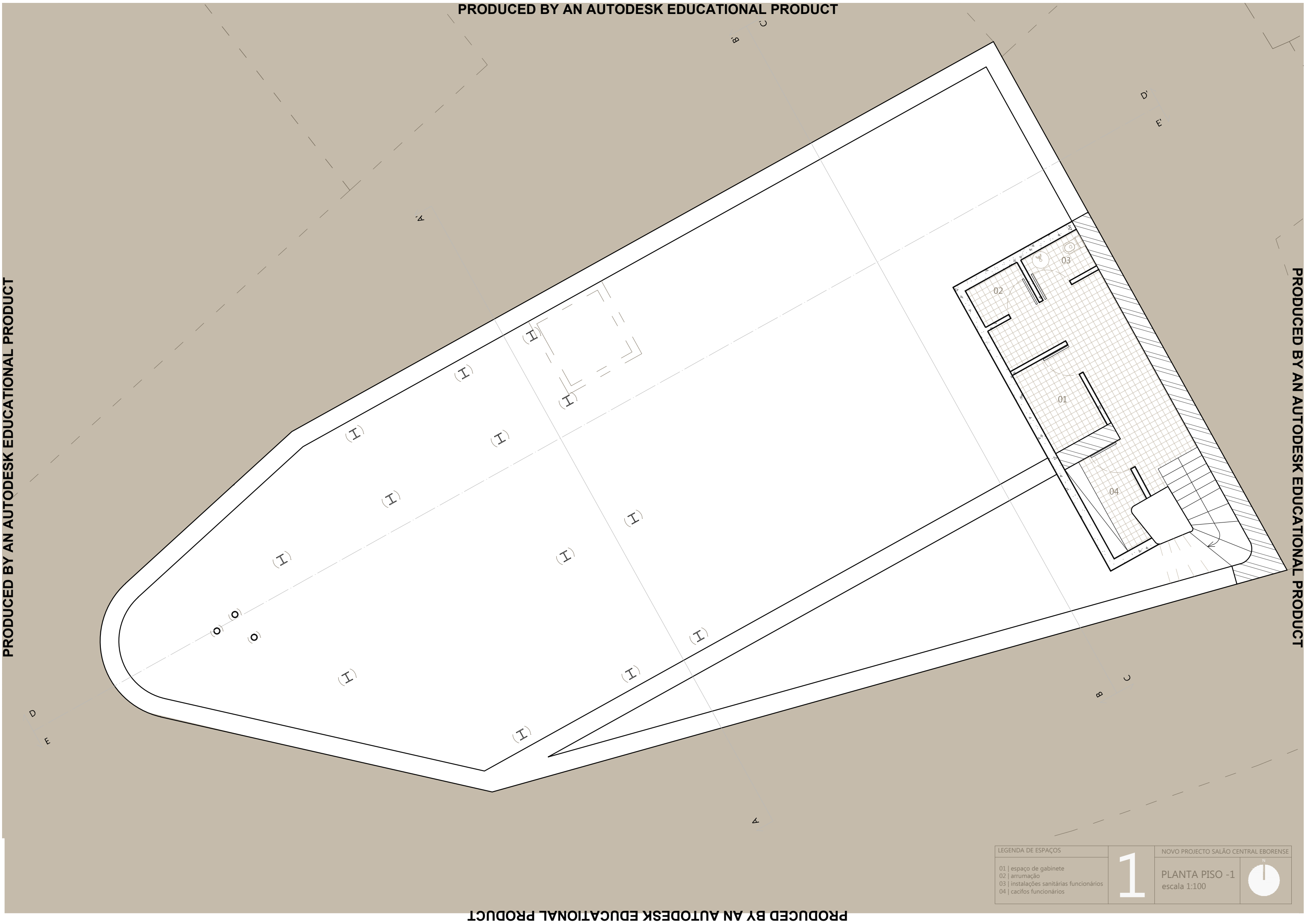






Planta piso -1
Planta piso 0
Planta piso 1
Planta piso 2
Planta piso 3
Planta piso 4
Planta cobertura
Corte AA'
Corte BB'
Corte CC'
Corte DD'
Corte EE'
Alçado Norte
Alçado Sul
Alçado Este

NOVO PROJECTO 1:100

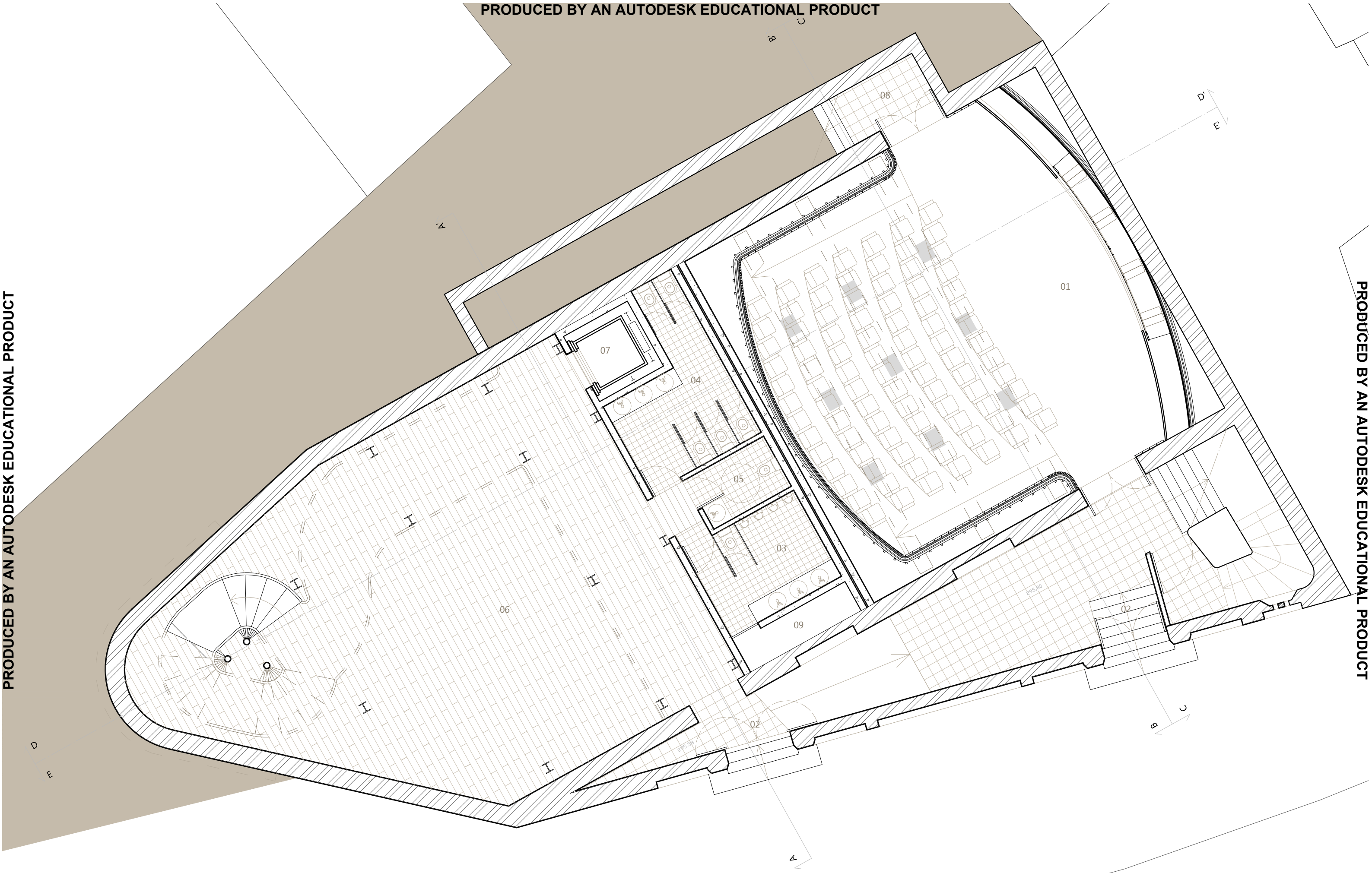


PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

LEGENDA DE ESPAÇOS	1	NOVO PROJECTO SALÃO CENTRAL EBORENSE	
01 espaço de gabinete 02 arrumação 03 instalações sanitárias funcionários 04 cacifos funcionários		PLANTA PISO -1 escala 1:100	



PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

LEGENDA DE ESPAÇOS

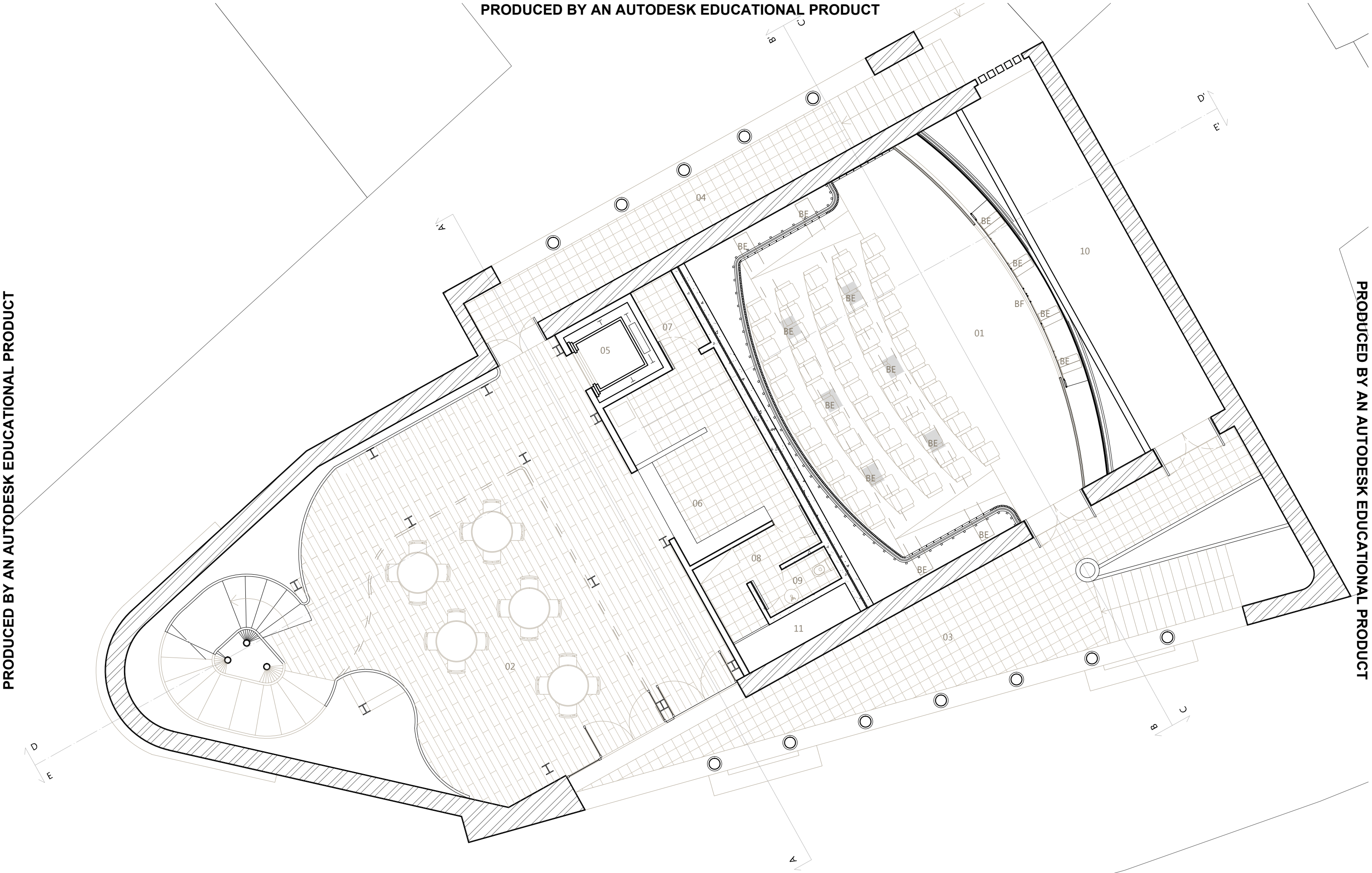
01 sala de cinema A - 91 espectadores	06 Foyer com bilheteira e balcão de informações
02 estradas pricipais	07 elevador
03 instalações sanitárias homens	08 saída secundária para o Pátio do Salema
04 instalações sanitárias mulheres	09 espaço para tubagens
05 instalações sanitárias deficientes	

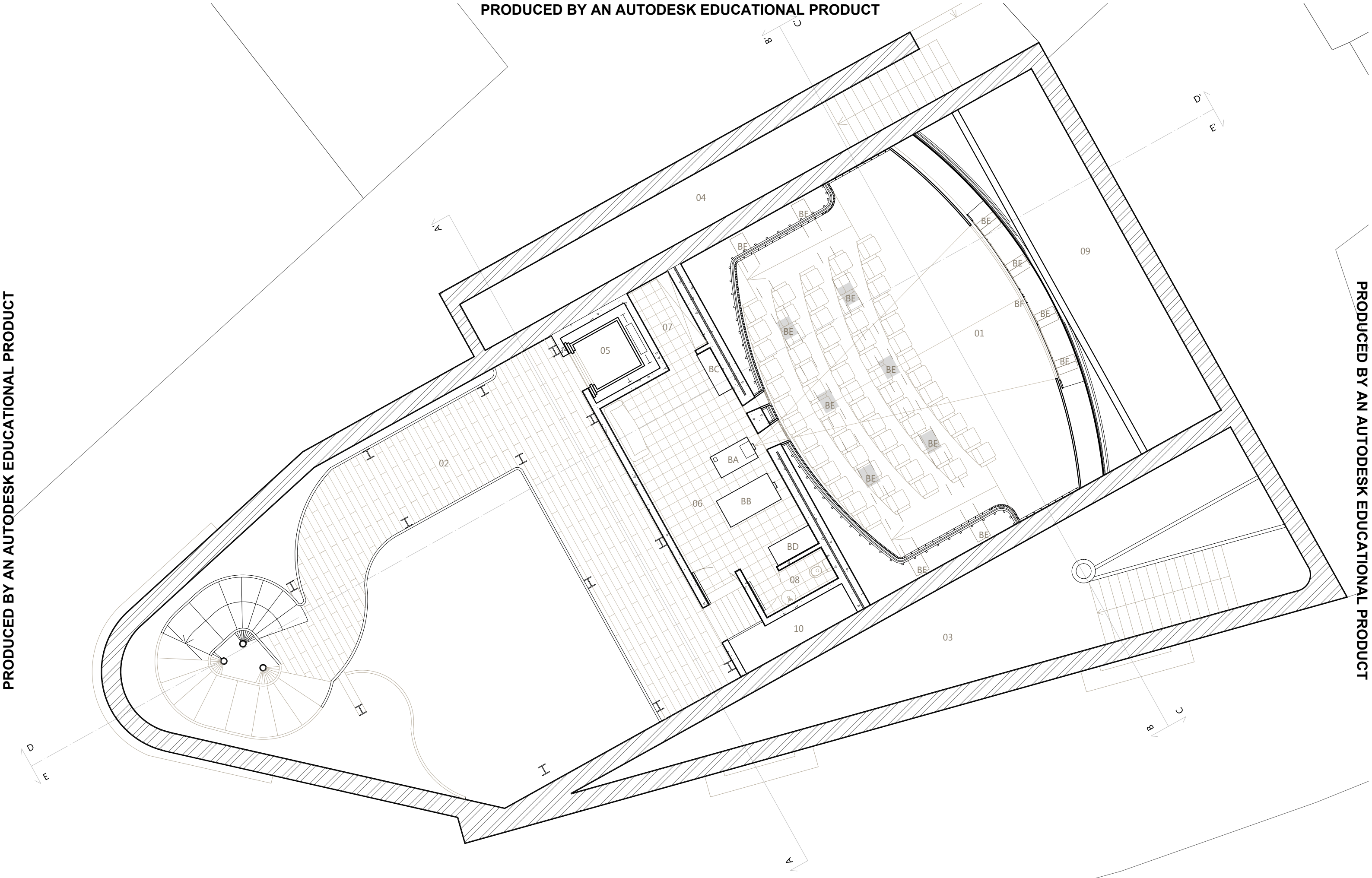
2

NOVO PROJECTO SALÃO CENTRAL EBORENSE

PLANTA PISO 0

escala 1:100





PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

LEGENDA DE EQUIPAMENTOS		LEGENDA DE ESPAÇOS	
BA projector digital	BF écran	01 sala de cinema B - 65 espectadores	06 sala de projecção
BB projector analógico		02 espaço de circulação e permanência	07 arrumação
BC conversor de faixas de som		03 varanda Rua Valdevinos	08 instalações sanitárias projeccionista
BD servidor		04 varanda e saída Pátio do Salema	09 espaço técnico
BE colunas de som		05 elevador	10 espaço para tubagens

5

NOVO PROJECTO SALÃO CENTRAL EBORENSE

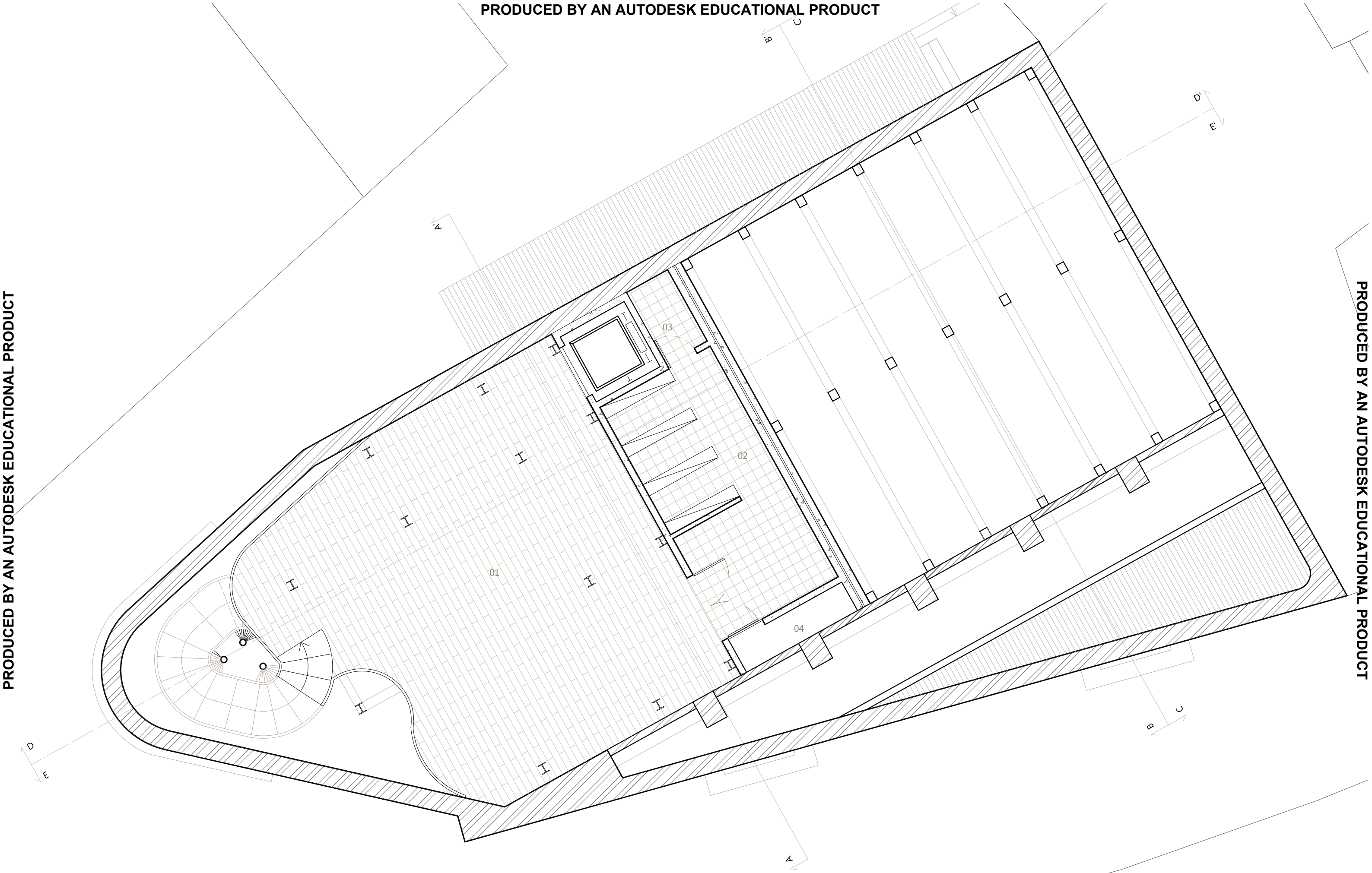
PLANTA PISO 3

escala 1:100

N

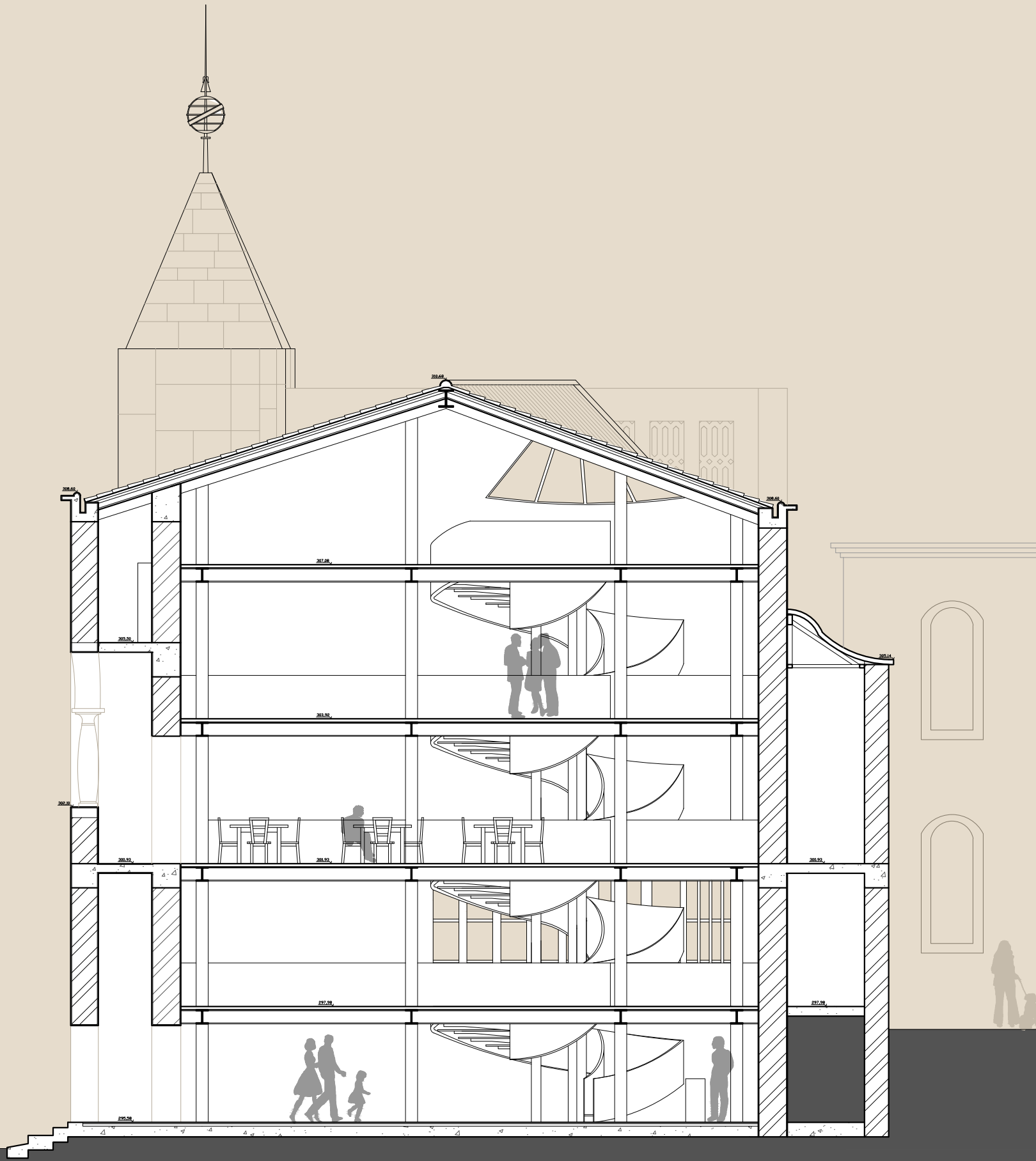
PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT

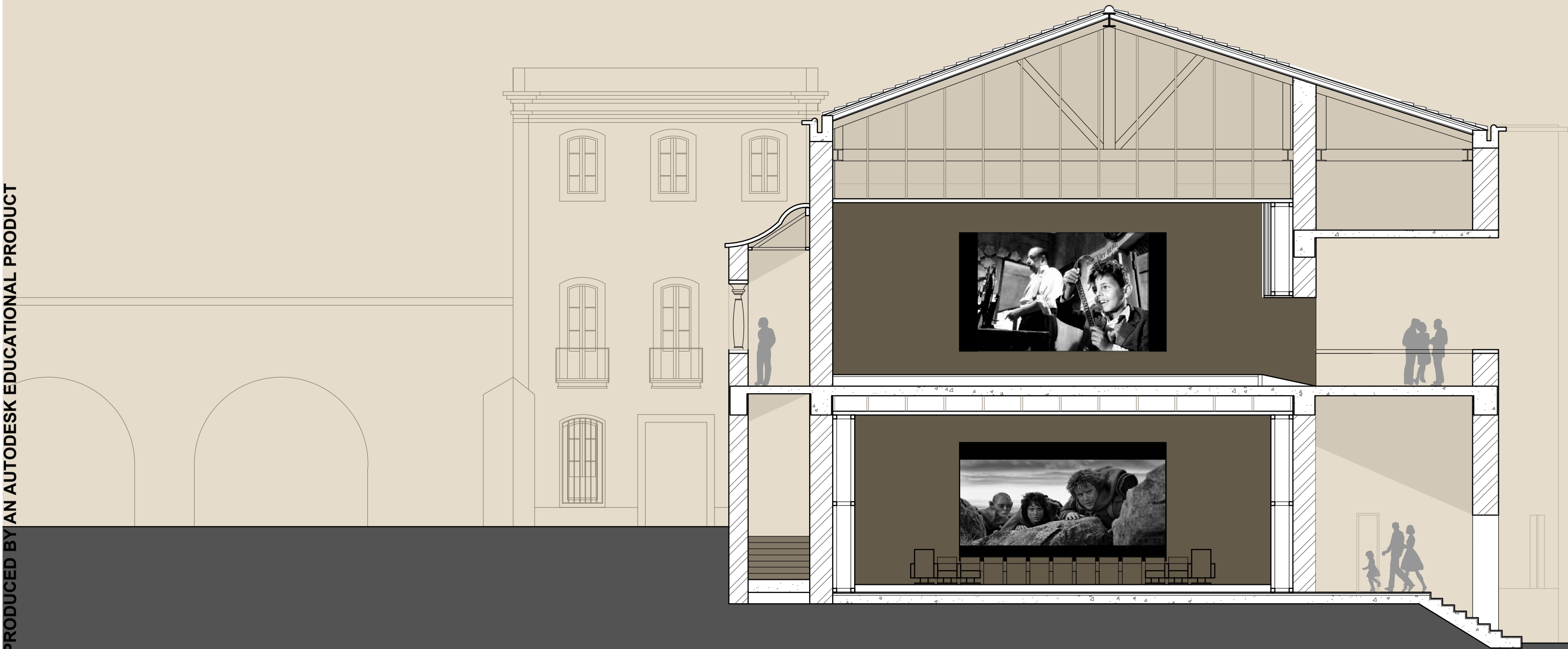


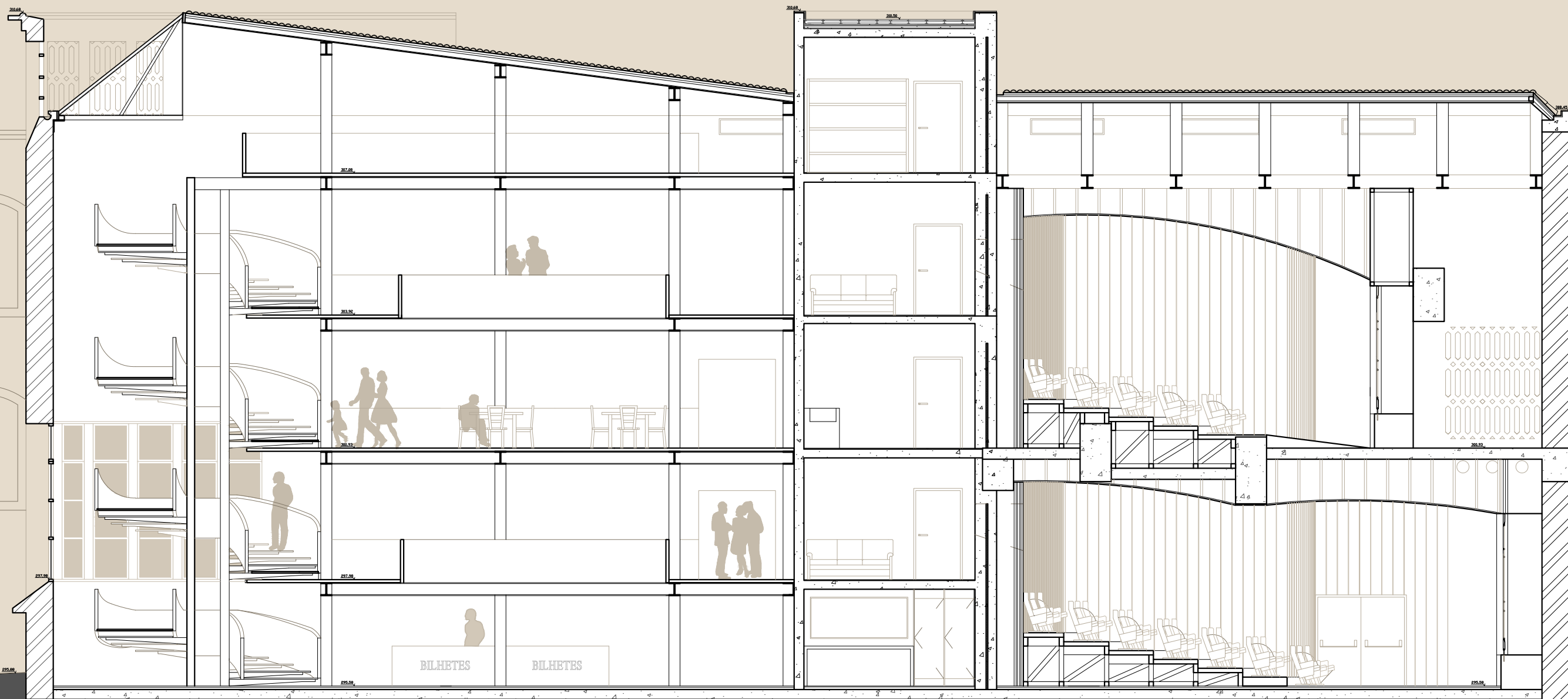
LEGENDA DE ESPAÇOS	6	NOVO PROJECTO SALÃO CENTRAL EBORENSE	
01 espaço para exposições e conferências		PLANTA PISO 4 escala 1:100	N
02 arquivo de películas			
03 arrumação			
04 espaço para tubagens			

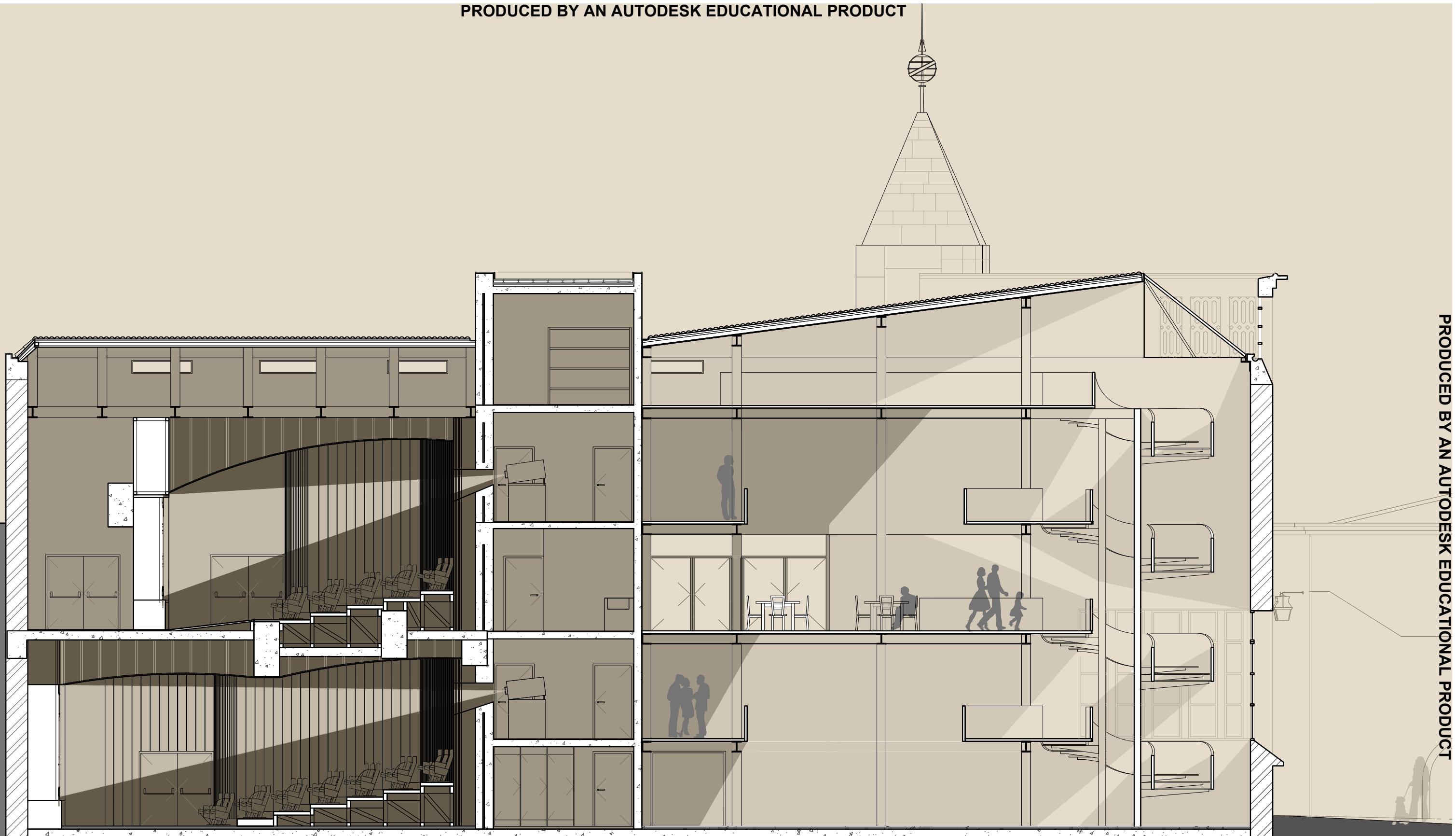




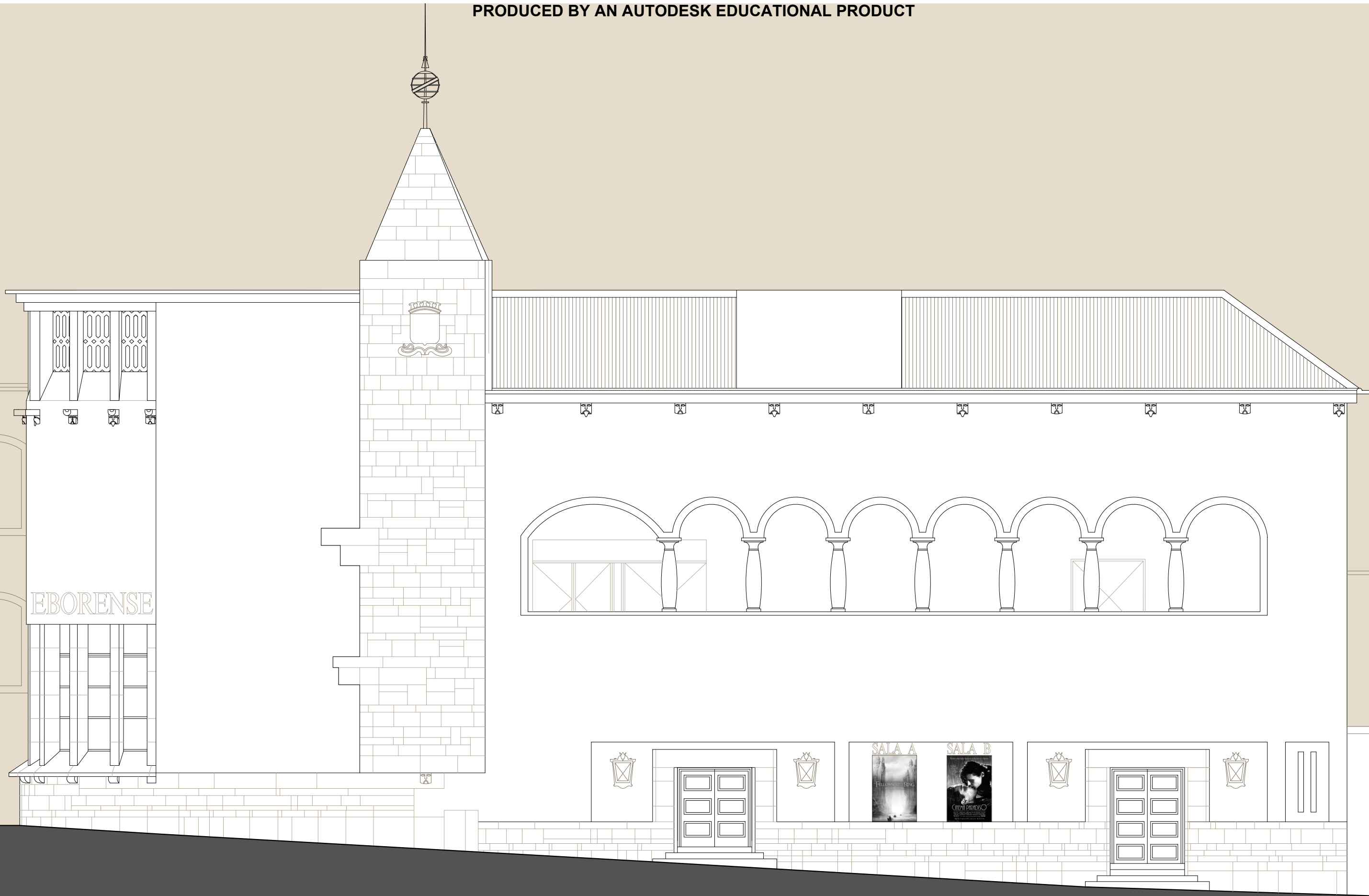


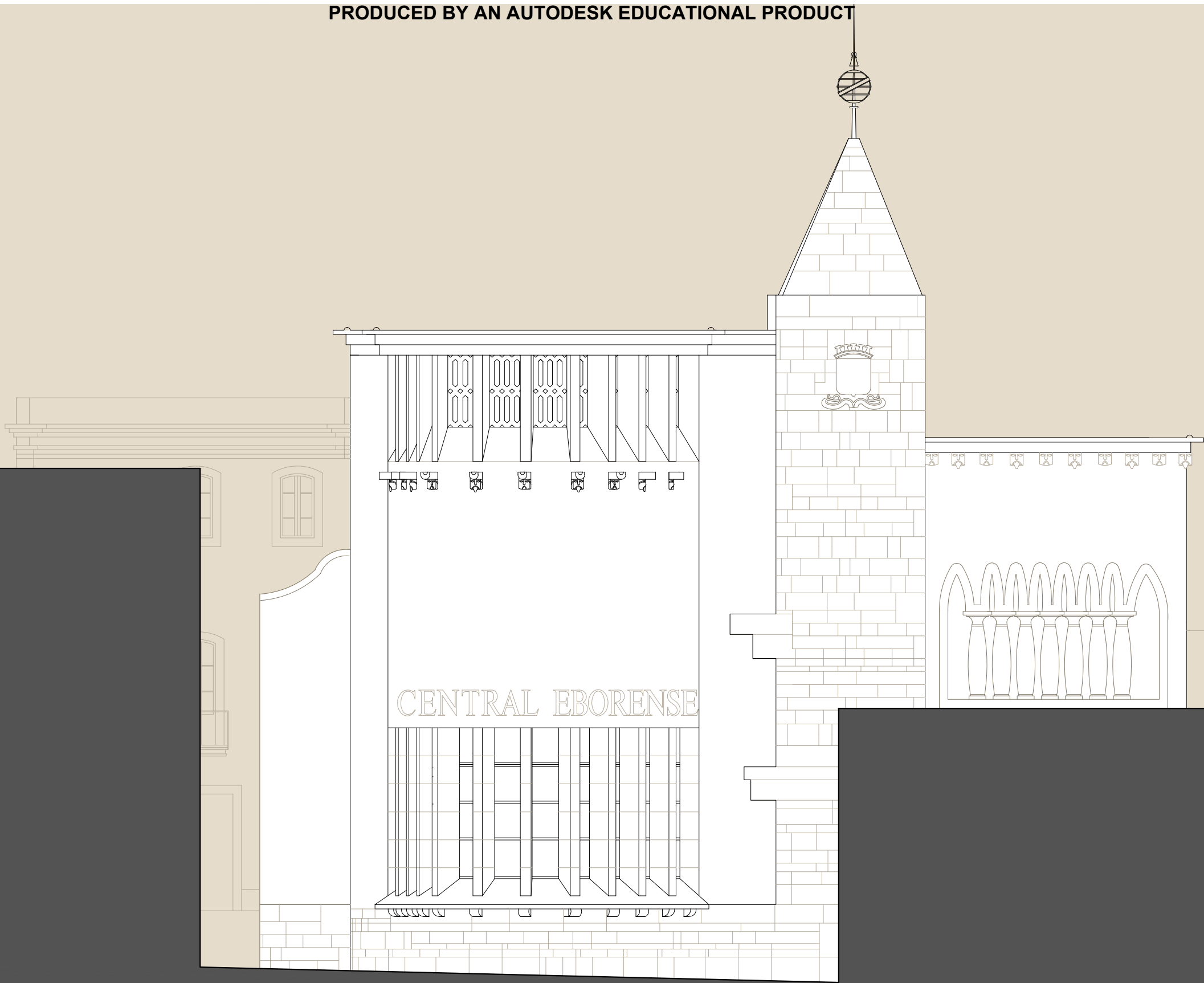












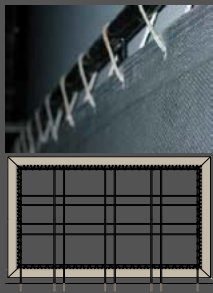
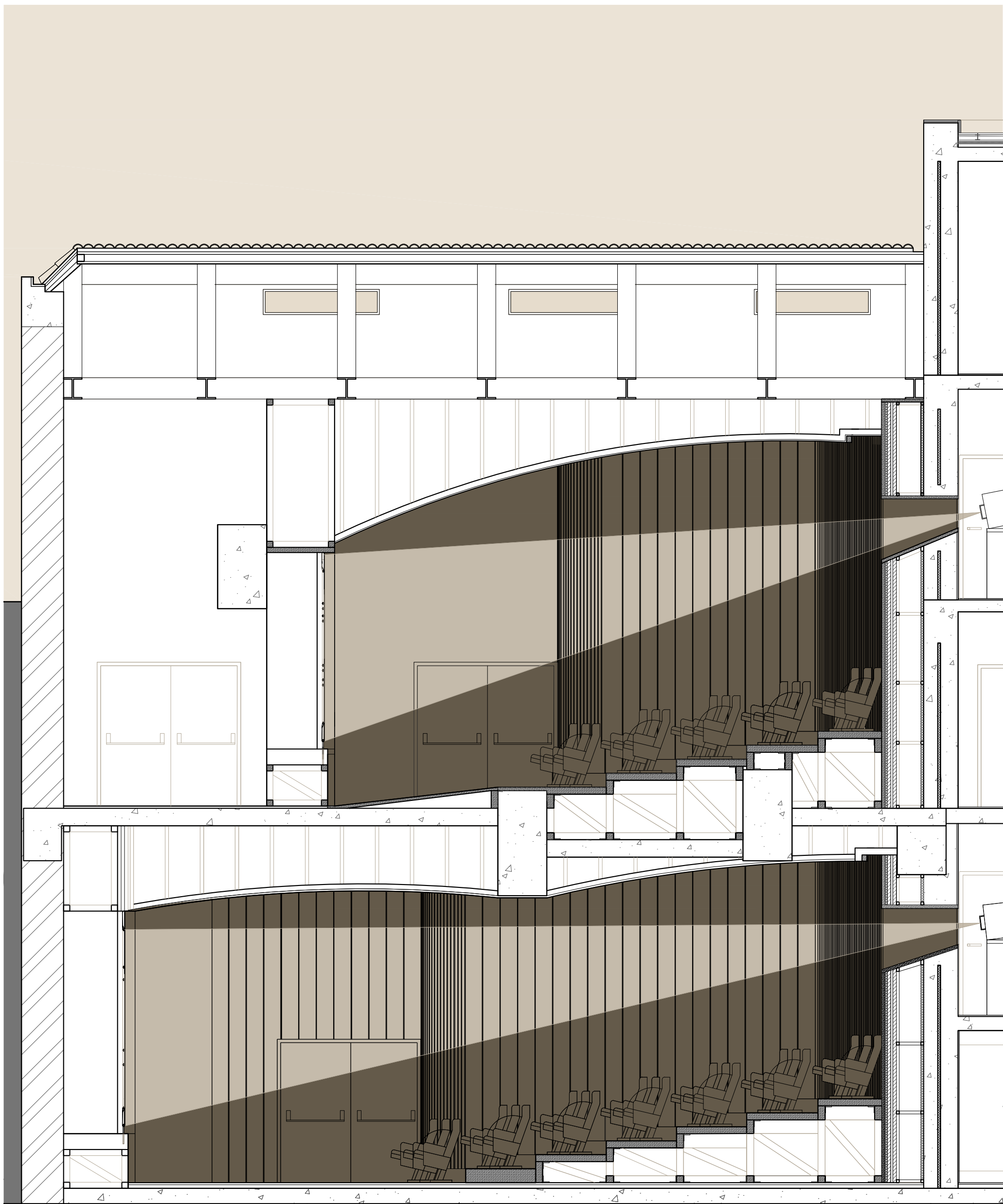
Sala de Cinema

Corrimão

Claraboia

Escada

Pormenores



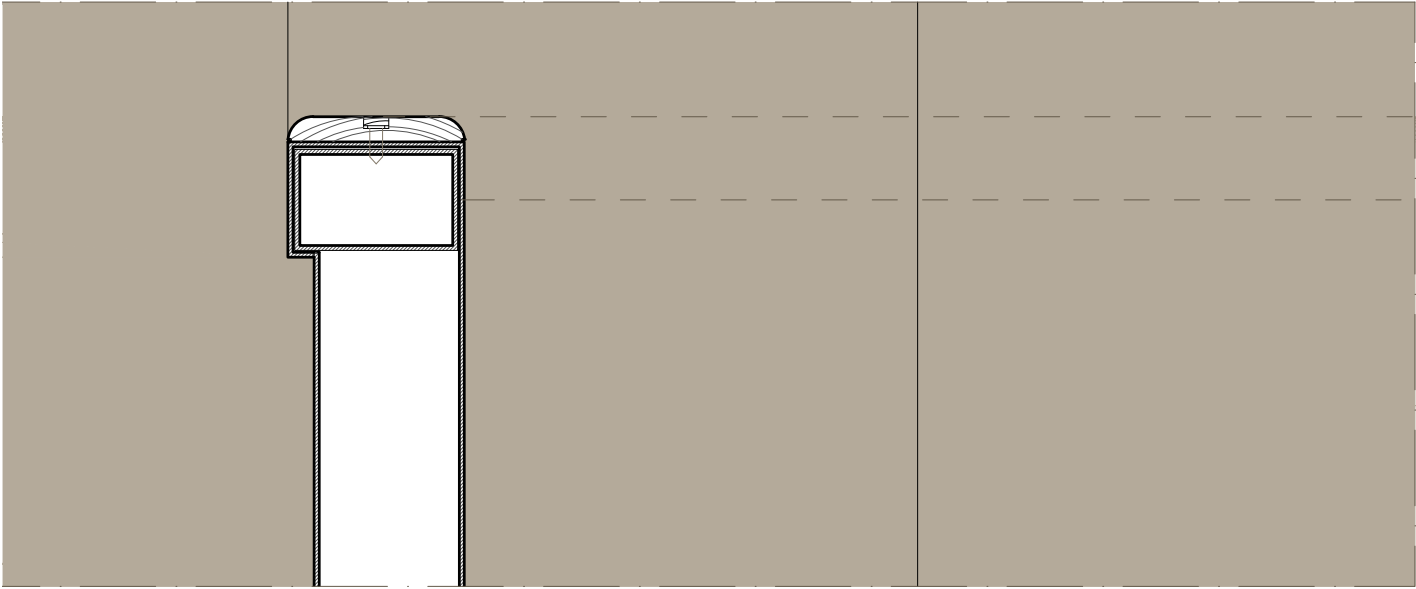
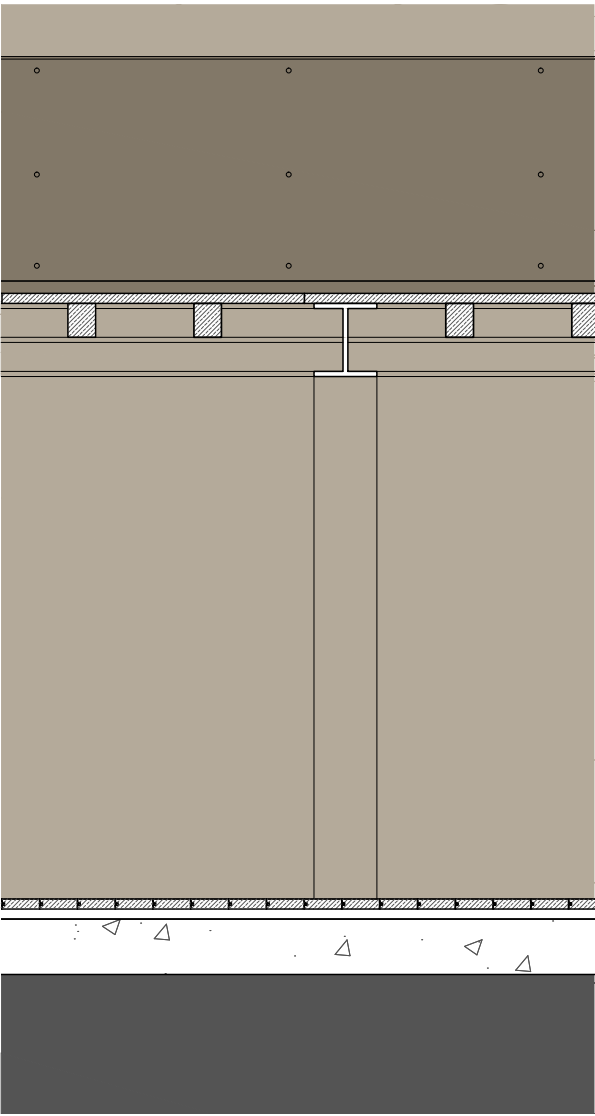
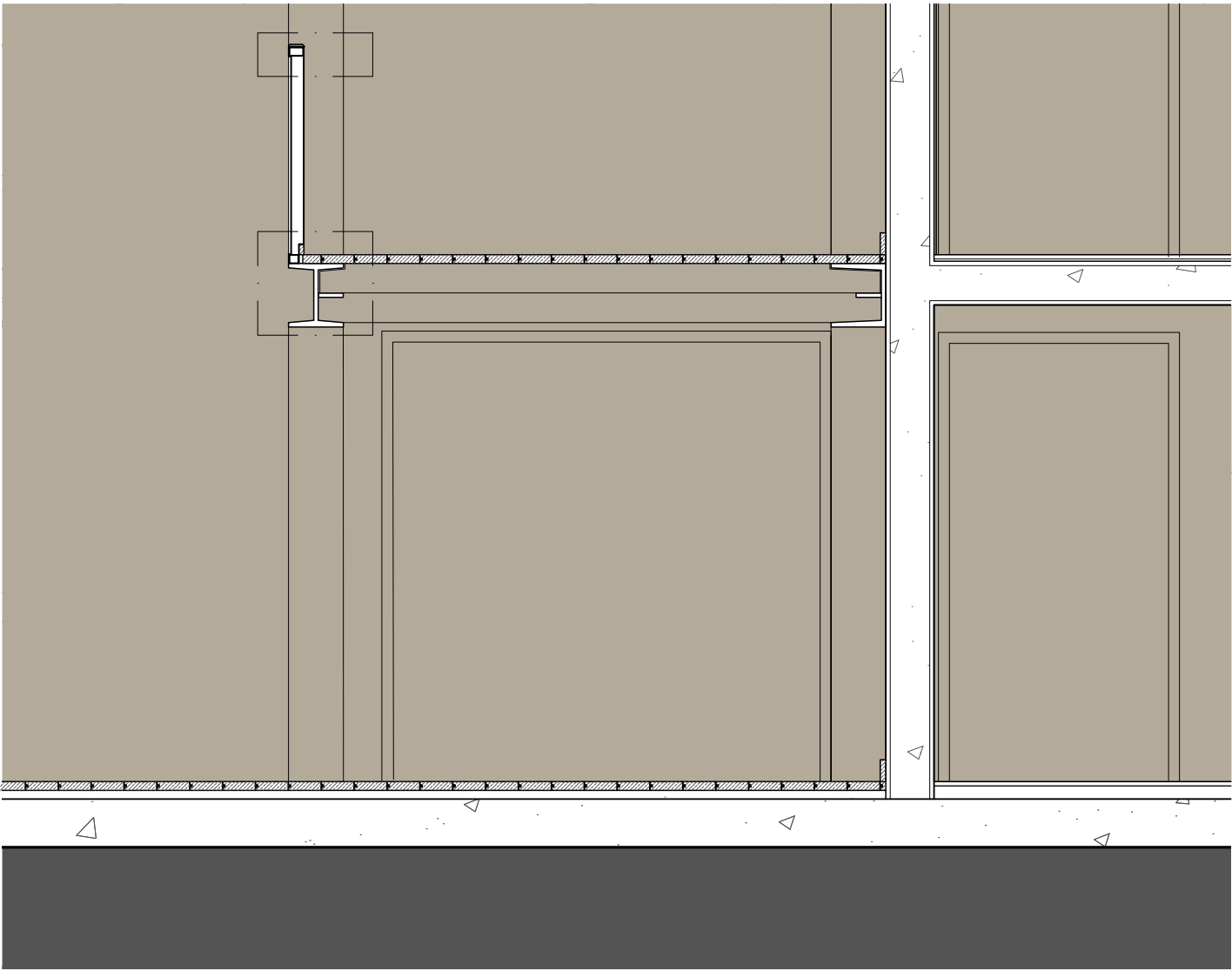
Opção de tela para projecção de cinema e pormenor de sistema de fixação em estrutura metálica. As dimensões e curvatura da estrutura metálica foram calculadas de acordo com o número de espectadores e dimensões da sala através de esquemas sugeridos no Neufert e Architecture Metric Handbook.



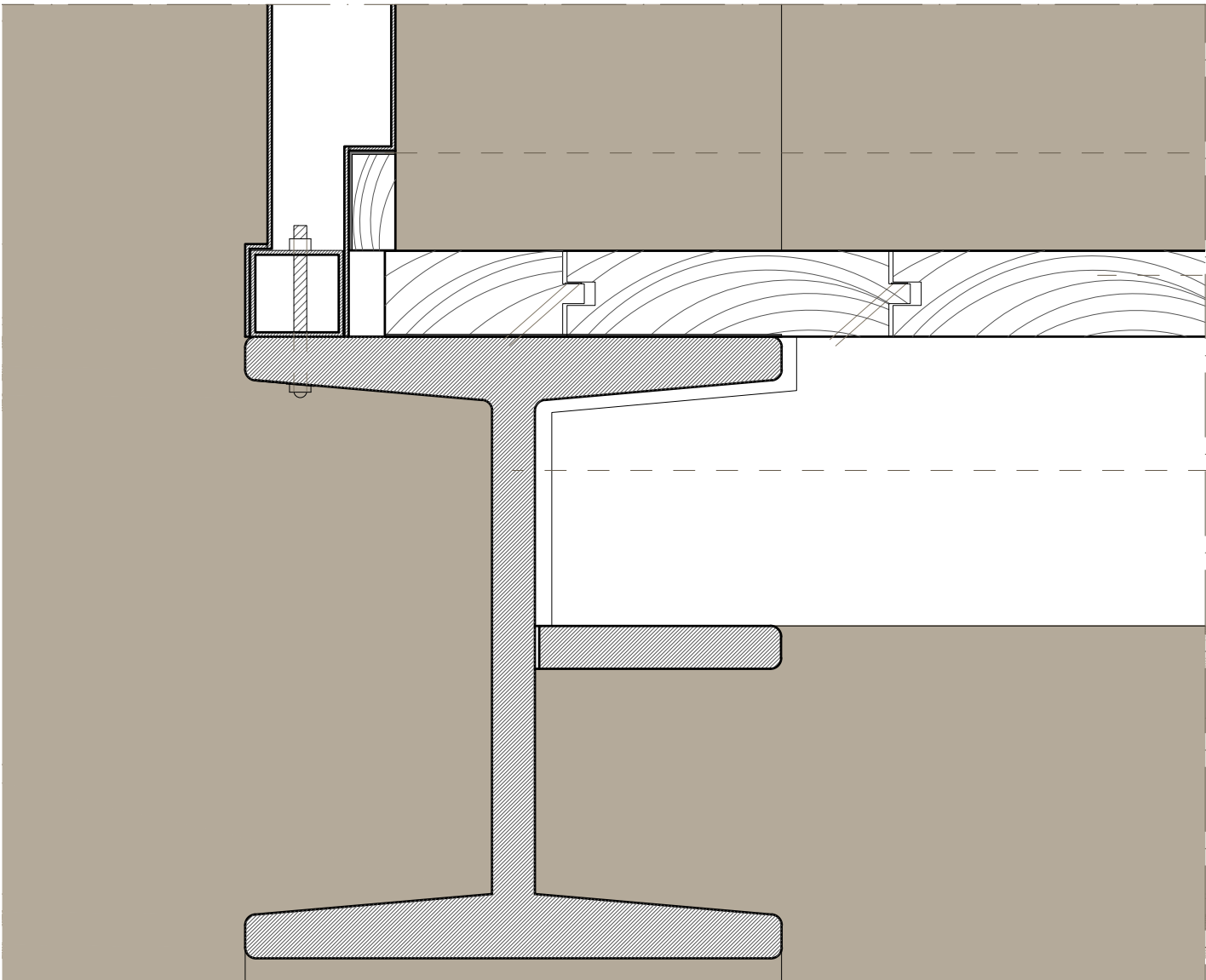
Opção de projector comum em salas de cinema modernas para reprodução digital de filmes - Projector Digital Christie 2k



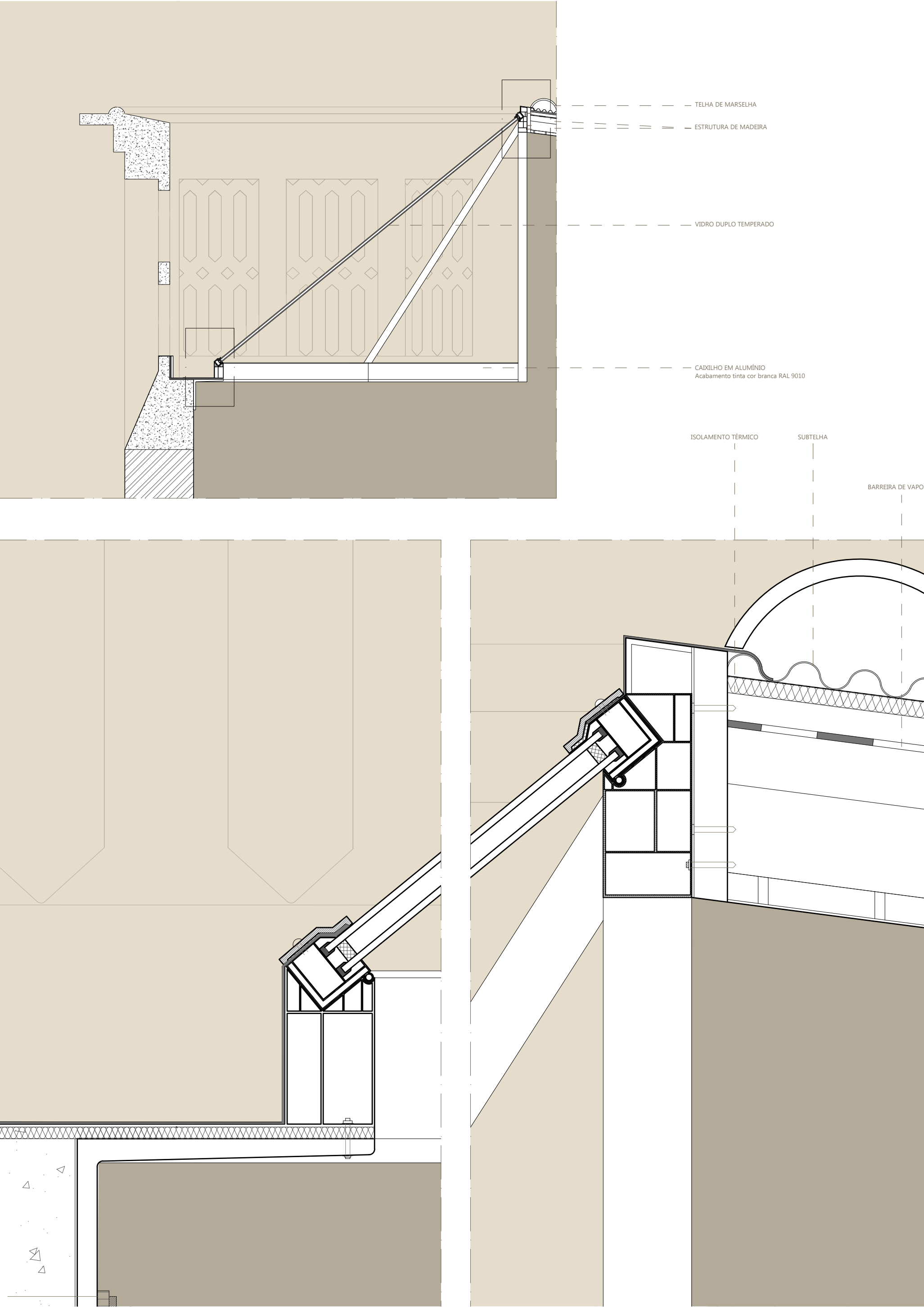
Vista da integração de colunas de som atrás da estrutura de metal que suporta a tela que constitui o écran.

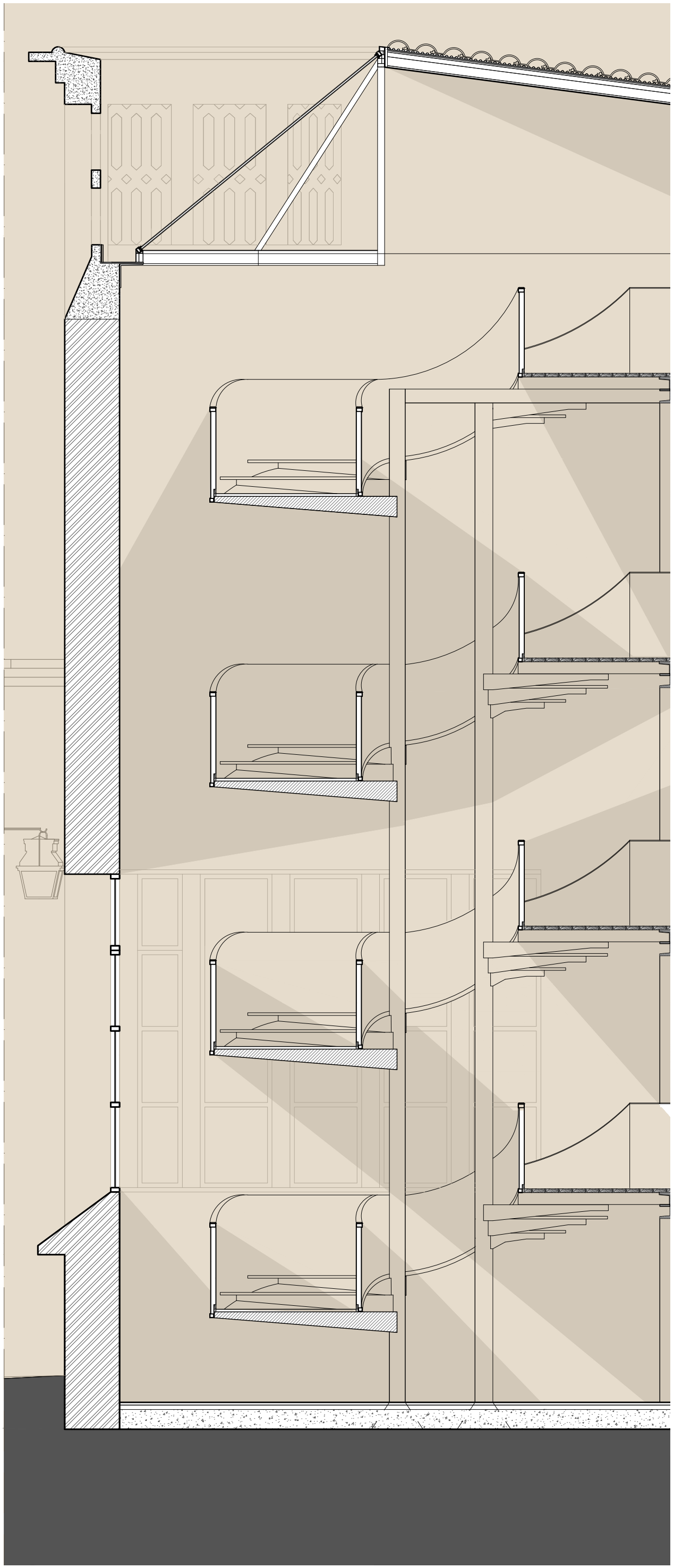
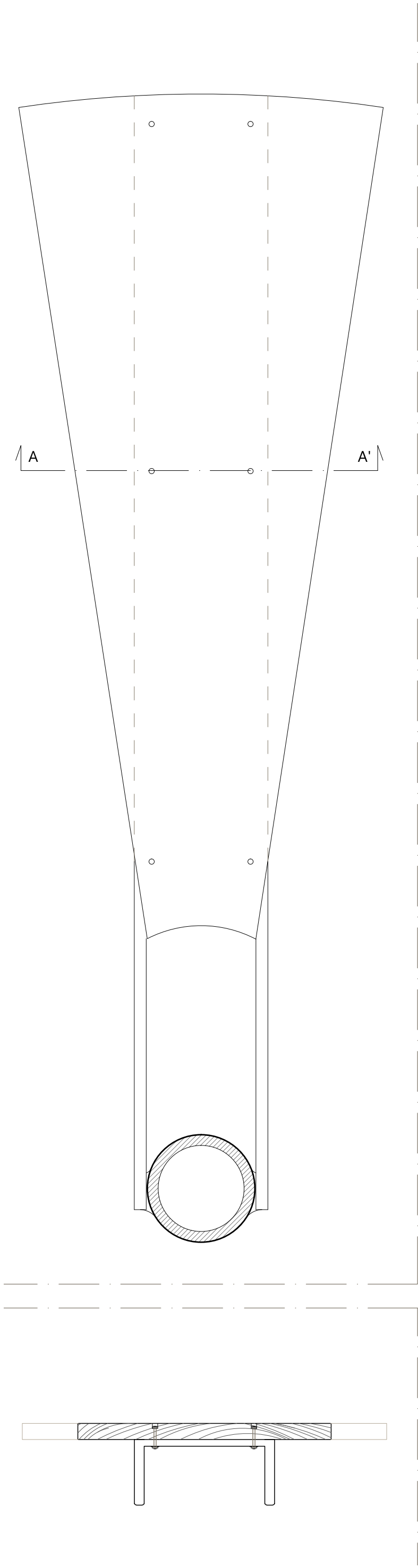


- REMATE EM MADEIRA DE FAIA
- CHAPA ALUMÍNIO
Espessura 2,0 mm
Acabamento com tinta de cor cinza escuro RAL 9004



- TELA DE PROTEÇÃO BORRACHA
- RÉGUAS DE MADEIRA DE FAIA
- PERFIL METÁLICO IPN



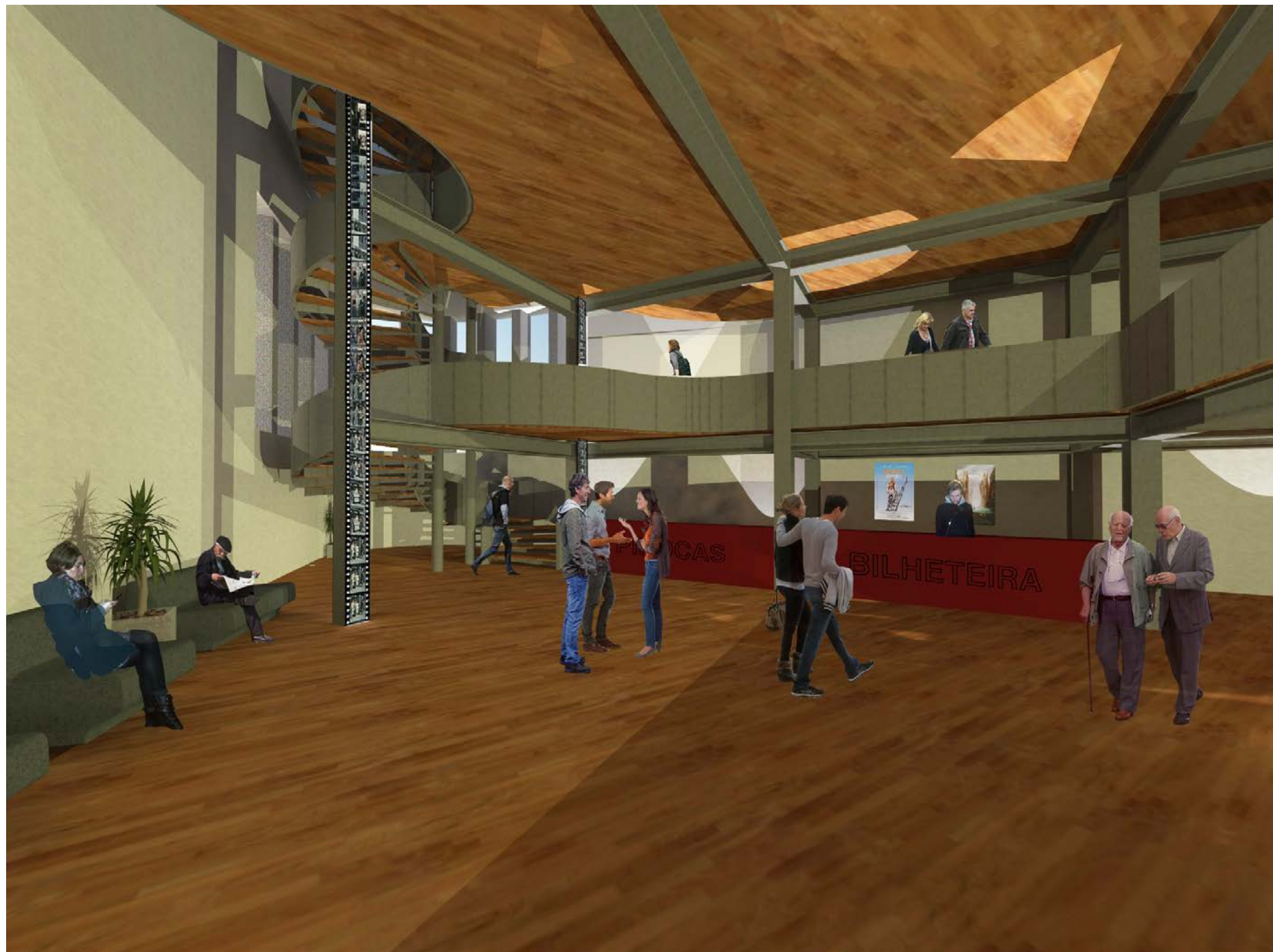


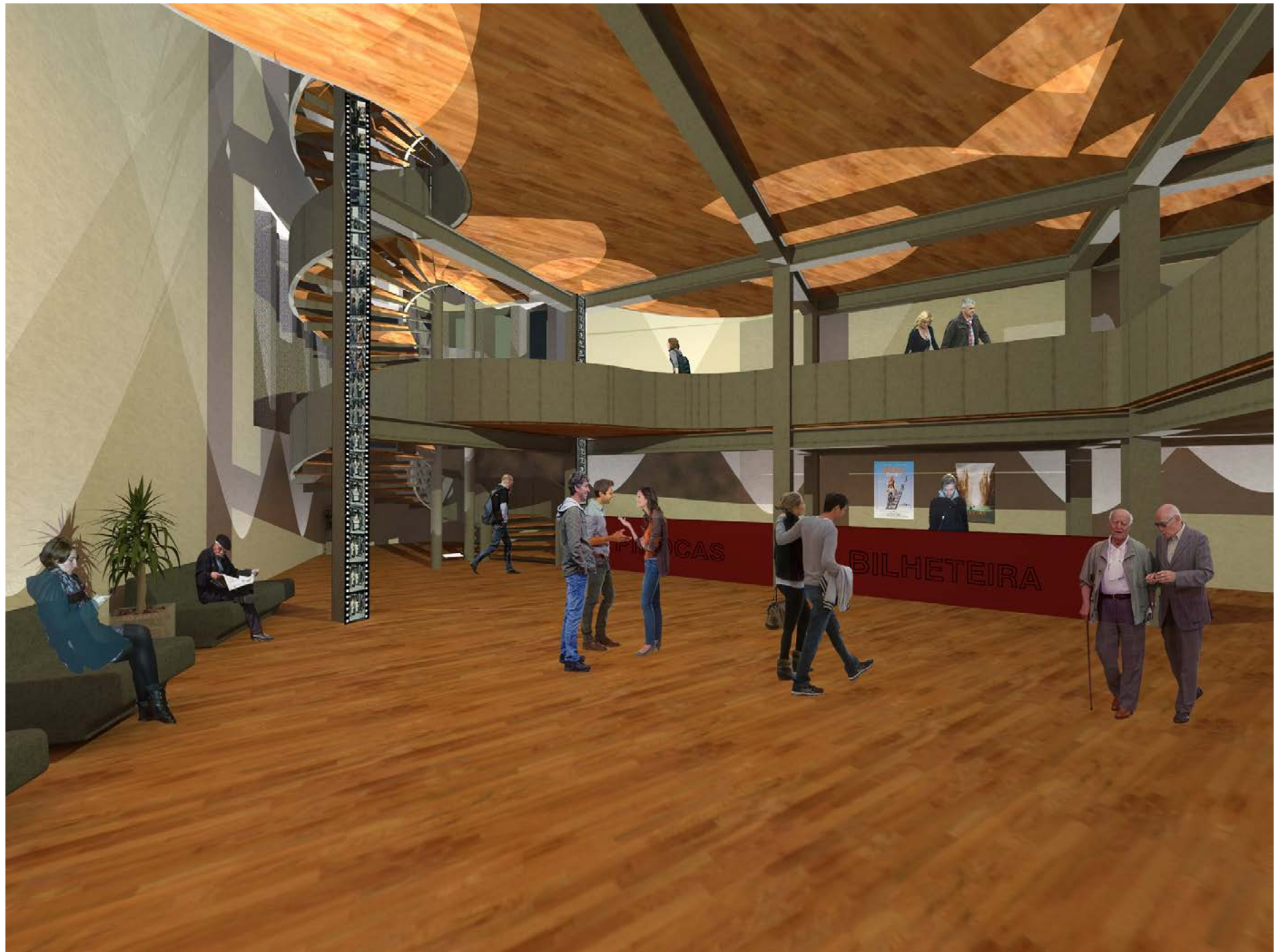
Sala de Cinema (início do filme)
Sala de Cinema (durante a projecção do filme)
Sala de Cinema (no final do filme)
Átrio (dia)
Átrio (noite)
Varanda
Cafetaria
Escadas
3D





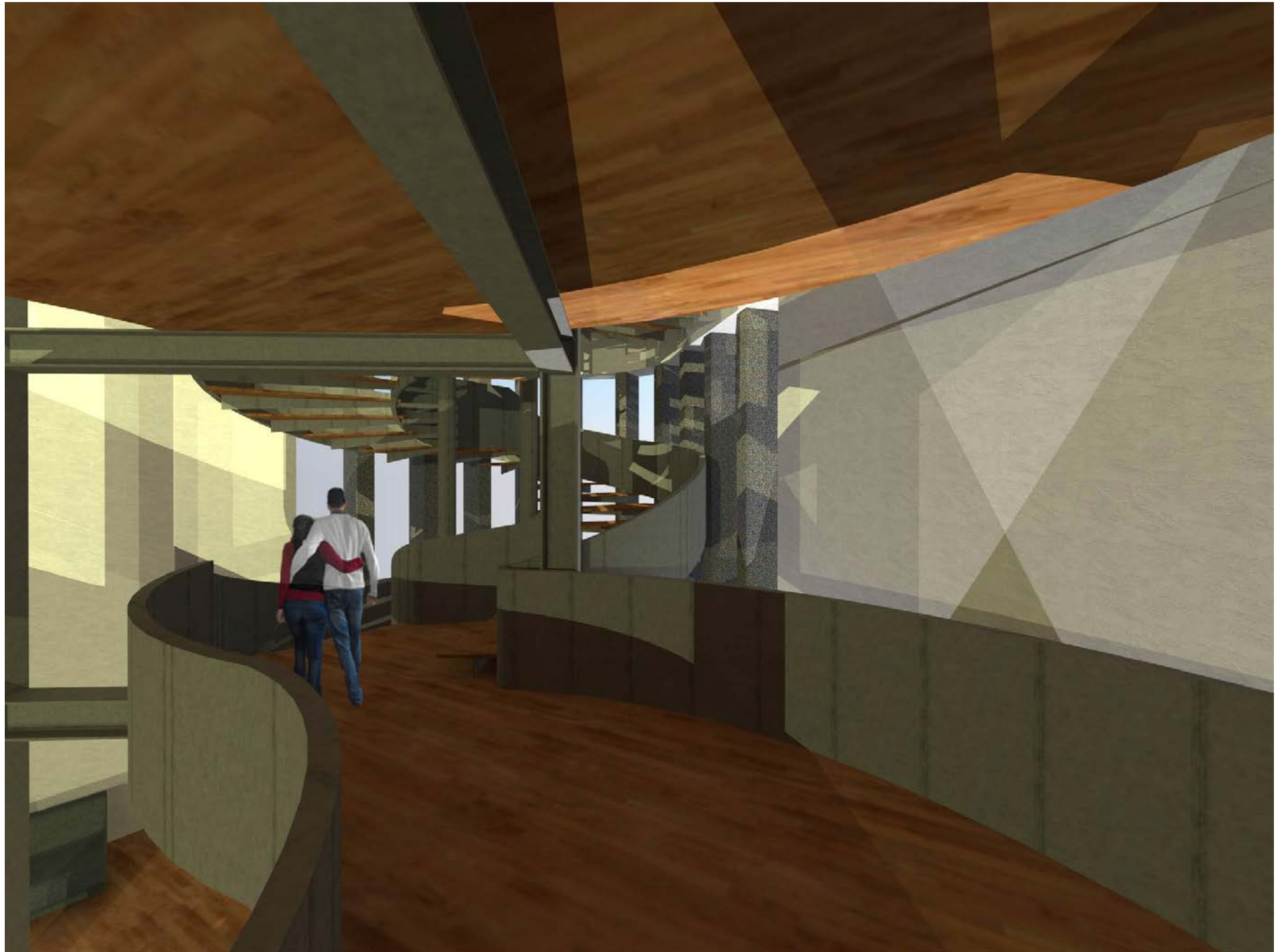












Olhar para o património é olhar para o passado. Um monumento é um marco de uma ou várias épocas que nos permite vislumbrar a vida de outros tempos. É um privilégio poder ter este vislumbre. É por isso que quando assumimos um conjunto como o Centro Histórico de Évora tão cheio de diferentes tempos devemos fazer os possíveis não só para o preservar, mas para o manter vivo. Manter aquilo que faz deste lugar uma cidade, os seus habitantes. A cidade é o palco da vida humana, não cumpre o seu propósito e fica desprovida de sentido quando não é habitada.

O que ambicionámos neste trabalho foi precisamente tentar dar voz às pessoas que fazem a cidade de Évora aquilo que ela é. Tentar perceber até que ponto o impulso do lucro imediato se sobrepõe às necessidades da população da cidade, tentando “vender” o lugar como produto de uma indústria que comercializa algo que não tem preço – a cultura.

Vários são os autores que desde há décadas vêm alertando para as consequências negativas da valorização excessiva do turismo nos centros históricos europeus. Actualmente, muito se tem discutido acerca desta questão, sendo deveras preocupante observar a forma como as autoridades locais escolhem tantas e tantas vezes ignorar o problema com o risco de este se tornar, no fim de contas, irremediável. Ao mesmo tempo que se vai tornando notório o facto de muitas obras de reabilitação do património se fazerem segundo conceitos que nada têm a ver com a realidade da cidade e do seu dia a dia. Também segundo este ponto, o que tentámos fazer aqui, inscreve-se numa proposta de intervenção no património que se guia por aquilo que são as necessidades e os desejos das pessoas e não por um qualquer conceito abstracto a partir do qual depois se tenta materializar uma forma.

Durante a investigação para este trabalho muitas foram as questões levantadas, algumas delas, tentámos dar aqui alguma resposta, no entanto, há sempre questões que ficam por responder e que esperemos poder problematizar mais amplamente e debater num outro lugar. Entre estas questões elencamos a problemática do comércio tradicional *versus* estabelecimentos de franchising, ou até mesmo a forma como a vivência num centro histórico encontra resistência na adaptação a um estilo de vida contemporâneo ou de como a arquitectura poderia contribuir para a solução deste problema. Estas e outras questões ficarão para debater em oportunidade futura.

Por fim, consideramos que para a melhoria do quotidiano de uma cidade antiga como o Centro Histórico de Évora não é necessário reabilitar ou restaurar toda a cidade. É sim necessário ouvir a população e focar as intervenções em lugares chave que permitam a valorização do sentimento de pertença e de identidade. E, sempre que possível, conjugar lugares esquecidos com intervenções que valorizem a memória colectiva, tornando-os lugares de memória viva.

Como nota final, gostaríamos de deixar aqui o testemunho de uma experiência que consideramos importante e esclarecedora de uma realidade que tentámos aqui retratar. Foi colocado como parte de uma exposição um muro em taipa na praça onde se encontra o Templo Romano. Neste muro foi pedido aos transeuntes que escrevessem com giz "100 desejos para a minha cidade". Entre os desejos mais comuns de "felicidade" e "amor" (desejos e vontades bem importantes), e por entre inúmeros corações pintados, distingue-se uma palavra, escrita repetidamente em diversas caligrafias e cores, "**cinema**", à qual procede outra, "**cultura**". Há que dar mais oportunidade aos habitantes da cidade para expressar aquilo que na cidade faz falta, e aqui a arquitectura pode ter um papel social fundamental, mantendo vivos estes lugares. Ou ressuscitando-os.

ALMEIDA, Carlos Alberto ferreira - "Património: Riegl e Hoje". Revista da Faculdade de Letras : História, II série, vol. 10 (1993). p. 407-416

AMARAL, Francisco Pires Keil do, SILVA, José Antunes, FERREIRA, Raul Hestnes, CARVALHO, José Silva - "Keil do Amaral", Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1969

Câmara Municipal de Évora - "500 anos Foral de Évora: A cidade de Évora na época medieval". Évora: Câmara Municipal de Évora, 2000. ISBN: 972-8509-12-8

CAMELO, Nuno, SIMPLÍCIO, Maria - "A importância do turismo na estrutura funcional de Évora". " A Jangada de Pedra" Geografias Ibero- Afro- Americanas. Atas do Colóquio Ibérico de Geografia. Guimarães: APG / Dep. Geografia Universidade do Minho, 2014. ISBN 978-972-99436-8-3.

CANIVETE, Antónia - "Subsídio para o estudo do cinematógrafo em Évora: 1989-1920", Boletim Municipal "A Cidade de Évora". nº 5 (2001). p.321-334

CARVALHO, Jorge - "Évora, administração urbanística". Câmara Municipal de Évora. ISBN 972-95112-6-8

CHOAY, Françoise - "Alegoria do Património", Coimbra: Edições 70, 2010.

CHOAY, Françoise - "Património e Mundialização", Évora: Casa do Sul: Centro de História da Arte da universidade de Évora, 2005 . ISBN 972-8661-24-X

cidade-museu in Dicionário da Língua Portuguesa sem Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 2015-06-09 16:14:09].

CULLEN, Gordon, "The concise townscape", Londres: Architectural Press, 1985

DOWNS, Roger, STEA, David - "Cognitive maps and spatial behavior: Process and Products" in Down es Stea (Eds.), Image and Environments, Chicago: Aldline Publishing, 1973

ESPANCA, Túlio - "Évora: Arte e História". Câmara Municipal de Évora, 1980

ESPANCA, Túlio - "Fortificações e Alcaidarias de Évora: cerca pre-portuguesa Aro romano, visigótico e muçulmano", Boletim Municipal "A Cidade de Évora", nº 9-10 (1945). p.41-92

ESPANCA, Túlio - "Évora". Editorial Presença. Lisboa 1993.

FERNANDES, José Manuel - "Cinemas de Portugal". Lisboa: Edições Inapa, 1995. ISBN 972-9019-78-9

FERNANDES, José Manuel - "Português Suave. Arquitecturas do estado Novo". Lisboa: Departamento de estudos - IPPAR, 2003. ISBN 972-8736-26-6

FERNANDES, José Manuel - "Arquitectura Modernista em Portugal [1890-1940]". Lisboa: Gradiva, 2005.

GUERREIRO, José Emílio - "Processo de Recuperação do Centro histórico de Évora. Planeamento e prática urbanística - Ligações à população". "Sociedade e Território: Revista de Estudos Urbano e Regionais".número 14-15 (1991). p.41 - 46

LACROYX, Michel - "Le principe de Noé ou l'Éthique de la sauvegarde", Flammarion, 2001

LIMA, Miguel Pedroso - "O Recinto Amuralhado de Évora: subsídios para o estudo do seu traçado". Tese de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora. Évora: ESTAR Editora (1996). ISBN 972-8095-20-1

LYNCH, Kevin - "The image of city", Massachussets: M.I.T. Press, 1960,

MOITA, Irisalva, TOSTÕES, Ana - "Keil do Amaral", Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1999. ISBN 972-8403-02-X

MONTANER, Josep Maria, MUXÍ, Zaida - "Arquitectura y Política: Ensayos para mundos alternativos", Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2011. ISBN 978-84-252-2437-9

PEREIRA, Paulo - "Cidade e Património" in Património Edificado. Pedras angulares , Lisboa: Aura, 2005, p. 27-79

RICO, Tânia - "Salão central eborense: um olhar sobre o seu património". Boletim Municipal "A Cidade de Évora". ISSN 0971-1992, nº 5 (2001), p.453-465

RUSKIN, John - "The Lamp of Memory" in The Seven Lamps of Architecture , New York: John Wiley, Broadway, 1849

SIMPLÍCIO, Maria - "Evolução da Estrutura Urbana de Évora: o século XX e a transição para o século XXI". "A Cidade de Évora". ISSN 0871-1992. número 5 - série II. (2001). p.89 - 129

SIMPLÍCIO, Maria - "A Cidade de Évora e a relevância do Centro Histórico". "A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras". Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CEGOT, 2013. ISBN 978-989-8648-01-3. p.211 - 225

WEBGRAFIA

BLK, arquitectura s.a. – **Salão Central Eborense / Évora / Concurso 2009** – site oficial BLK (porto) arquitectura s.a.. Disponível em:

<http://www.blk-porto.pt/?projects=salao-central-eborense-i-evora-i-concurso-2009>

LEITE, José – **Salão Central Eborense** – Blog Restos de Colecção. Disponível em:

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/06/salao-central-eborense.html>

GODINHO, José - ***Salão Central Eborense assinala 75 anos sem razões para festa*** – site oficial semanário “O Registo”. Disponível em:

<http://www.registo.com.pt/regional/salao-central-eborense-assinala-75-anos-sem-razoes-para-festa/#.VGoNODSsVlw>

GRUPO PRÓ-ÉVORA – ***O que é a Acrópole XXI*** – site oficial Grupo Pró-Évora. Disponível em:

<http://www.pro-evora.org/pt/index.php/comunicados/info-12/21-o-que-e-a-acropole-xxi>

GRUPO PRÓ-ÉVORA – ***Posição do Grupo Pro-Évora sobre o “ESTUDO DE ENQUADRAMENTO ESTRATÉGICO PARA A ÁREA DO CENTRO HISTÓRICO DE ÉVORA” elaborado pela empresa PARQUE EXPO*** – site oficial Grupo Pró-Évora. Disponível em:

<http://www.pro-evora.org/pt/index.php/comunicados/info-10>

S.O.I.R. Joaquim António de Aguiar – ***Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António de Aguiar*** – sito oficial S.O.I.R. J.A.A.. Disponível em:

<https://soirjaa.wordpress.com/2008/12/>

RIBEIRO, Armando – ***Salão Central Eborense*** – Blog Armando Ribeiro. Disponível em:

<http://acribeiro.blogs.sapo.pt/55278.html>

Blog Viver Évora. Disponível em:

http://viverevora.blogspot.pt/2010_11_01_archive.html

Informações disponíveis na plataforma do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA):

Ermida de São Miguel

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1237

Paço dos Duques de Cadaval

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4363

Mosteiro de São Domingos de Évora

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4438

Capela de Nossa Senhora dos Reis/Pousada dos Estáus

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25128

Igreja de São Vicente

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1235

Casa Nobre do Pátio do Salema

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25327

Convento e Igreja do Salvador

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3840

Convento de Santa Helena do Monte do Calvário

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2862

Fábrica da Melka

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2862

Convento dos Loios

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2868

Salão Central Eborense

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9562

ANEXOS

CRONOLOGIA DO PATRIMÓNIO

MAPAS MENTAIS

Questionário

Quadro síntese das respostas

Mapas desenhados

Dificuldades

PROCESSO SALÃO CENTRAL EBORENSE

Notícias D'Évora

Cronologia dos projecto executados e não concretizados

Fotografias do estado do salão

Arqueologia

Maquetes

Acerca da salvaguarda do património (património = herança paterna; bens que se herdaram dos pais ou avós; bens de família; zonas, edifício e outros bens naturais ou materiais de determinado país que são protegidos e valorizados pela sua importância cultural)

Até ao século VI - situações pontuais de preservação de edifícios e obras de arte de civilizações passadas que foram derrotadas em batalhas e cujos espólios ficam sob a pertença dos seus inimigos

Século VI - papa Gregório I adverte para a não destruição de templos pagãos

“Não destruam os templos pagão, mas apenas os ídolos que eles acolhem. No que diz respeito aos edifícios propriamente ditos, contentai-vos em aspergi-los com água benta e neles colocar os vossos altares e as vossas relíquias.”¹

Aqui a conservação baseava-se numa lógica de reutilização do que “preservação estática”.

Quattrocento - surgimento das “antiguidades”; desperta o interesse pelos testemunhos da época clássica; os edifícios e obras de arte da antiguidade passam a ser objecto de contemplação e reflexão; aqui a nova concepção de história e de arte como produção autónoma desenvolvida pelos humanistas, permite abrir as portas para um novo olhar sobre os testemunhos do passado e, conseqüentemente, uma nova forma de agir sobre eles.

“Inúmeros testemunhos permitem fixar o despertar singular do olhar distanciado e estético por volta dos anos 1430 que, liberto das paixões medievais, dirigindo-se para os edifícios antigos, os metamorfoseia em objectos de reflexão e de contemplação.”²

No entanto, esta atitude de contemplação restringe-se, nesta altura, aos testemunhos da época clássica. E mesmo estes continuam a ser alvo de destruição para a reutilização de pedras.

1462 Pio II emite a bula *cum alman nostram urben*.

Antes de mais o Papa distingue monumentos e antiguidades. Desejando conservar «a Cidade-Mãe na sua dignidade e esplendor» decide «empregar a mais vigilante atenção», não apenas para «a manutenção e preservação» das basílicas, igrejas e todos os outros lugares santos dessa cidade, mas também que as gerações futuras encontrem intactos os edifícios da Antiguidade e os seus vestígios.

¹ CHOAY, Françoise *“Alegoria do Património”*, p. 38

² Idem, p. 45

E, apesar de alguns monumentos, como o Coliseu, continuarem a servir de pedreiras para a construção de novos edifícios, há nesta ordem uma consciencialização de um legado que deve ser perpetuado.

Entre século XVI e século XIX – a atitude dos humanistas na primeira fase desta mudança de pensamento sobre as antiguidades é prosseguida por uma outra forma de as observar. Aqueles que a partir daqui se designam por “antiquários”, dedicam ao estudo minucioso das obras Antigas.

“Entre a segunda metade do século XVI e o século XIX as antiguidades são objecto de um imenso esforço de conceptualização e de recenseamento.”¹

Entre século XVIII e século XIX – Com a revolução francesa todos os bens da nobreza e do clero passam a pertencer à Nação. As obras de arte e monumentos históricos foram feitas pelo povo e devem poder ser usufruídas por todos, não apenas por uma pequena maioria.

“Assim sob o ímpeto de 1789, todos os elementos necessários para uma autêntica política de conservação do património monumental de França pareciam reunidos: criação do termo monumento histórico, cujo conceito é alargado, por comparação com o antiguidades; corpus em curso de inventariação e administração predisposta à conservação e dispondo de instrumentos jurídicos (disposições penais incluídas) e de técnicas então sem equivalente.”²

“O conceito de património estava, tal como hoje, afectado por uma forte conotação económica, o que contribuía para a sua ambivalência. Quanto à noção de monumento histórico, ela devia permanecer fluída para a maioria do público ainda durante largas décadas.”³

1820 – 1960 - *“Face às destruições e às alterações do quadro de vida que ela implicou, as «antiguidades» vão a partir de agora, dar lugar a uma protecção de tipo museológico mas, não obstante, sempre devido ao seu interesse para a história e para a arte: é então que as «antiguidades» ganham a designação de «monumentos históricos».”⁴*

1930 – Redacção da Carta de Atenas

1957 – Primeiro Congresso de Arquitectos e Especialistas de Edifícios Históricos

1960 – Primeiro alerta para a protecção do património à escala mundial.

¹ CHOAY, Françoise “Alegoria do Património”, p. 66

² Idem, p. 122

³ Idem, p. 123

⁴ CHOAY, Françoise “Património e Mundialização”, p. 17-18

Caso de Abu Simbel, no Egipto. *“O maior salvamento arqueológico de todos os tempos pôde realizar-se e nasceu então um novo conceito, o de «património comum da humanidade» (...).”*¹

Até aqui, a preservação do património cultural ficava inteiramente a cabo de associações e instituições locais. Mas com o alerta lançado com o caso da quase submersão do Templo de Abu Simbel pela construção de uma barragem, a conservação do património passou a ser uma preocupação à escala mundial. Os valores estéticos e gnoseológicos da sociedade construtora destas obras passam a ter morada física nestes monumentos e a sua destruição significa a perda desses valores e a possibilidade de aprendizagem através deles. Esta passa a ser uma preocupação de todo o mundo.

1964 – Segundo Congresso de Arquitectos e Especialistas de Edifícios Históricos (redacção da Carta de Veneza)

1965 – Assinatura da Carta de Veneza e Criação da ICOMOS (Comissão Internacional para os Monumento e Lugares)

1972 – Publicação da Carta de Veneza

NO QUE RESPEITA AO CASO PORTUGUÊS.

1906 – Primeiro Decreto de Classificação de Monumentos Nacionais

1910 – Decreto Global de Classificação de Monumentos Nacionais

1929 – 1970 - DGEMN I (Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais)– Tinha a “responsabilidade directa nas obras de construção de todos os sectores do estado” Incluindo obras de conservação e restauro

O resultado é a “limpeza” de alguns monumentos nacionais que ganham novamente um “aspecto” medieval ou romano. Todos os acrescentos e alterações feitas posteriormente à data da construção são retirados. Para além disso, alguns centros históricos sofrem também o mesmo tipo de “limpezas” para que os monumentos mais importantes se destaquem da restante malha urbana. Esta atitude abre as portas para o que mais tarde vem a ser a tematização dos Centros Históricos demasiado vocacionados para o turismo.

“(...)o conceito de monumento histórico não poderia designar um edifício singular no exterior do contexto do edificado no qual se insere. A própria natureza da cidade e dos conjuntos urbanos tradicionais, a sua envolvente, resulta dessa dialéctica entre a «arquitectura maior» e o que a rodeia. É por isso que isolar ou «libertar» um

¹ LACROIX, Michel *“O Princípio de Noé”* p. 30

*monumento acaba por significar, a maior parte das vezes, mutilá-lo. As imediações do monumento estão envolvidas com ele numa relação essencial.*¹

1970 – 1993 – DGEMN – Perde gradualmente a responsabilidade de alguns sectores do Estado como escolas, hospitais, ... Ainda manteve algumas obras importantes. Mas principalmente conservação e restauro de edifícios históricos.

1980 – 1987 – IPPC (Instituto Português do Património Cultural) – Responsabilidade por Património Cultural não edificado e gestão de alguns Monumentos como Palácios e Museus.

1987 – 1989 – IPPC – A par das responsabilidades anteriores passa também a gerir os fundos da CEE para a cultura.

1989 – 1992 – IPPC – Acumula também a criação de um departamento de Projectos e Obras Públicas

1992 – 2007 – IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico) – condensa funções do IPPC e cria Direcções Regionais para gestão do património em cada região do país.

1993 – 2007 – DGEMN – Lançamento do IPA (Inventário do Património Arquitectónico)

2007 – extinção da DGEMN e do IPPAR. Criação do IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico)

¹ CHOAY, Françoise “Alegoria do Património”, p. 211

Questionário e síntese das respostas

- 1** Qual a primeira imagem que lhe ocorre quando pensa no Centro Histórico de Évora? Fisicamente e em poucas palavras, descreva o Centro Histórico de Évora.
- 2** Faça um esboço geral, um mapa, do Centro Histórico de Évora como se o estivesse a descrever a alguém que não conhece a cidade. Não se pretende uma reprodução fiel, apenas um esboço rápido com os principais elementos.
- 3** Qual o caminho que faz mais frequentemente dentro do Centro Histórico? Qual o propósito com que o faz? Agora, imagine-se a fazer esse percurso. Descreva-o, diga o que vê, por onde passa, que emoções associa a esses lugares. Quanto tempo demora a fazer esse percurso e com que regularidade o faz?
- 4** Se tivesse de se deslocar a pé entre as Portas de Moura (em frente à papelaria Gráfica) e a Rua 5 de Outubro (sensivelmente e meio da rua), qual o caminho que escolheria? Porquê? Agora, imagine-se a percorrer esse caminho, descreva o que vê, tal como fez na pergunta anterior.
- 5** Qual o primeiro pensamento que lhe ocorre quando ouve falar em Salão Central Eborense? Como descreveria o edifício? E como descreveria o lugar onde fica? Indique no mapa que desenhou onde fica.

Após estas perguntas, referir que o questionário já terminou, mas em termos muito informais fazer as seguintes perguntas.

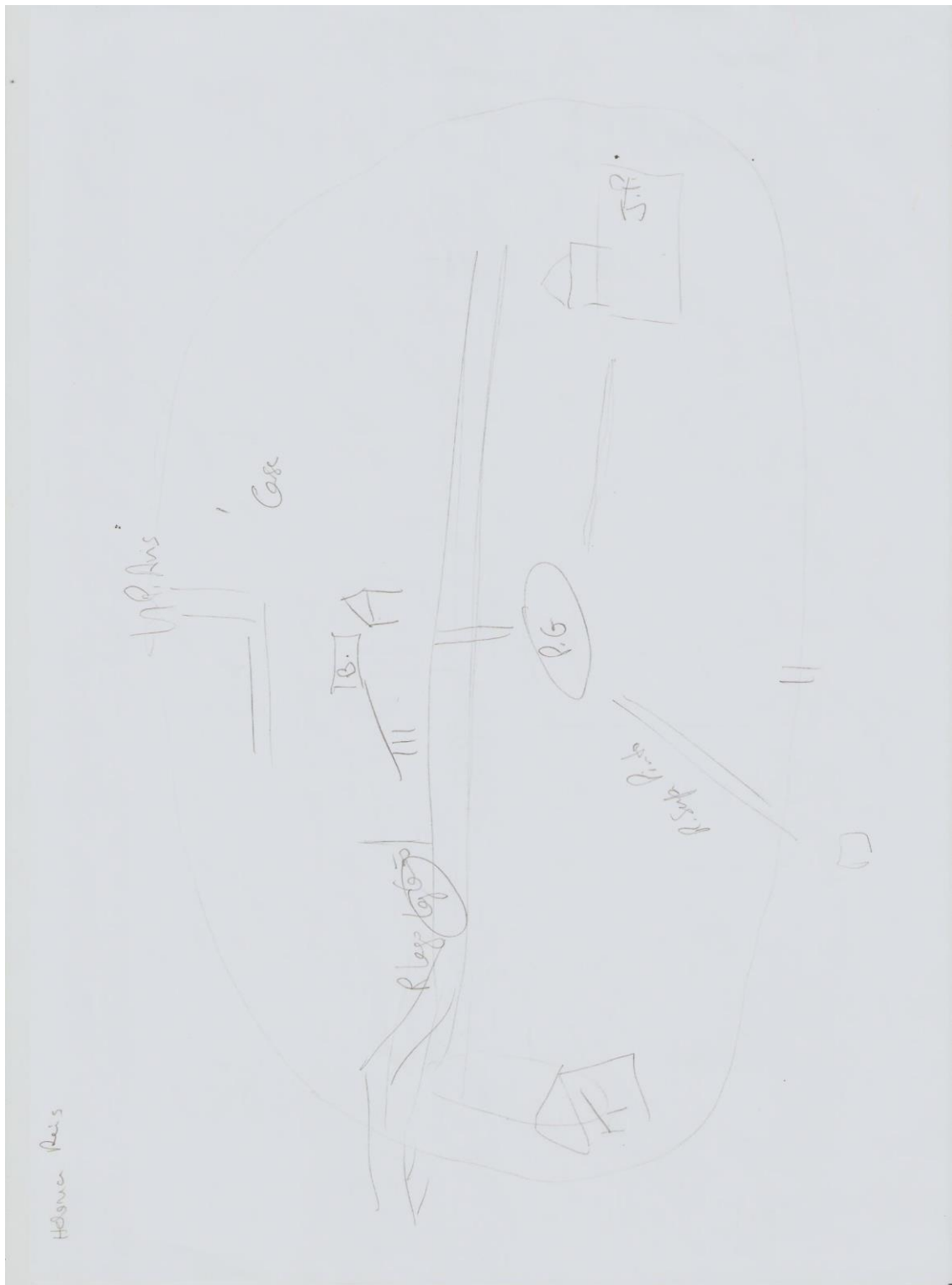
- 6** O que acha que mais mudou no Centro Histórico de Évora nos últimos 10 anos?
- 7** O que acha que faz mais falta no Centro Histórico de Évora?

Iniciais	Idade	Ocupação	Morada	1ª Imagem	Descrição rápida	1º espaço desenhado no mapa	Caminho mais percorrido
1 H R	23	Estudante Antropologia	Centro Histórico Sé		Tortuoso. Dá para uma pessoa se perder mas é fácil encontrar novamente.	Muralhas. Pç do Giraldo	Rua do Harpa – Biblioteca
2 A P	24	Estudante Biologia	Cartuxa	Pç Giraldo	Antigo, mas orgulhoso da sua antiguidade. Muralhas, é claramente muito antigo mas é bonito por isso	Muralhas. Pç do Giraldo	Portas da Lagoa - Pç do Giraldo/Portas de Moura
3 L P	18	Estudante Estudos Gerais	Cartuxa	Muralhas	Bonito. Antigo mas consegue estar bem conservado. Há partes degradadas mas no geral está bem conservado	Pç do Giraldo	Portas da Lagoa - Pç do Giraldo/Portas de Moura
4 I A	64	Reformada	Malagueira	Pç do giraldo	Antigo e bonito	Pç do Giraldo. Ruas que descem.	Portas de Alconchel – Pç Giraldo
5 A C	24	Estudante BioQuímica	Malagueira	Templo	Pequena, está tudo a uma boa distância para andar a pé. Desorganizada.	Pç do Giraldo	Portas de Alconchel - Giraldo/CME
6 A A	23	Estudante BioTecnologia	Alto dos Cucus	Pç do Giraldo	Lumirosa. Casas brancas com rodapés. Zona alta.	Rua da Lagoa. Muralhas.	Portas do Raimundo – Giraldo/CME
7 M R	58	Comerciante	Centro Histórico	Pç do Giraldo	Degradado. Falta de verde, de canteiros com flores.	Pç do Giraldo	Rua do Harpa – Rua d'Aviz
8 C F	56	Auxiliar de Ação Educativa	Malagueira	Templo e Sé	Envelhecido.	Pç do Giraldo. 5 de Outubro	Parque atrás do Garcia - Pç Giraldo
9 H T	48	Cabeleireira	Canavais	Sé/Templo	Cidade Limpa. Há um esforço da Câmara em manter o CH limpo	Pç do Giraldo. 5 de Outubro	Portas de Moura - Rua 5 de Outubro
10 L A	80	Reformada (trabalha no campo)	Santa Luzia	Pç do Giraldo		Pç do Giraldo. Serpa Pinto	Praça do Giraldo - Praça do Sertório
11 G A	56	Auxiliar de Geriatria	Santa Luzia	Templo	Sé, Templo, Monumentos em geral. Envelhecido	Pç do Giraldo. Rua da República	Lago Camões - Praça do Giraldo
12 A P	59	Agente de Seguros	Frei Aleixo	Templo	Imponente.	Templo. Acrópole.	Portas de Moura - Praça do Sertório
13 C P	57	Empregada de Comércio	Frei Aleixo	Templo	Monumentos. Calma.	Pç do Giraldo. Sé	Portas de Moura - Praça do Giraldo
14 J F	25	Assistente administrativa clínica médica	Malagueira	Sé/Templo	Labirintos que contiam histórias quando os percorremos.	Pç do Giraldo. Ruas que descem.	Portas de Alconchel – Giraldo/CME
15 P A	74	Padre	Salesianos	Sé/Templo	Pacata. Serena. Acolhedora. Muitos turistas		Portas de Alconchel - Sé
16 T M	79	Reformada	Centro Histórico	Pç do Giraldo	Bonito. O trânsito incomoda principalmente porque as Ruas são estreitas e os transeuntes deixam de poder passar		Rua d'Aviz – Praça do Giraldo
17 L R	60	Professor de História/Guia turístico	Centro Histórico	Sé/Templo	Permite aos visitantes viajar por dois milénios de história mas ainda é habitado (ao contrário de Cáceres)	Templo. Acrópole.	Rua da Mouraria - Câmara -Praça do Giraldo
18 L G		Formação desconhecida/Assessor CME	Malagueira			As duas cercas	Rua da Lagoa - Praça do Sertório
19 E L		Advogado/Vereador da CME				Praça do Giraldo	CME - Salema - Pt Moura - Hospital
20 R P	27	Estudante Belas Artes	Perto G P	Templo	Cidade típica portuguesa. Cidade histórica com diferentes monumentos	Praça do Giraldo	Seminário - Pt Moura - S. Vicente - Pr Giraldo - Rua dos Mercadores

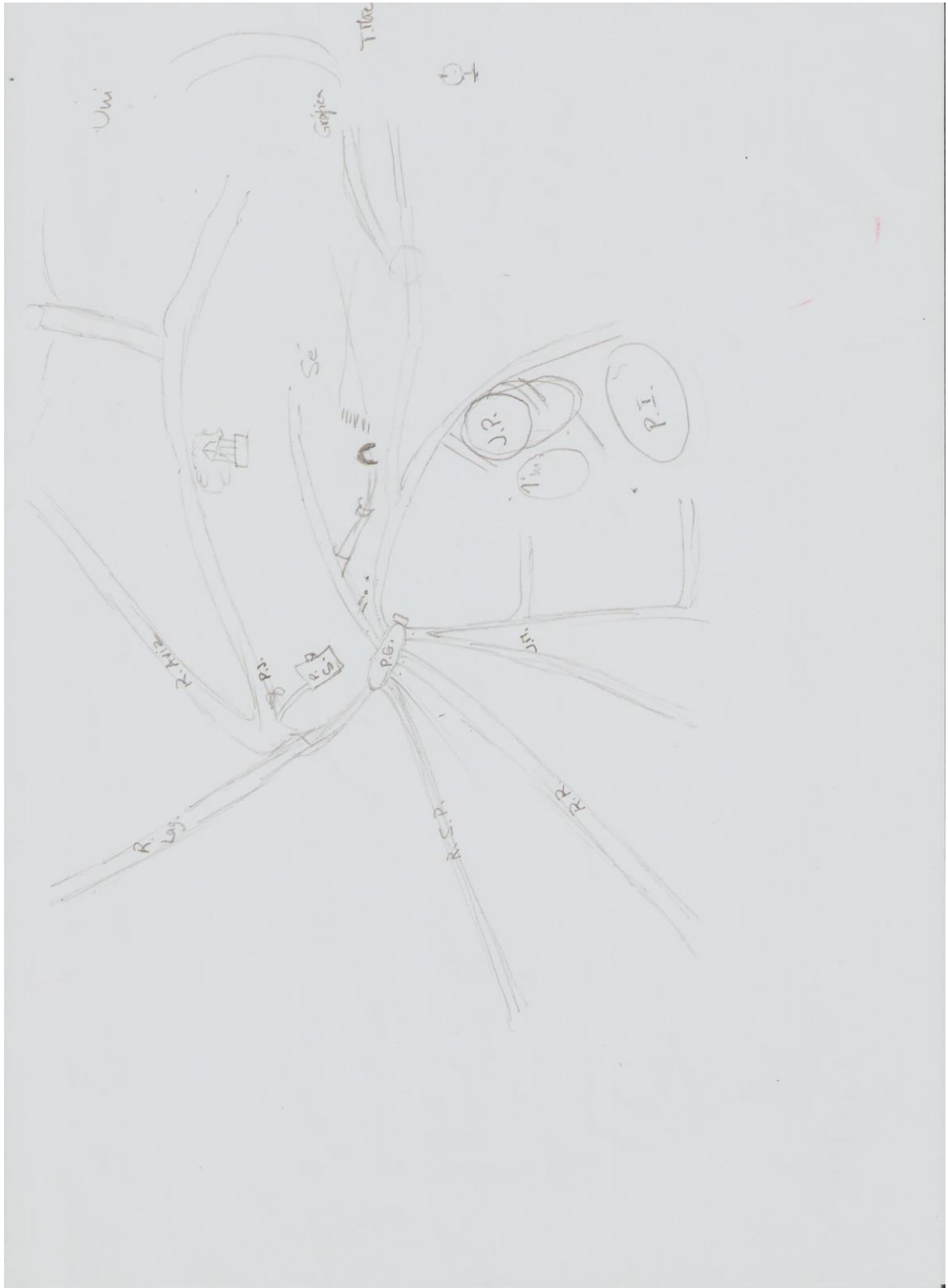
motivo	regularidade	Portas de Moura – 5 de Outubro	motivo	SCE Conhece?	memórias	1ª imagem associada Ao SCE
estudo	Todos os dias quando está em Évora	Rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Praça do Giraldo	mais rápido	sim	não era nascida	
Trabalho. Convívio.	Todos os dias	Rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Rua Alarcova, ou rua de Valdevinos	mais directo	sim	não era nascida	Pátio do Salema. Canto entre o edifício Do SCE e o cinecafé
Convívio.	Dia sim dia não	Rua de Valdevinos	mais directo	não	não era nascido	
Compras. Missa.	2 ou 2 vezes por semana	Rua da Misericórdia, Rua de Valdevinos	mais perto	sim	Sentia-se bem, gostava de lá ir ao cinema. Era um pólo de convívio E de diversão cultural	Cinema
CME/CTT ... Encontro com amigos	Dia sim dia não quando Está em Évora	Rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Praça do Giraldo	mais rápido e fácil	não	não era nascido	quando falei no SCE Pensou no Arcada
Compras. Convívio	Dia sim dia não quando está em Évora	Caminho por detrás da Sé	mais rápido	sim	não era nascida	Degradado
Casa – Trabalho	Todos os dias	Rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Rua da Alarcova	mais rápido	sim	Filmes da Marisol e Josélio. Núcleo Juvenil de Cinema Um grupo do Liceu que ia ao SCE todas as quintas feiras ver bons filmes. Sempre chelo. Anos 70	Cartazes à porta. Com as Portas grandes e bem cuidadas(sito imponente E importante)
Compras	De vez em quando	Rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Praça do Giraldo	mais movimento, Montras	não	quando veio para Évora já estava fechado	
Trabalho	Todos os dias	Rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Praça do Giraldo	mais rápido	sim	Era acolhedor e confortável.	Tristeza
CME/CTT ... Compras	De vez em quando	Caminho por detrás da Sé, Rua de Valdevinos	mais directo	sim	Foi uma vez ao cinema ver uma comédia. Entretanto a Igreja Maná quis comprar o Salão	
CME/Bancos/Compras	De vez em quando			sim	Foi lá algumas vezes. Gostava muito de ir ao Salão.	
CME/CTT	De vez em quando	Rua da Misericórdia, Lq Vicente, Pr Do Giraldo ou pela rua de Valdevinos	mais directo	sim	Frequentava muito o cinema, gostava muito de lá ir. As sessões estavam sempre cheias. Não havia mais A não ser no Verão que havia o Esplanada em Sta Catarina	Tristeza por estar Tudo degradado
Trabalho	De vez em quando	Rua de Valdevinos	mais directo	sim	Gostava muito de lá ir. Falava as aulas para ir ao cinema. Era confortável	
Compras. Convívio	Dia sim dia não	Rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Praça do Giraldo	mais movimento	não	não era nascida. Só conhece a foto que está agora na pr Do Giraldo	
Trabalho	Todos os dias	rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Praça do Giraldo	mais rápido	não	quando veio para Évora já estava fechado	
Lazer. Compras.	De vez em quando	Rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Praça do Giraldo	mais movimento	sim	Costumava ir lá ao cinema. Era um ponto de encontro com os amigos. Havia muita gente, havia vida.	Sem vida apesar De ser bonito
Serviços. Bancos.	Quase diariamente	Rua da Misericórdia, Praça do Giraldo ou Alarcova	Menos cansativo. Mais a direito.	sim	Raramente ficava no balcão. Ainda fui algumas vezes	Degradação
Trabalho	Diariamente	Rua da Misericórdia, Largo S. Vicente Praça do Giraldo	Mais movimento. Ponto de Ref	sim		
Hora de almoço	Diariamente, mas pode fazer algumas pequenas alterações no percurso.	Rua de Valdevinos	Mais sossegado.	sim		
Ir ao ginásio	Diariamente	Rua da Misericórdia, Praça do Giraldo ou Alarcova	Mais próximo	sim	não era nascido	Abandono

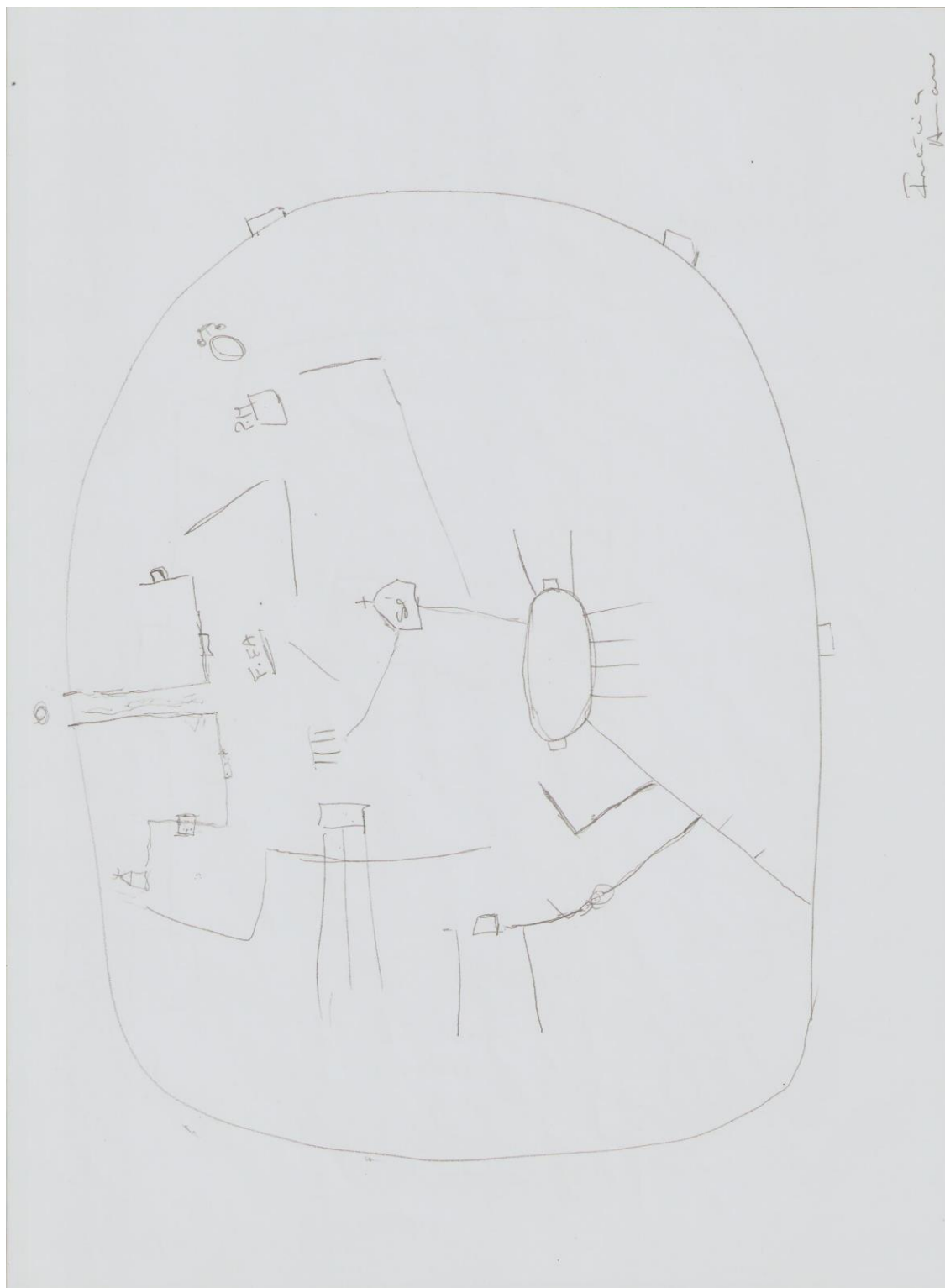
descrição do lugar	o que mudou mais no CH	o que mais faz falta
Muito alto, portas grandes e bonitas.	Comércio. Hotéis	Pessoas. Envelhecimento. As pessoas não se envolvem nas actividades que se vão organizando. Ainda não não sejam tantas.
Sombrio. Melancólico		Falta pessoas viver lá dentro. É triste ver as casas degradadas
Escondido. Não tem muito movimento. Está num sítio apertado. Mas é muita pena estar abandonado	Há mais espaços de convívio para os jovens, no entanto são sempre bares e cafés. Comércio. Comércio.	CINEMA. Variedade nos espaços de convívio. Sempre que se quer sair com os amigos tem de se obrigatoriamente ir para um bar ou um café. Faz mais falta mercearias e outro tipo de lojas de comércio diário. Mas as que há estão "às moscas" por isso a solução é dedicar o comércio aos turistas. Faz falta haver outras lojas que não lojas dos chineses. Não só chineses mas lojas de proprietários portugueses mas com "quintilharia". Manutenção das ruas, dos edifícios. Mesmo edifícios importantes faltam-lhe manutenção. Um lugar de ponto de encontro para jovens que não sejam cafés. Sítios de convívio que não sejam cafés nem a Praça do Giraldo (que também acaba por funcionar como espaço de convívio).
	Comércio a fechar sem voltar a abrir. Casas a serem abandonadas. Grande "boom" de turistas	Dinamização da cidade no que toca a actividades culturais. Tal como se faz agora durante o Verão, seria bom não ter estas actividades só no Verão mas sim no ano todo.
	Saída das pessoas do CH para os bairros da periferia. Mais carros (as pessoas têm de perceber não podem levar o carro a todo o lado.	Não há propriamente falta mas de repente abalou tudo (pessoas que vivem no CH e comércio dito tradicional) Os serviços também começam a descentralizar para a periferia (ex. Registo civil; Bancos; CME) As pessoas de aldeias à volta costumavam vir à cidade, e agora já não, é mais fácil fazer 90km e ir a um Shopping.
	A cidade está mais parada em termos de actividades culturais.	Faz falta haver movimento. Se não há estudantes a cidade fica mais vazia e com falta de movimento.
	Comércio a fechar. E regulamentação no que toca ao tipo de comércio que pode abrir. Antes havia um número máximo de estabelecimentos por ramo.	Supermercado no CH que faça face às grandes superfícies que há na periferia. As pessoas que moram no CH não têm onde ir fazer compras grandes, só as que têm carro é que podem ir aos supermercados fora das muralhas.
	Vestígios antigos que estavam enterrados e que agora são visíveis	Tem hotéis a mais. Não acha que haja algo que falte muita coisa.
Não estava pior, desde que não tivessem deixado estragar	Comércio. Demasiadas lojas "gourmet", que não são para os bolsos das pessoas da cidade. Muitos Turistas.	Faltam mercearias dentro da cidade. Havia muitas mercearias até há 15 anos atrás que foram fechando e não abriram outros. Falta cinema, é inadmissível esta cidade sem cinema.
Está tudo degradadíssimo	Comércio que fecha. Pessoas que saem das suas casas no CH.	O CH tem de ser reactivado. Dar condições às pessoas para reabilitar as casas e comércio de qualidade que possa fazer frente às necessidades da população.
	Comércio a fechar. alguma recuperação dos arcos.	Devia haver mais actividades que trouxessem pessoas ao CH. Suficientes para trazer mais pessoas ao CH.
	Estão a tentar embelezar mais a cidade. Évora é Património Mundial, tem de estar bem arranjada.	Para estares com alguém ou para te divertires tens de obrigatoriamente ir para um café ou um bar. Mesmo que haja algumas actividades a divulgação é terrível. Os projectos de actividades culturais na cidade parece que não têm princípio meio e fim
	Comércio que fecha e que agora já não têm movimento. Exemplo da rua Serpa Pinto que tem menos movimento	"Faz falta que a cidade ganhe nova vida que as pessoas tenham possibilidades de retomar as suas vidas"
Um sítio muito sem vida, apesar do largo ser acolhedor e bonito	Convívio das pessoas que vivem no CH. Actividades de cultura há menos. Comércio	Proibir mais trânsito no CH. Já há vários sítios onde não há trânsito mas faz falta mais. Jardins, sítios agradáveis ao ar livre. Actividades que envolvam a população. Um sítio onde conviver e passear que não seja um centro comercial. "As pessoas fogem do que não gostam para não terem de modificar" "Reabrir o cinema, que sempre abre mais os horizontes das pessoas"
Arquitectura do Estado Novo	Turismo. A cidade tem muito mais gente e essa muito mais gente é turista.	Há dois problemas para quem vive no CH. 1 é o estacionamento, outro é barulho dos estabelecimentos nocturnos, não deles em si mas das pessoas quando vêm cá para fora.
Sem vida	Não houve muitas alterações à excepção do comércio que fechou	

Mapas

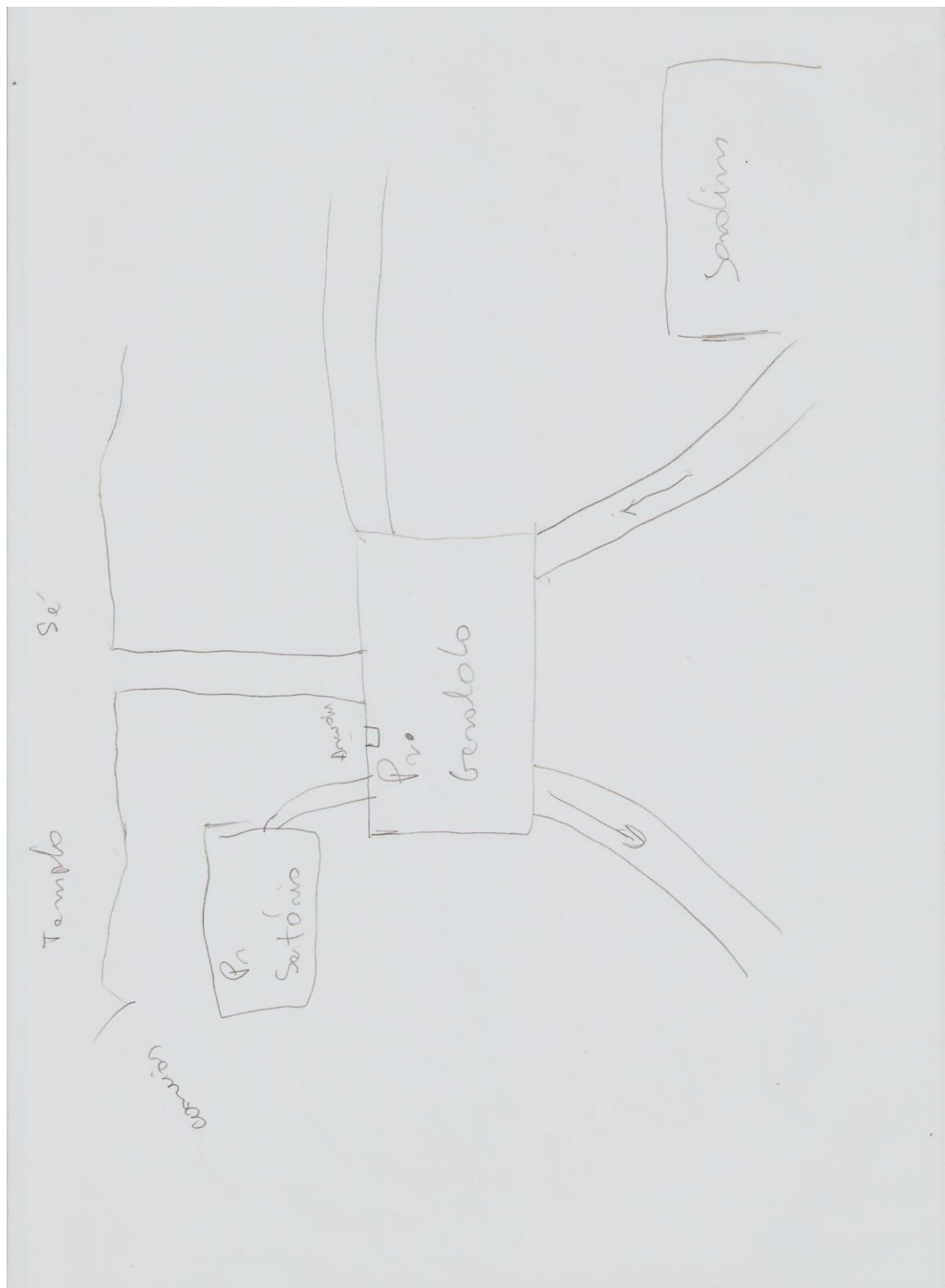


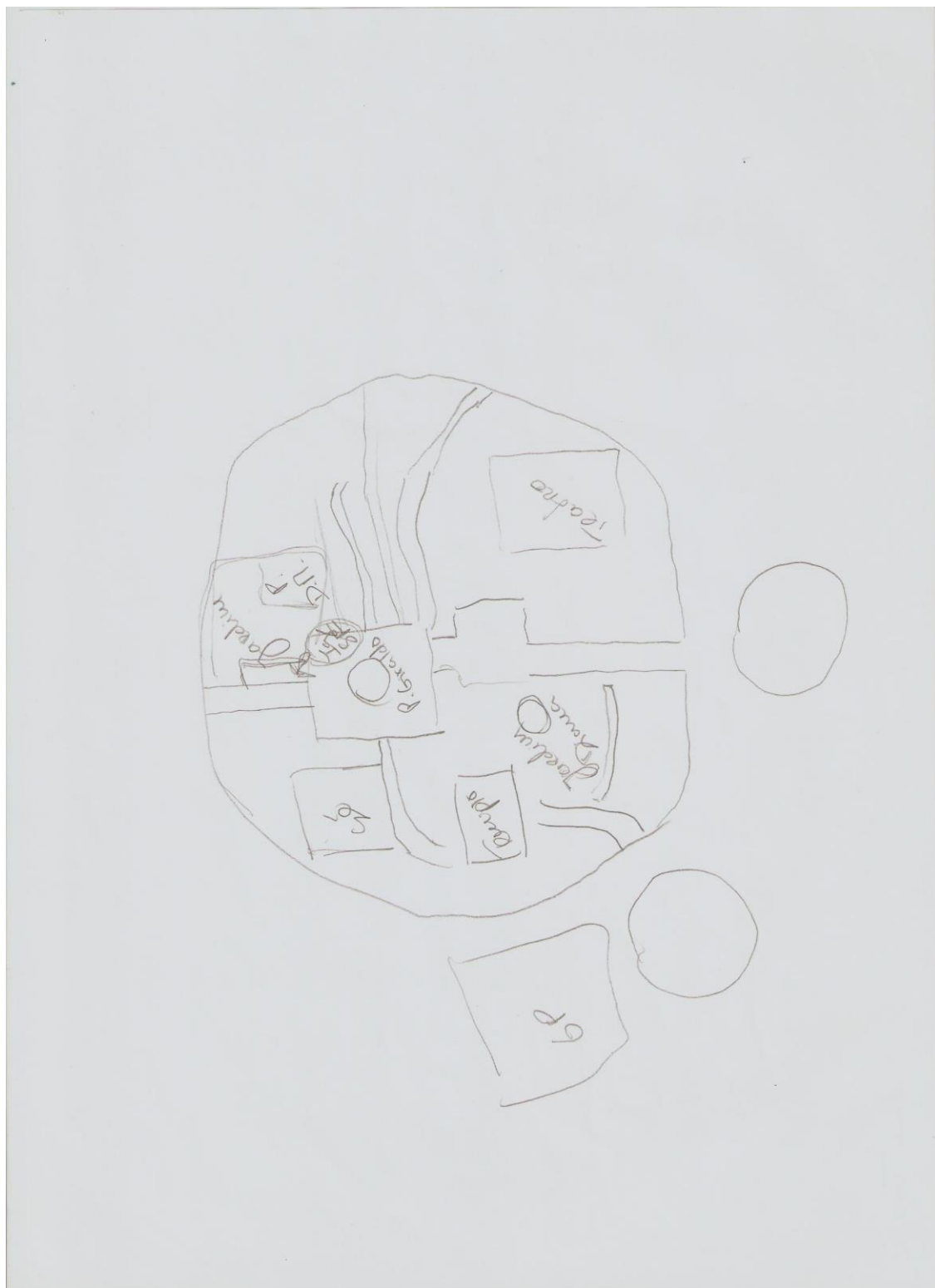




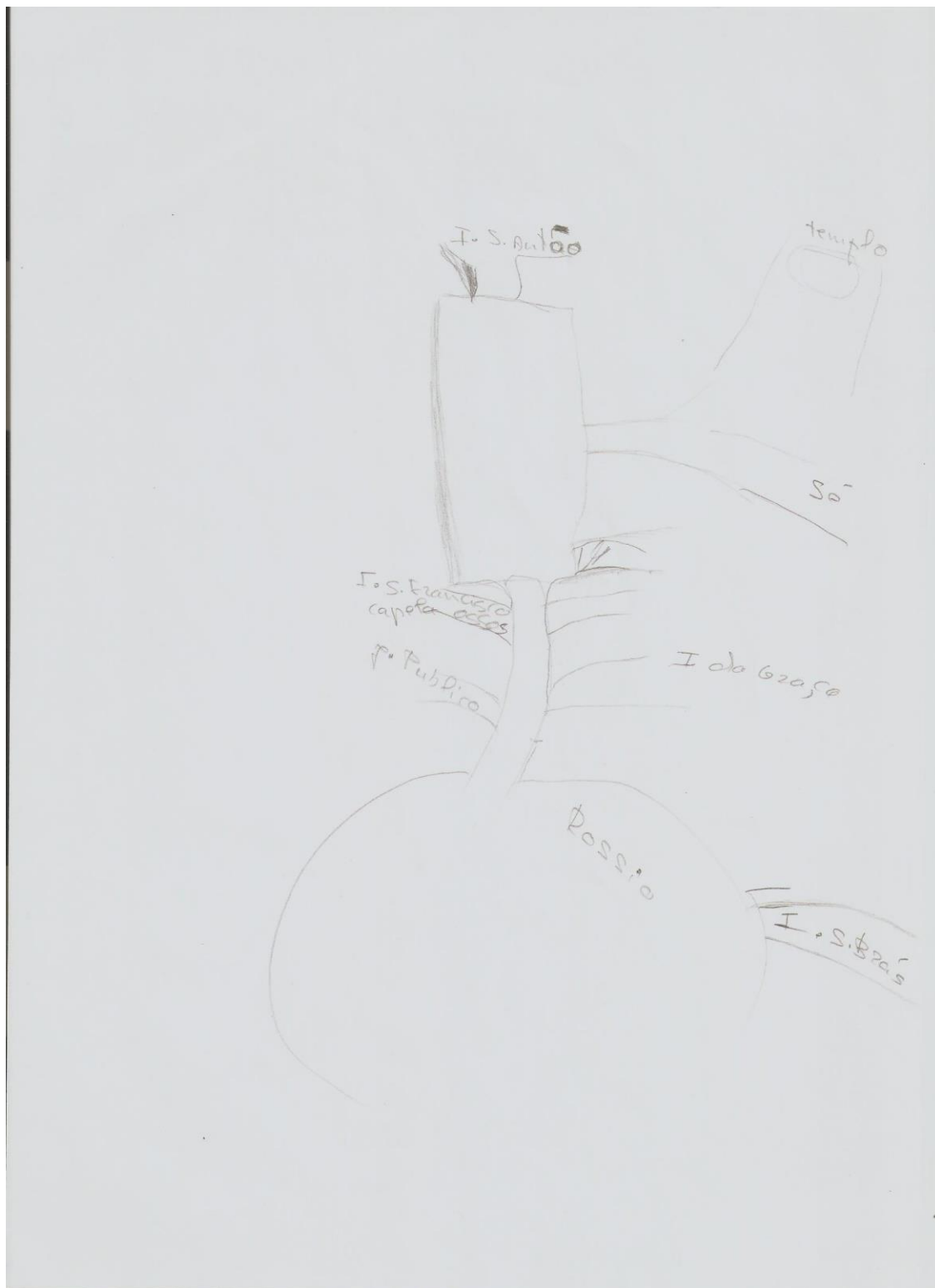


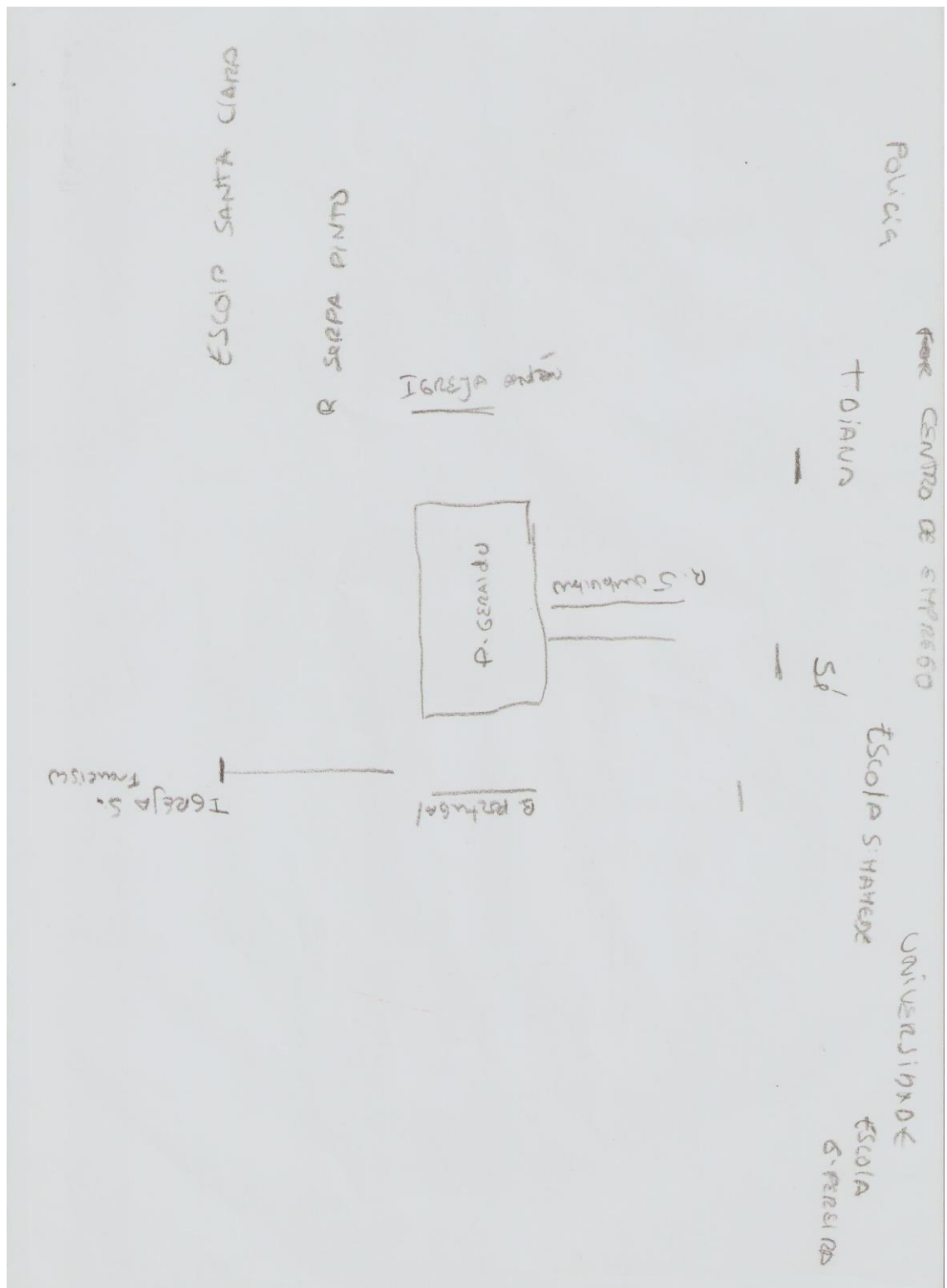
Travis
Amos

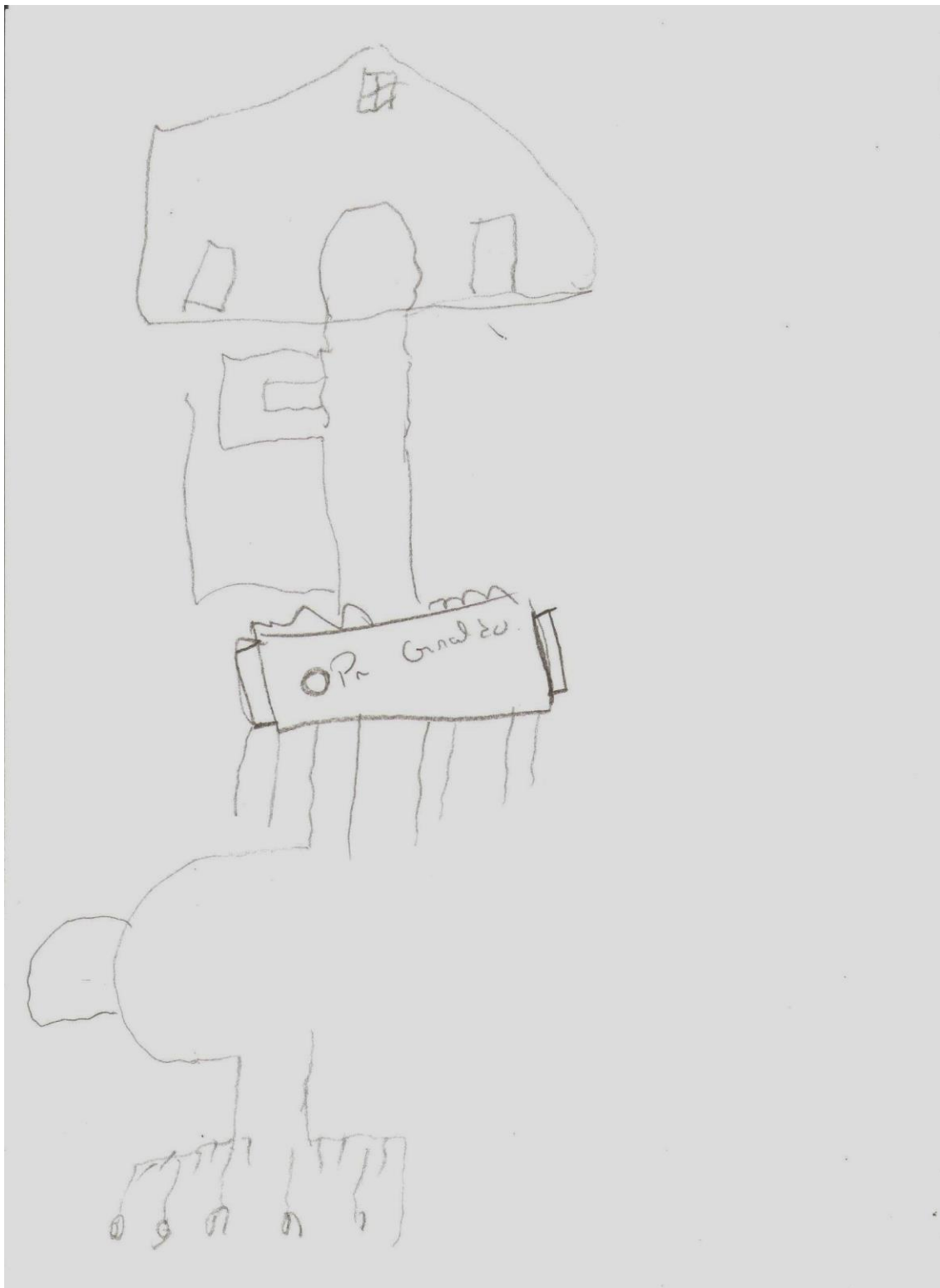




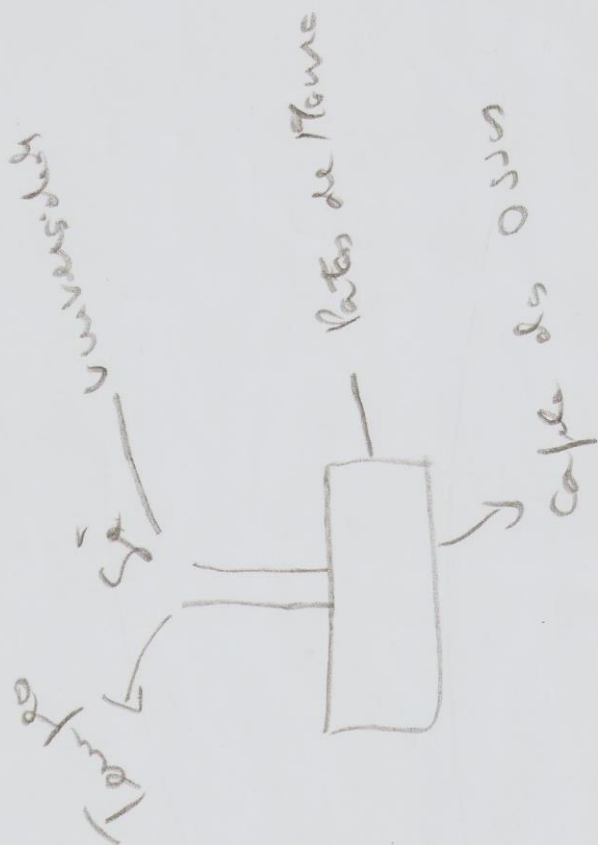


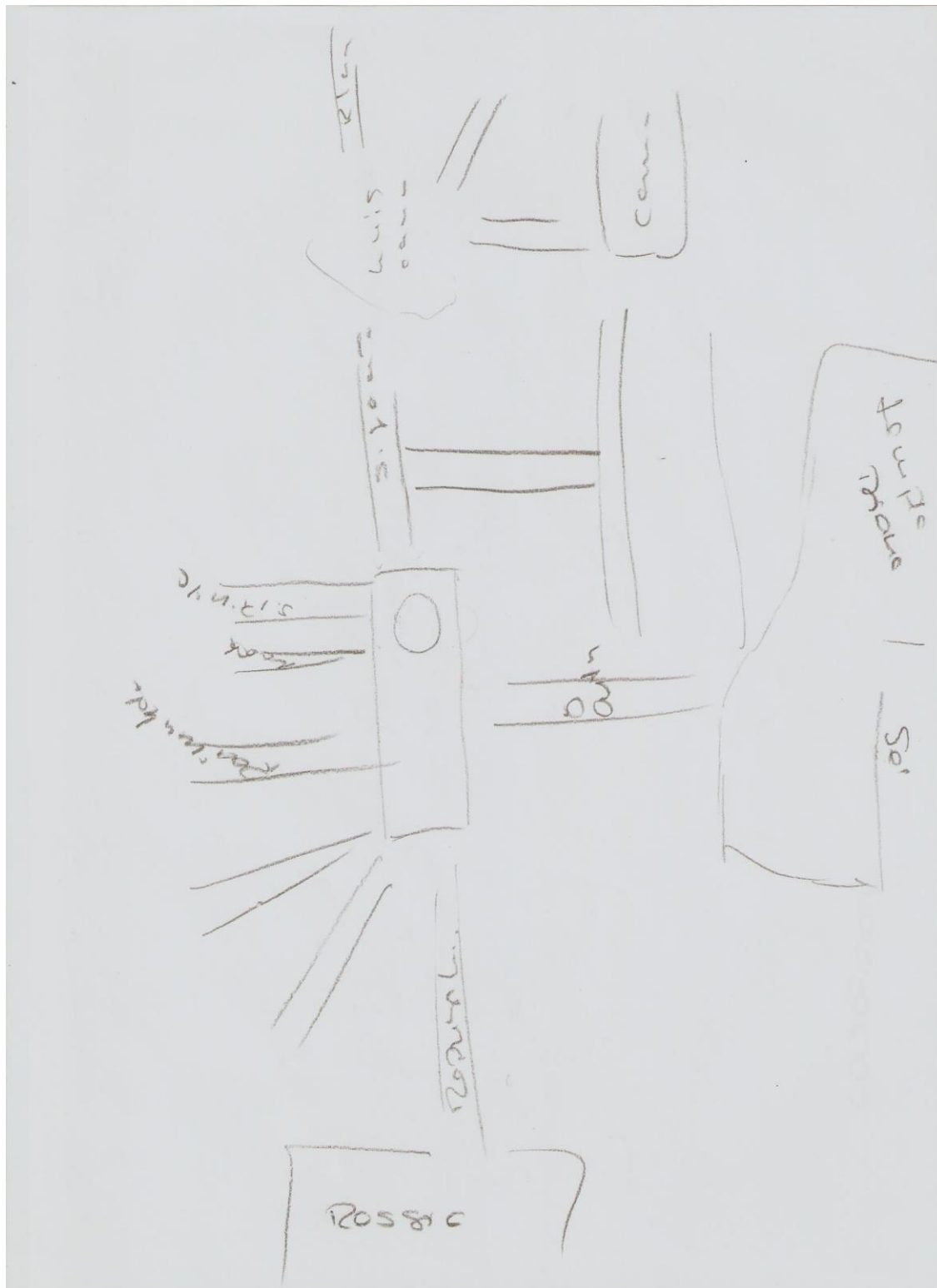


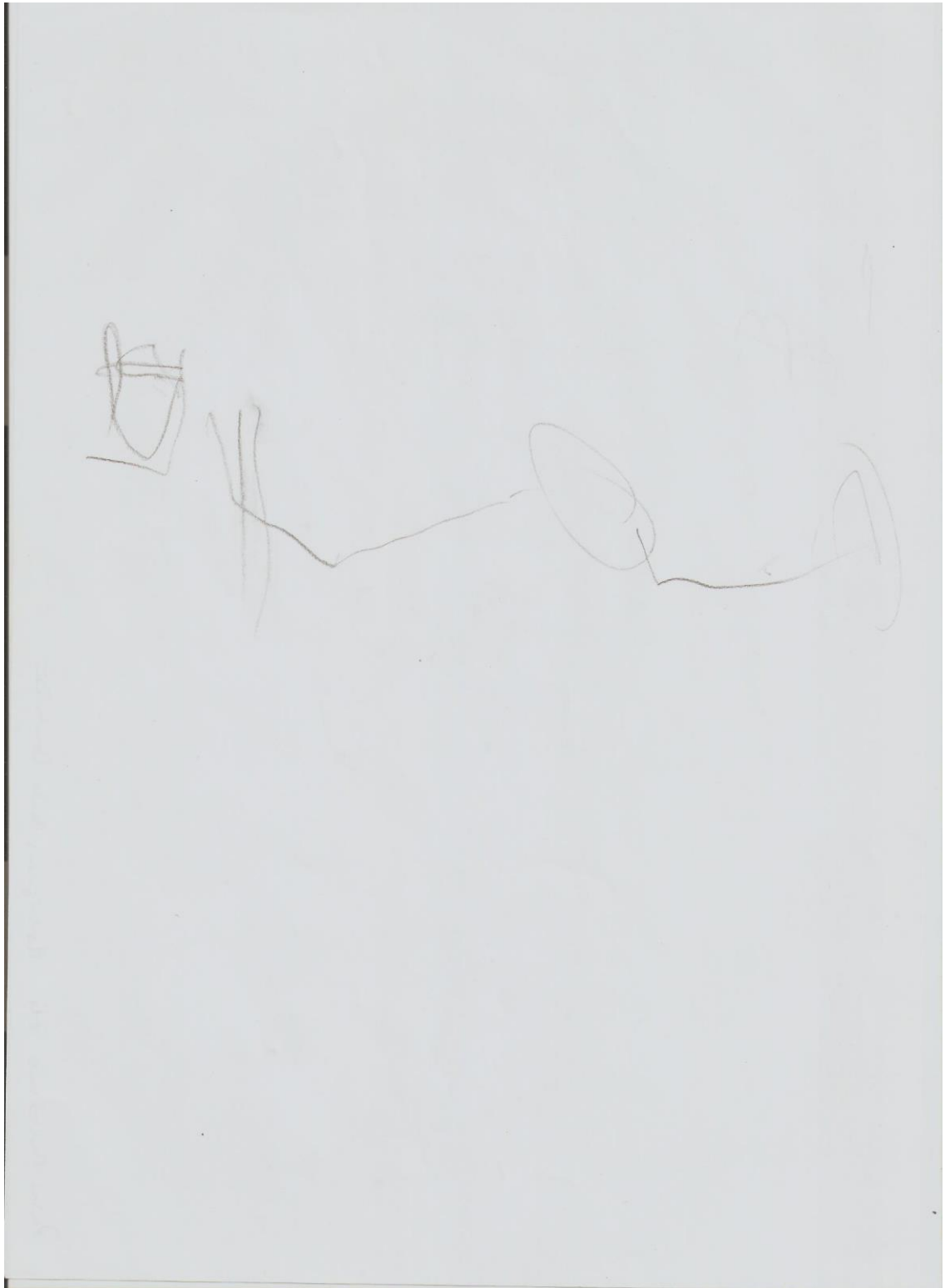


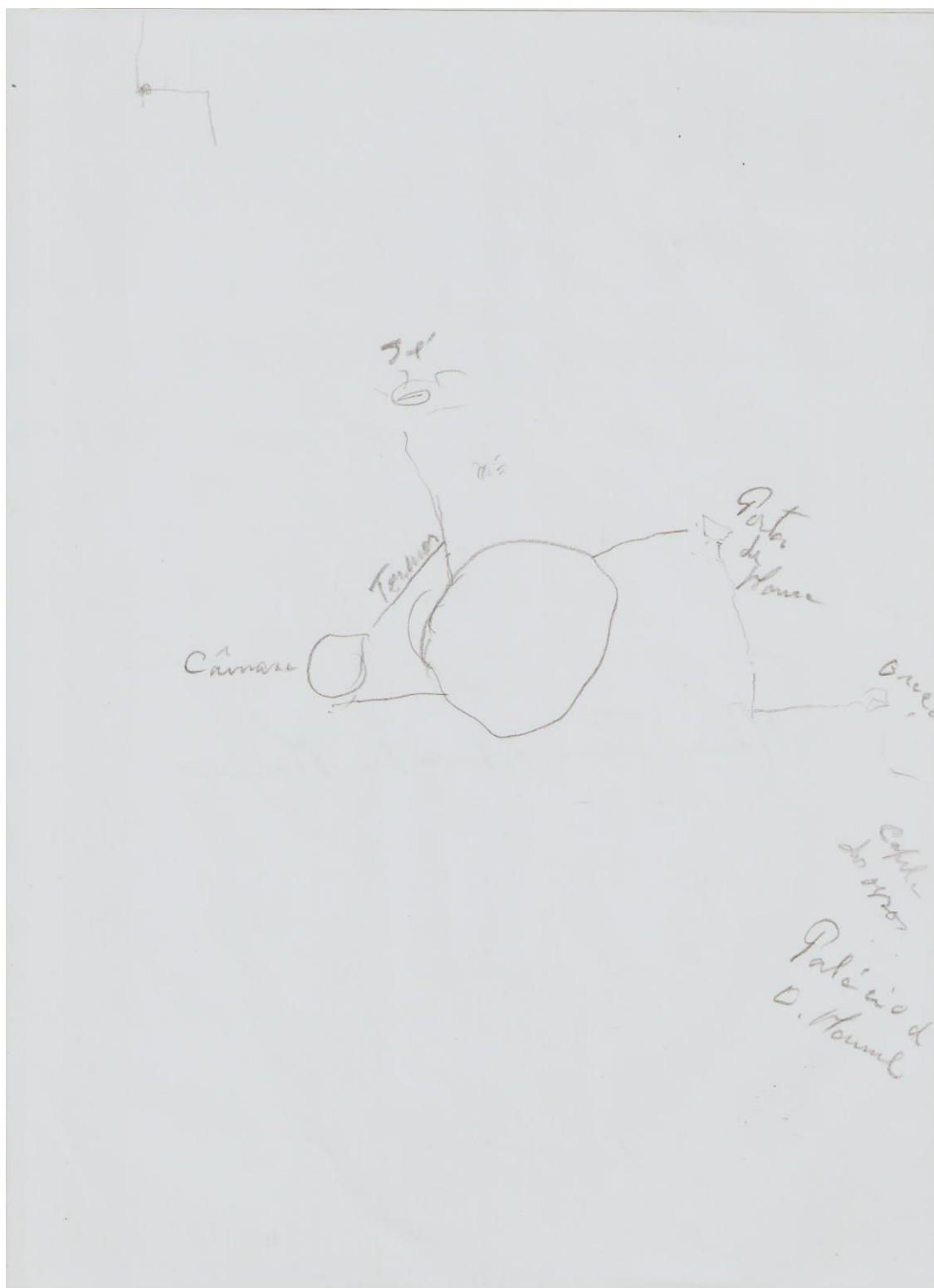


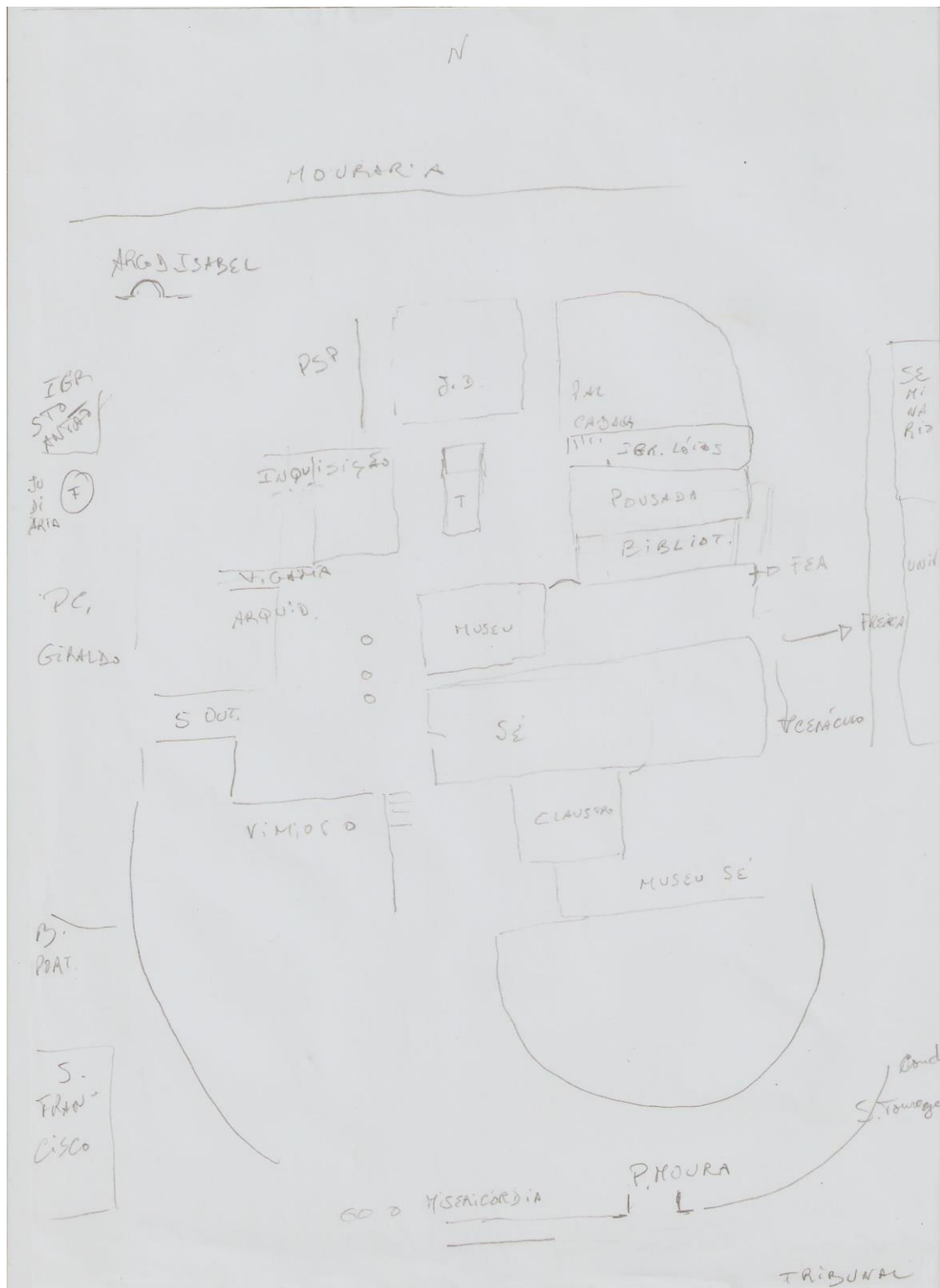
















Dificuldades

Esta recolha de experiências da vivência da urbanidade eborense permite-nos perceber de forma directa o que vai na mente do inquirido. Não se faz, porém, sem dificuldades. Enumerando-as:

- Encontrar pessoas que estejam dispostas a responder a este tipo de perguntas. Apesar de não se tratar de uma entrevista que requeira algum conhecimento prévio da parte das pessoas em relação à história da cidade, o primeiro sentimento em relação a este inquérito é de receio de não se saber o suficiente. Pelo contrário, ao entrevistar pessoas que possuem algum tipo de conhecimento em relação à história da cidade e aos seus monumentos, é difícil chegar a respostas sinceras no que toca às suas emoções para com o CH, uma vez que vêm uma oportunidade de pôr os seus conhecimentos em prática.
- Igualmente acontece quando se pede para esboçar o mapa da cidade. A primeira reacção dos inquiridos a esta questão é de receio e, às vezes, de impaciência por não terem referentes onde se apoiar nesta tarefa ou mesmo por pensarem que as suas capacidades artísticas, ou falta delas, os impedirá de completar o mapa. Também a aparente confusão de ruas estreitas e tortuosas do CH de Évora deixa os inquiridos com receio de desenhar o *layout* urbano (que, no entanto, é necessariamente muito esquemático, uma vez que é isso que lhes é pedido, sem exigências de escala ou de talento), sendo bastante comum o esquecimento momentâneo de algumas ruas de relativa importância. No entanto solicitando para que percorram determinado caminho de um ponto A a um ponto B, qualquer inquirido conhece vários caminhos, incluindo as ditas ruas tortuosas que ao início criaram alguma confusão.
- Dar indicações sem pensar em indicações turísticas. Numa cidade em que o turismo é uma parte bastante importante e activa na vida quotidiana das pessoas que vivem ou frequentam o CH, torna-se difícil para os inquiridos dar indicações que não se associem a lugares turísticos. Pelo que a maior parte das pessoas entrevistadas iniciaram o seu mapa com indicações, não de sítios administrativos, mas antes sim de pontos turísticos, que no entanto, acabam por ser também os pontos de referência dos habitantes da cidade.
- Chegar às emoções mais profundas dos inquiridos acerca dos lugares falados durante a entrevista torna-se mais difícil quando se liga o gravador. Principalmente no que toca a pessoas mais velhas, o gravador torna mais complexa a comunicação e a franqueza.

Notícias D'Évora | 23 de Dezembro de 1916 (notícia com a descrição segundo a qual foi possível deduzir a organização interior aquando da sua abertura)

"Salão Central Eborensense

Mais uma arriscada empresa acaba de se levar a cabo, devido ao grande esforço e boa vontade do nosso estimado assignante e conterraneo Sr. José Augusto Annes, que toda Évora conhece e a quem os seus habitantes tributam, com toda a justiça, a homenagem e respeito, a que teem direito os homens serios, honestos e dotados de bons sentimentos, que é o mesmo que dizer – os bons cidadãos.

José Augusto Annes – que é o proprietário do Hotel Eborensense, installado proximo do correio geral, ao Largo da Misericórdia, possuindo uma excellente casa junto do seu bello hotel, casa onde esteve uma fabrica de lanificios, cujos aparelhos foram ha pouco vendidos para Lisboa, lembrou se de a adaptar a casa de espectaculos publicos, visto que em Évora apenas existia n'esse genero o theatro Garcia de Rezende.

Se bem o pensou melhor o fez. Pondo em pratica o seu plano, conseguiu em poucos mezes levar a cabo esse grande empreendimento, fazendo no rez do chão uma excellente sala destinada a sessões cinematographicas, que tem 25 metros de comprimento por 12 e meio de largura, comportando 572 pessoas commodamente sentadas sendo 308 logares de cadeira e 264 de geral.

Na mesma sala foi construída uma galeria destinada aos logares de balcão, no genero da que existia no Palácio D. Manuel, com a diferença, porem de que é um pouco mais espaçoso, os degraus mais largos e os fauteils mais amplos, proporcionando aos espectadores a maxima comodidade e o realtivo bem estar. No balcão há uma porta à direita, que dá ingresso para um pequeno terrasso, muito bem illuminado, para onde os espectadores, podem, querendo, ir fumar ou cavaquear um pouco. N'esse terrasso existe um grande depósito em ferro, cheio d'água, em harmonia com as disposições do regulamento das casas de espectaculos.

A galeria a que nos referimos, está solidamente construida sobre grossas vigas de ferro, forradas de madeira, e comporta 212 fauteils muito elegantes e bastante espaçosos, onde se está perfeitamente à vontade.

A cabine está montada n'uma casa forrada de folha de ferro, tendo apenas a comunicar com a sala de espectaculos, o pequeno orifício por onde passa o foco eléctrico que vae reflectir no *ecrain*, havendo ainda n'essa casa a precaução necessária para vedar esse orifício com uma porta de ferro para isolar por completo a cabine em qualquer caso extraordinário que porventura possa dar-se.

A entrada para os logares da geral faz-se pela rua de Valdevinos, encontrando-se também ali installada a respectiva bilheteira. É também d'esse lado que está montado todo o machinismo para a produção da electricidade que alimenta a luz que em grande abundância se vê distribuído por todo o edifício, principalmente na grande sala de espectaculos onde há lâmpadas que dão luz correspondente a 2980 vellas.

Ainda do lado da rua de Valdevinos e proximo da casa das machinas, está installado o escriptorio da empreza, havendo alli um logar reservado para arrecadação do material cinematographico, fitas e diversos accessorios.

A sahida para os espectadores da geral é feita par a rua de Valdevinos, pela mesma porta da entrada; a dos espectadores das cadeiras pelo Pateo do Salmea e porta principal que dá também sahida aos espectadores do balcão.

Ao fundo da casa ha ainda um pequeno gabinete destinado a guardar fatos e chapéus do pessoal empregado nos differentes misteres.

A entrada para os logares de cadeiras e balcão faz-se pela porta principal do edifício, que fica quasi fronteira às escadinhas denominadas de S. Vicente.

Penetrando-se no vestibulo, temos à esquerda a bilheteira, junto da qual fica o bengaleiro d'um lado, e do outro um pequeno *toilette* para as senhoras e mais ao lado a competente casa para guardar chapéus, retrete, etc.

Da direita, ainda no rez do chão, temos a entrada para os mictorios e retrete para homens, seguindo-se uma escada de madeira, em forma de caracol, que dá comunicação para o primeiro andar, onde os espectadores encontram um bom serviço de restaurante, n'uma ampla casa, muito bem ventilada, com janelas para a rua, muita luz, e sobretudo muito aceiada, havendo alli em grande abundancia, mezas e cadeiras apropriadas aquellas casas.

A mesma escada de caracol, que tem 68 degraus, dá ingresso ao segundo e terceiro andares, onde igualmente existem boas casas destinadas a outros recreios, havendo por ultimo, um grande terrasso d'onde se avista grande parte da cidade e os campos, n'uma extensão enorme.

Embora em mal alinhavada prosa, pretendemos demonstrar aqui aos nossos estimados leitores, a forma como estão installadas todas as dependencias da nova casa de espectaculos que hoje vai abrir as suas portas ao publico, sob a denominação de *Salão Central Eborense*.

Esqueceu-nos porem fazer referência à parte externa do edifício, que tem um lindo aspecto e é também illuminada, em toda a sua extensão, por lâmpadas electricas de grande força, o que produzirá um deslumbrante effeito em noites de espectáculo.

O que é necessário agora é que o publico saiba corresponder, na medida das suas forças, aos esforços alli empregados pelo proprietário e emprezário d'aquella casa de espectaculos, Sr. José Augusto Annes, que, sem olhar a despezas, alli introduziu as

possíveis comodidades para proporcionar aos seus conterraneos, n'estas grandiosas noites de inverno, uns serões bem passados.

Pela nossa parte, auguramos ao proprietário ao *Salão Central Eborense*, todas as felicidades de que é digno e muitas «enchentes» para a sua casa de espectaculos, para as quaes faremos a deligência de contribuir com as nossas noticias e reclamos.

Tencionamos fazer acompanhar a descrição que acima fazemos do salão cinematographico, com os clichés representativos da fachada e interior do referido salão, mas não nos foi possível por enquanto adquirir as respectivas photographias.

#

O programa para o espectáculo de inauguração é assim constituído:

1ª. parte

Sinfonia – Actualidades Gaumont – rapido em perigo (1000 metros, duas partes) – Fatty aviador

2ª.parte

Sinfonia – Presidiário nº 103 (em 3 partes, 1500 metros) – Fricot conquistador

A orchestra que abrilhanta o espectaculos é regida pelo Sr. J. J. Nicolau Junior.

Os preços das entradas são os seguintes:

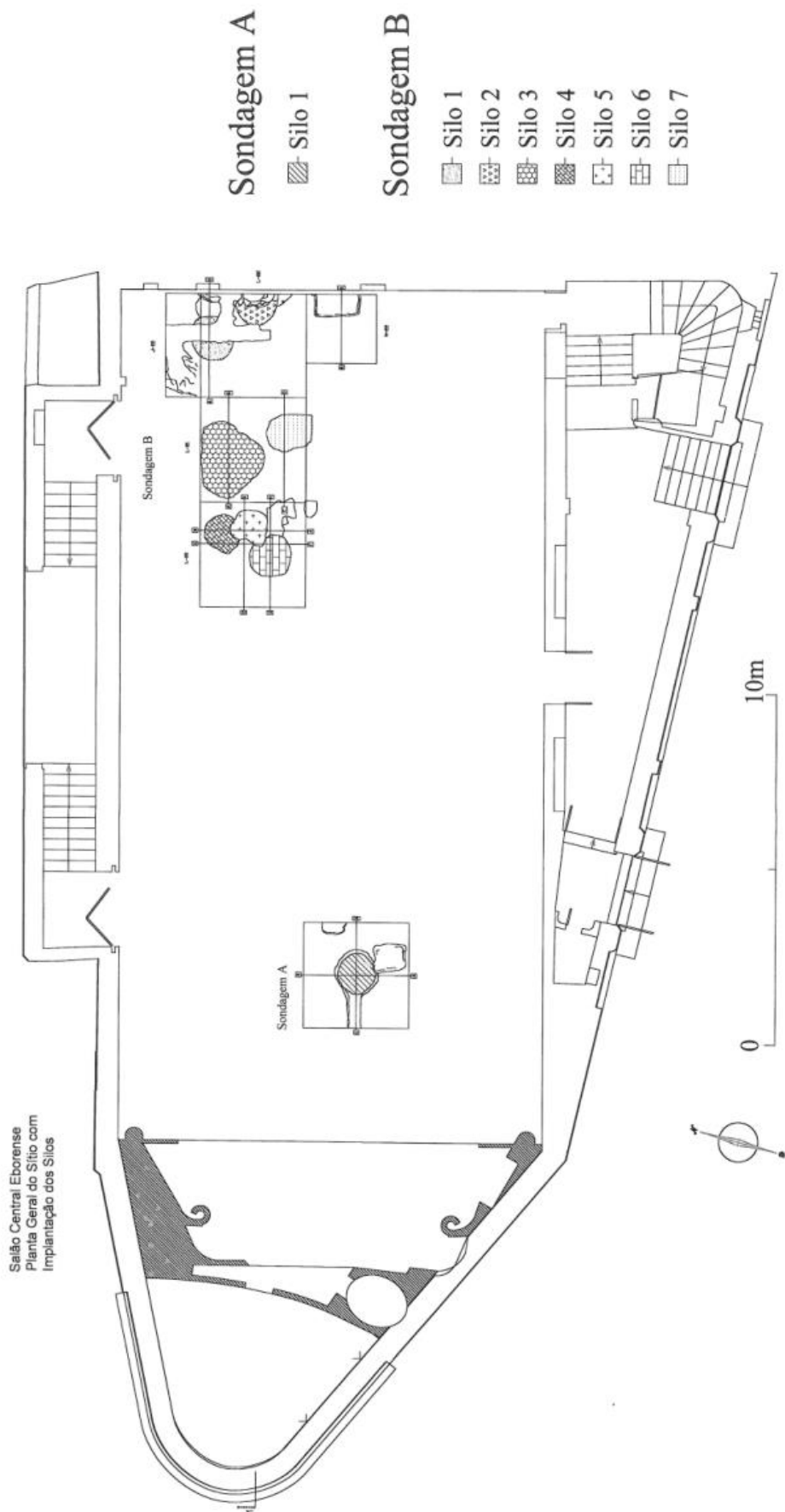
Balcão, 200 réis; cadeiras, 140 e geral, 80 réis."

Arqueologia – conclusões das sondagens e escavações

“Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na área interna do Salão Central Eborense revelaram abaixado piso de enrocamento da plateia estruturas relacionadas com a pequena indústria de lanifícios e tintagem de lãs que se sobrepunham a diversos silos, claramente medievais. As estruturas relacionadas com a indústria de lanifícios, mostravam elevados níveis de destruição, seguramente, originados pelas várias fases de construção e reconstrução da sala de espectáculos. Destas estruturas a mais notável era o fundo de um pequeno tanque, claramente, relacionado com lavagem de lãs, atribuível aos finais do século XIX. Sob as estruturas da manufactura e abertos no solão granítico proliferavam sete silos abertos e utilizados durante a Idade Média. Estes silos e atendendo aos materiais recolhidos no seu interior, terão deixado de ser funcionais e entulhados intencionalmente em meados do século XV, ou inícios do século XVI. Apresentando grande capacidade volumétrica evidenciam um nítido espaço de armazenamento de cereais neste local. Torna-se interessante realçar a transformação em poço, em data que não foi possível determinar, do silo nº7. O estado de desagregação do granito deste silo/poço inviabilizou a sua escavação integral.

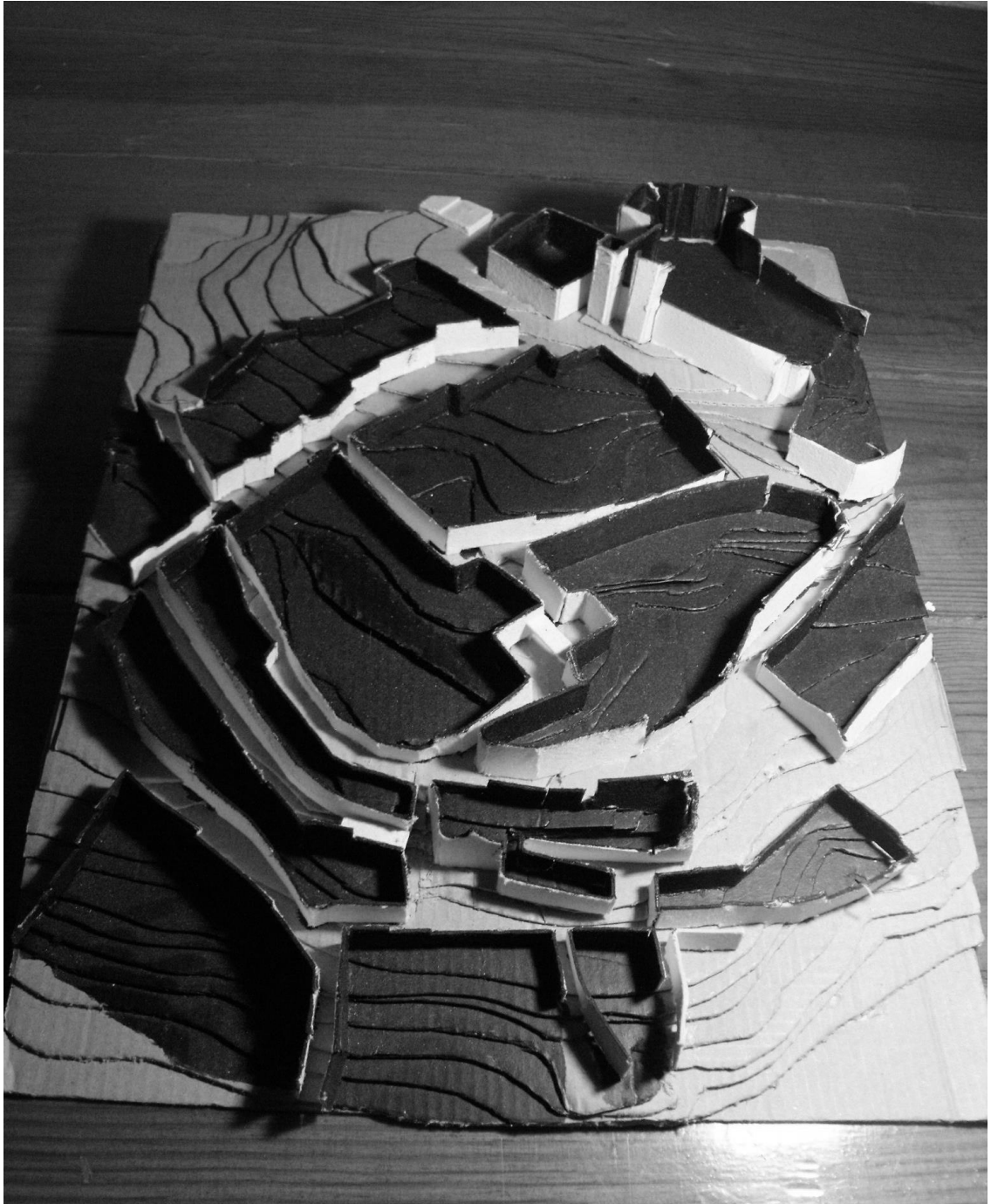
A constituição, em amalgama dos enchimentos dos vários silos mostram que o seu encerramento foi intencional e num só momento. Os entulhos que preenchiam os silos parecem ter resultado de terras com restos de materiais de construção e cerâmicas de contenção de diferentes épocas existentes nas imediações. O elevado grau de humidade que se reconhece no local terá contribuído para o estado de degradação dos poucos objectos metálicos identificados. Os numismas recolhidos, maioritariamente ceiteis(?), apresentam-se, igualmente, muito degradados inviabilizando, praticamente, a sua correcta leitura.

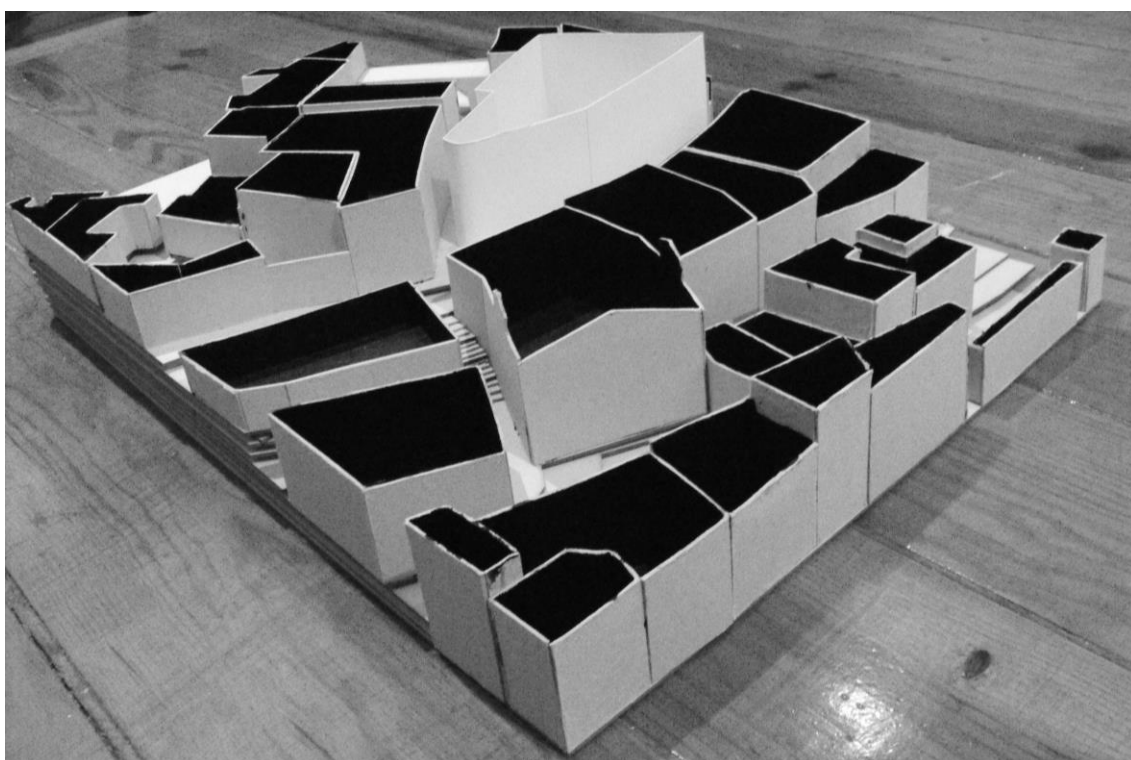
Atendendo a fortíssima concentração de silos detectados nas duas sondagens abertas, tudo indicara que a restante área a afectar com as obras de reabilitação do Salão Central se irão identificar mais silos. Pensamos ser aconselhável um acompanhamento cuidado da remoção prevista das terras e eventual escavação integral dos que vierem a ser sacrificados pela escavações de obra.”

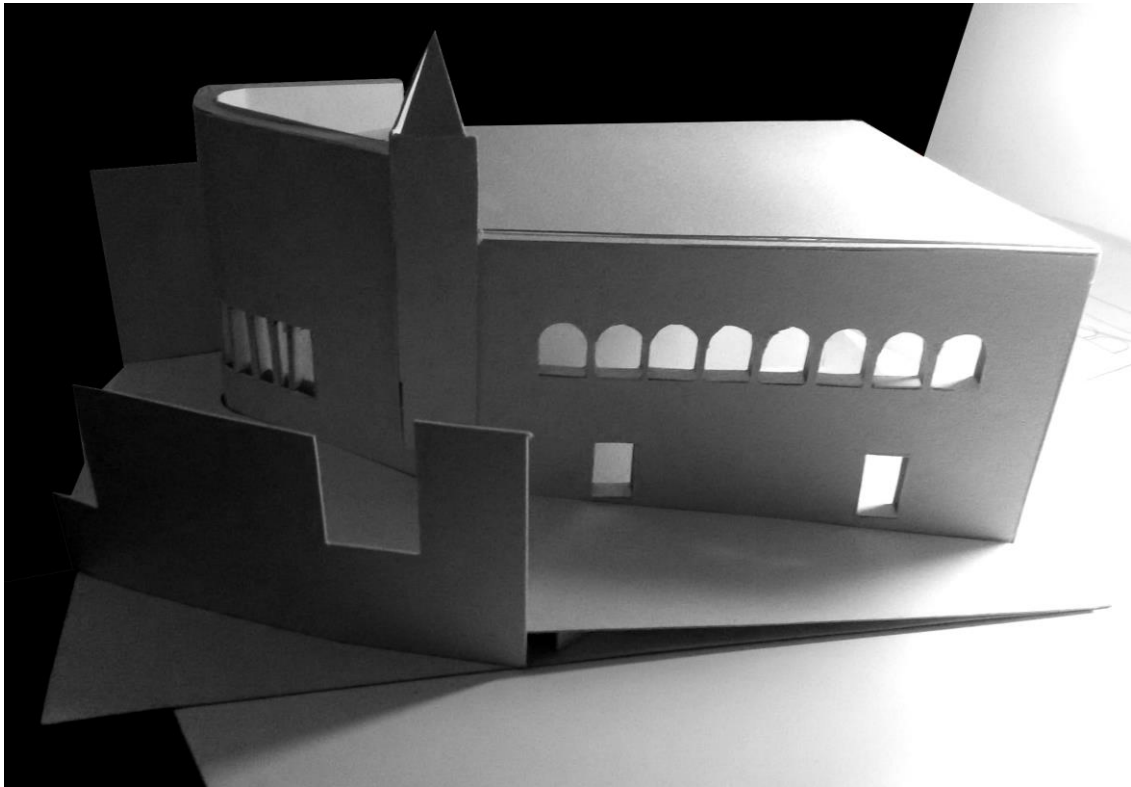
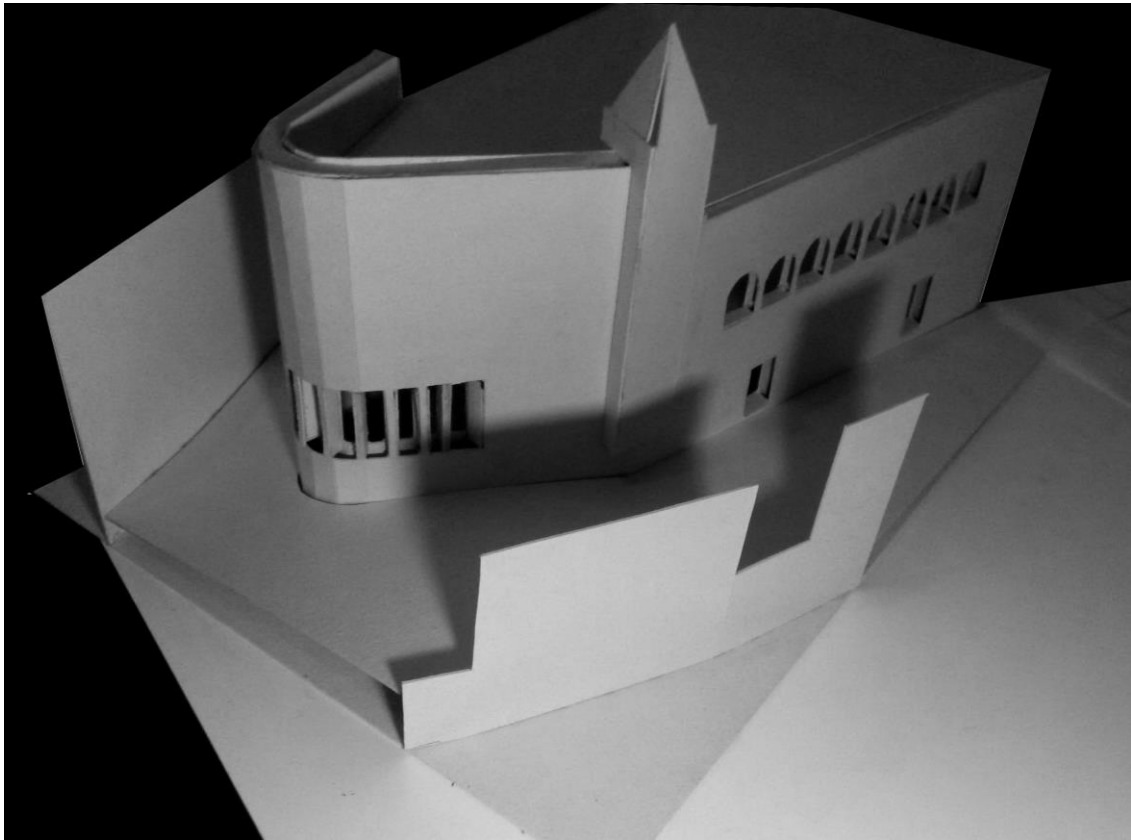


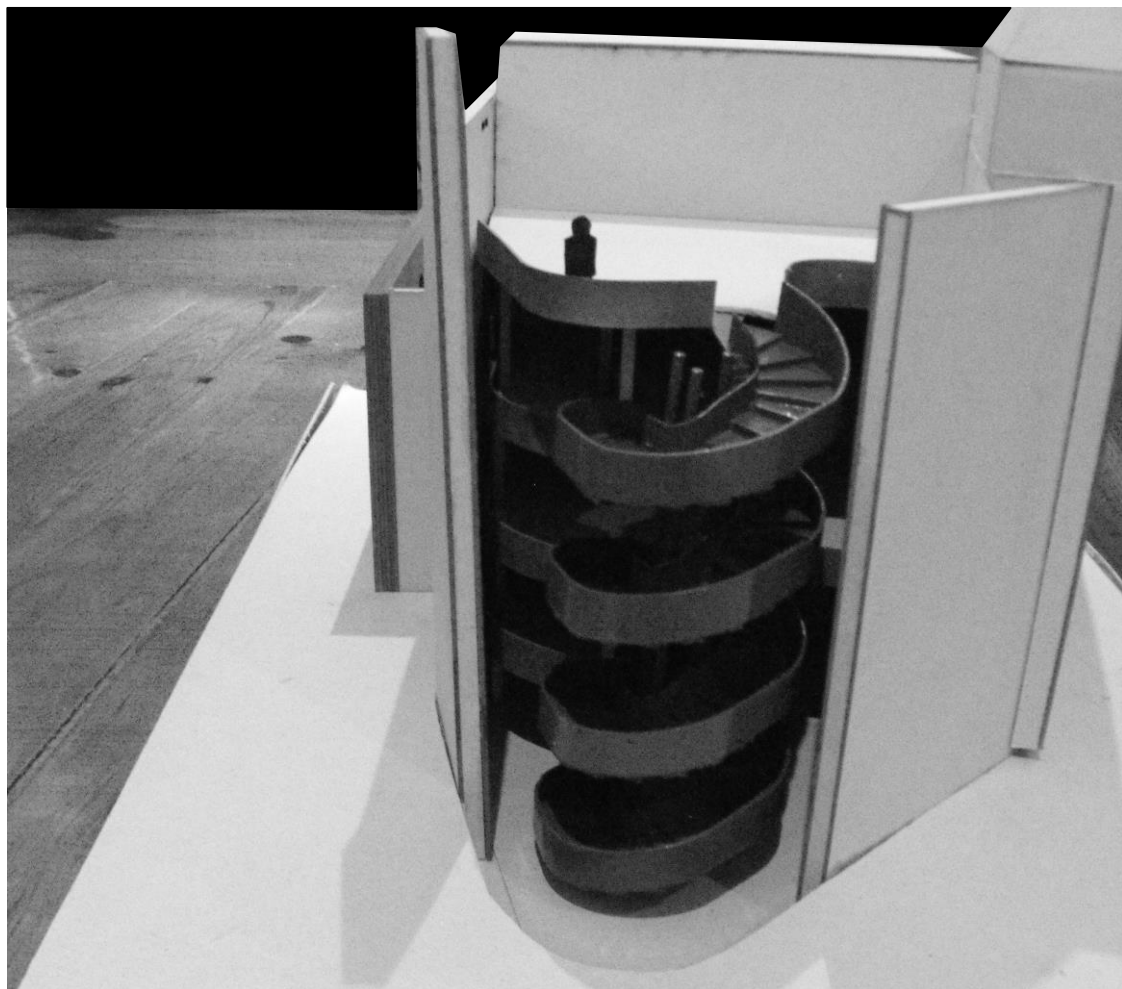
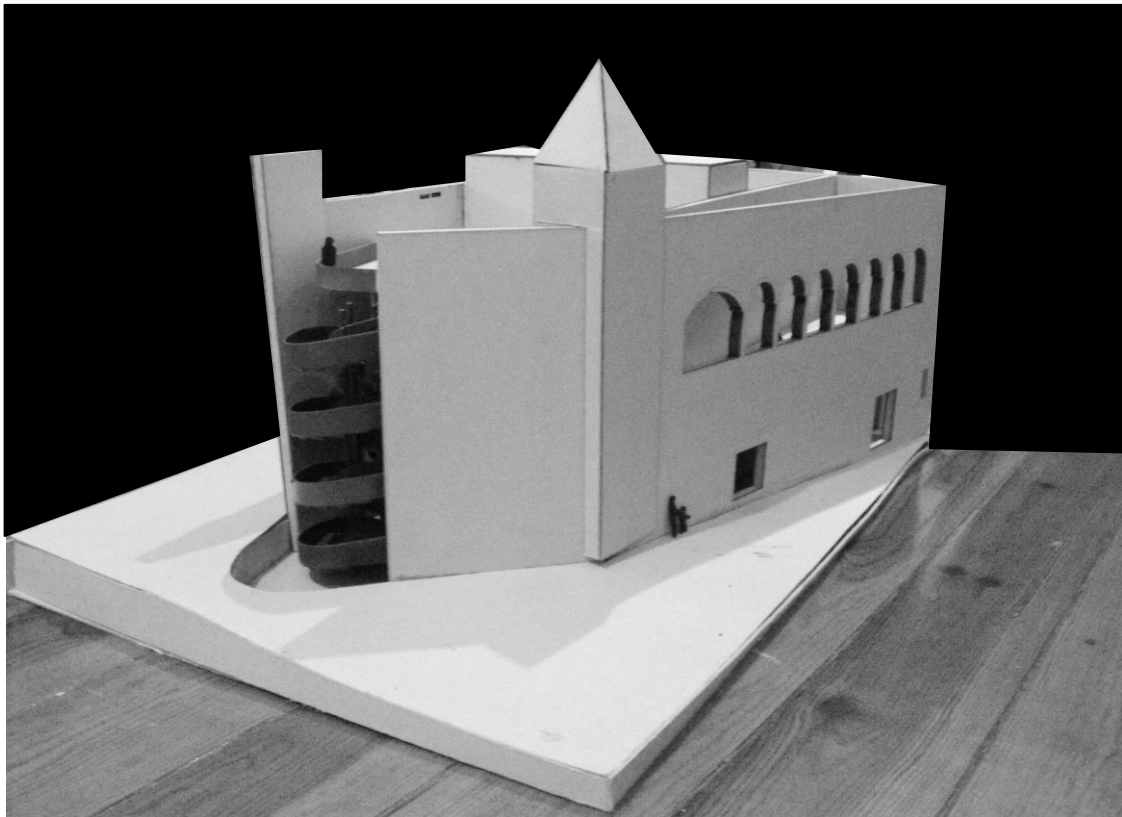
Maquetes





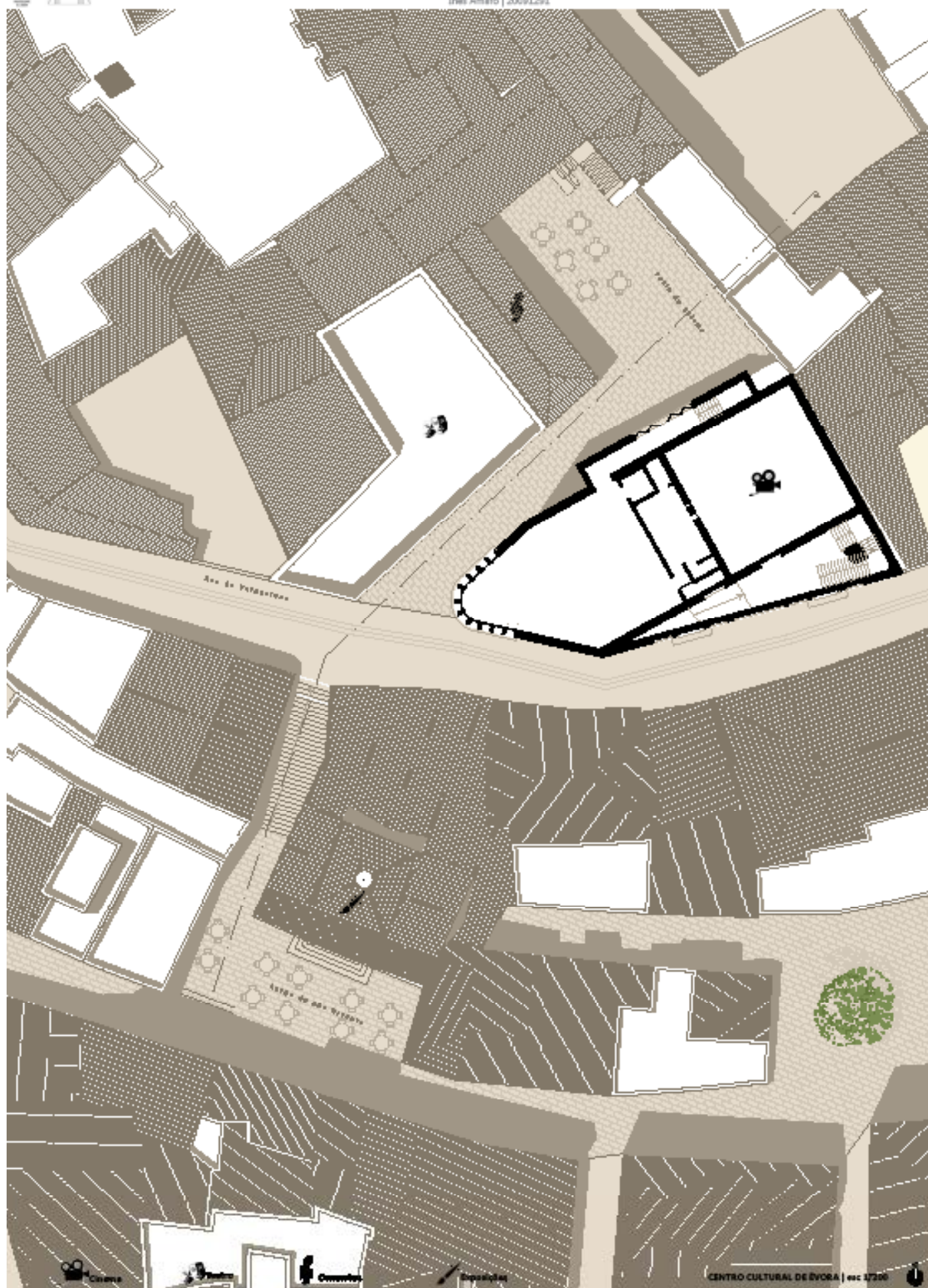


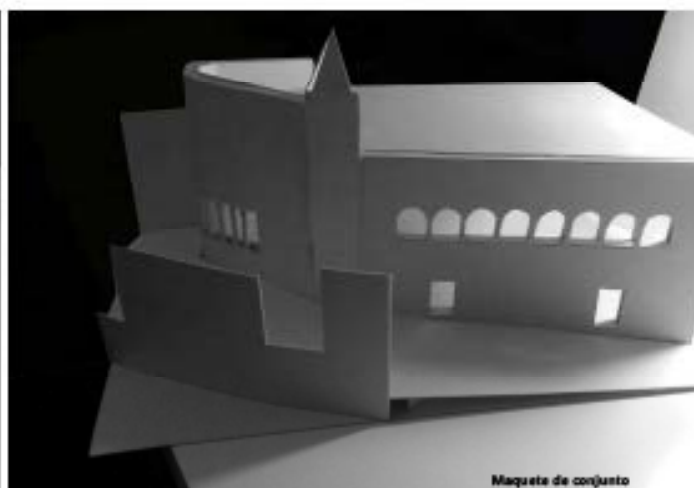
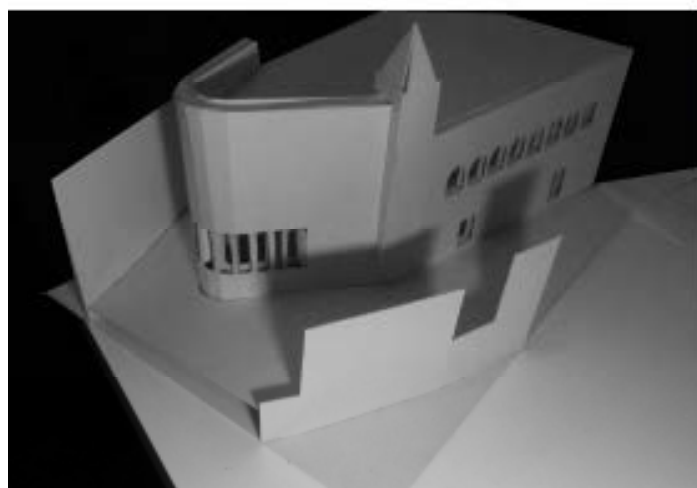
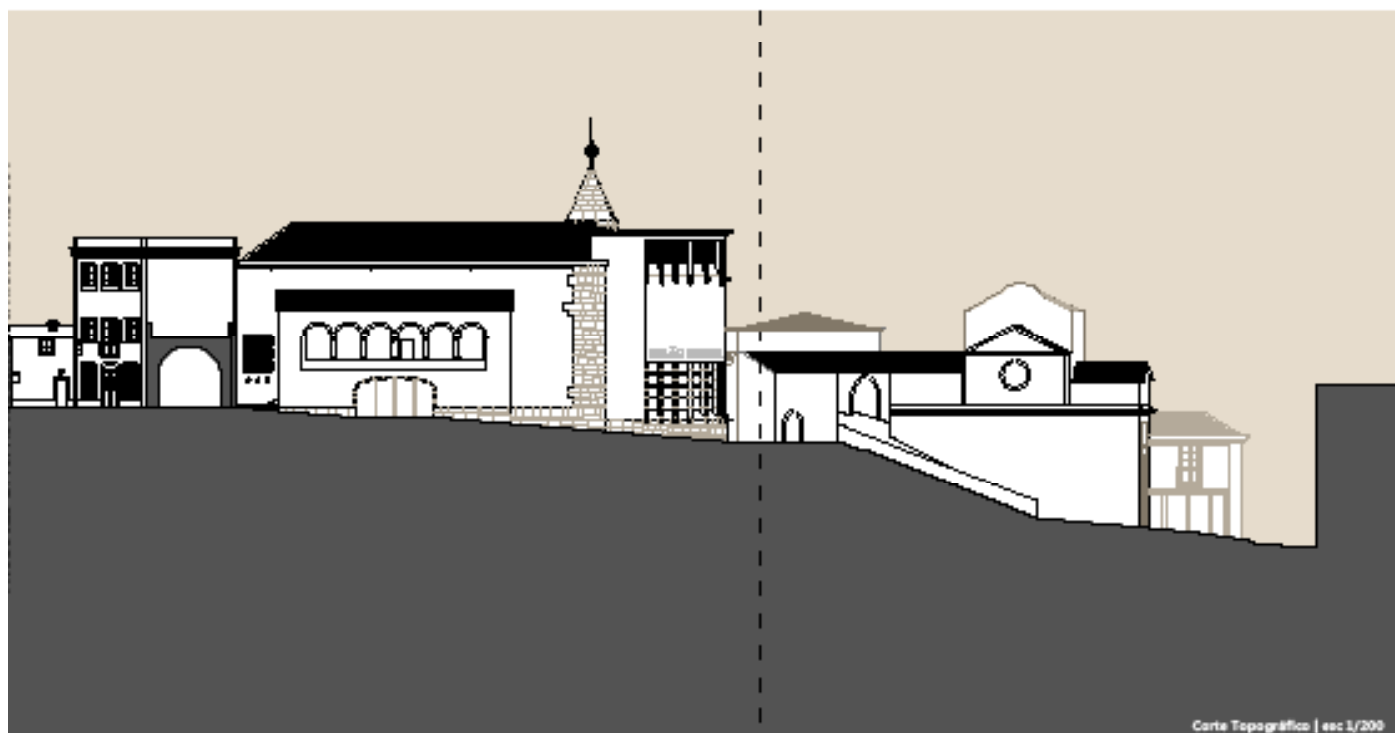




PAINÉIS FINAIS







Maquete de conjunto



Piso 0

LOCALIZAÇÃO
LUGAR ICÓNICO DO SÉCULO XX
RELAÇÃO COM O PÁTIO DO GALEMA
PAREDES EXTERIORES EM BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO

STRENGTHS



Piso 1

DEGRADAÇÃO
DIFÍCIL ACESSO PARA PESSOAS DE MOBILIDADE REDUZIDA
ESCALO MUITO DE VÃOS
ESTRUTURA DE BETÃO IRREGULAR E DE DIFÍCIL INTEGRAÇÃO EM NOVO PROJECTO

WEAKNESSES



Piso 2

INTEGRAÇÃO EM NÚCLEO CULTURAL
LUGAR DEDICADO À 7.ª ARTE
REACTIVAÇÃO DA MEMÓRIA COLECTIVA DA POPULAÇÃO
REARTICULAÇÃO COM A ENVOLVENTE

OPPORTUNITIES



Piso 3

ESQUECIMENTO / DEGRADAÇÃO PELO PROGRESSIVO ABANDONO DO CENTRO HISTÓRICO POR RESIDENTES E COMERCIANTES
CONCORRÊNCIA COM SALAS DE CINEMA EM CENTROS COMERCIAIS FAZTA DE PÓBLICO

THREATS



Piso 4

	Área de apoio		Sala de cinema
	Sala de projecção		Instalações sanitárias
	Cafetaria e espaços com espaço para pequenas exposições		Espaço de circulação e de estar
	Arquivo e sala de películas		Espaço de conforto e sossego

